

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Wagner Saback Dantas

**UMA PROPOSTA DE (RE)ANÁLISE ESTILÍSTICA DA
FALA NARRATIVA NA ENTREVISTA
SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA**

Florianópolis (SC)

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Wagner Saback Dantas

**UMA PROPOSTA DE (RE)ANÁLISE ESTILÍSTICA DA
FALA NARRATIVA NA ENTREVISTA
SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora, UFSC: Prof^ª. Edair Maria Görski, Dr^ª.

Florianópolis (SC)

2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dantas, Wagner Saback

Uma proposta de (re)análise estilística da fala
narrativa na entrevista sociolinguística laboviana / Wagner
Saback Dantas ; orientadora, Edair Maria Görski -
Florianópolis, SC, 2013.

152 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Estilo e Variação Estilística. 3.
Entrevista sociolinguística. 4. Árvore de Decisão. 5.
Labov. I. Görski, Edair Maria. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
III. Título.

Wagner Saback Dantas

**UMA PROPOSTA DE (RE)ANÁLISE ESTILÍSTICA DA
FALA NARRATIVA NA ENTREVISTA
SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA**

Esta Dissertação foi julgada aprovada para a obtenção do Título de “Mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Florianópolis (SC), 05 de abril 2013.

Prof. Heronides Maurílio de Melo Moura, Dr.
Coordenador

Banca Examinadora:

Prof^a. Edair Maria Görski, Dr^a.
Orientadora, UFSC

Prof^a. Cláudia Regina Brescancini, Dr^a., PUCRS

Prof^a. Izabel Christine Seara, Dr^a., UFSC

Prof^a. Izete Lehmkuhl Coelho, Dr^a., UFSC

À minha avó Helita e aos meus saudos-
tios Antônio, Átila, Dival e Vânia (*in me-
moriam*);
Aos meus pais Graça e Fernando, referências;
Ao meu irmão Fábio e à minha sobrinha
Thaís, a quem quero bem;
A Elvis Kempes e a Davi Lemos, sempre
comigo;
À minha esposa Noemi, minha compa-
nheira;
Aos muitos que vejo, de quem sou copar-
ticipante e que não cabem aqui.

AGRADECIMENTOS

Bem sei que este é um espaço para os agradecimentos a quem sempre nos ajuda. Mas peço licença ao leitor para quebrar o protocolo, com que se escreve largamente o texto contido neste trabalho, para rememorar um antecedente importante que faz parte da história desta dissertação. É nesse antecedente que esta dissertação se funda fortemente. É a partir dele que se desdobram os meus variados agradecimentos.

Me lembro quando saímos Noemi e eu de Lisboa, Portugal, em setembro de 2009. Vínhamos de uma grande sorte de experiências, motivados de início por uma oportunidade que me concedera o Programa AlBan (hoje, inexistente com esse nome, e a quem presto o meu oportuno agradecimento aqui), programa de mobilidade acadêmica para que latino-americanos estudassem em nível de pós-graduação na União Europeia. Viajara em outubro de 2007 para Lisboa no intuito de prosseguir com os meus estudos. O intento seria para um doutorado no curso de Engenharia Informática na Universidade de Lisboa.

No entanto, não me foi possível completá-lo. Não tive a força suficiente para completá-lo. Em um gesto de que muito me orgulho até hoje, abandonei o doutorado. Um gesto de vida, incompreensível para alguns (não haveria de ser de outra maneira, nunca se entende de tudo nesta vida), surpreendente para outros (os que me conheciam na superfície), óbvio para tantos outros (os que me conheciam com mais acuidade).

Voltamos para o Brasil. Na minha cabeça, um objetivo: queria me envolver com os estudos linguísticos, um desejo desde o início do meu percurso acadêmico quando estudante de graduação em Ciência da Computação na Universidade Federal na Bahia entre os anos de 1999 e 2003.

Fui recebido pela Prof^a Izete Coelho nos corredores do Departamento de Letras Vernáculas da UFSC. Era novembro de 2009. Izete havia sido minha professora numa disciplina de Semântica em 2006, numa época em que eu havia tentado um curso de Letras Alemão na UFSC, primeiro ensaio para o meu ingresso na Linguística. Ademais, ela era especialista em estudos sobre variação linguística, área de inte-

resse na Linguística em que muito me interessava. Não à toa: há pouco tempo, eu estivera em Lisboa, um espaço de visível convívio entre, pelo menos, variedades linguísticas nacionais do português.

Sem rodeios, lhe disse sobre a minha experiência em Lisboa e sobre a minha intenção de tentar uma pós-graduação na PPGLg (Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC). Após conversarmos, Izete me sugeriria a leitura de uma tese de um ex-orientando, Marco Antonio Martins (hoje, professor) na área de Linguística Histórica.

Com muita alegria, recebi a oportunidade de ler a tese de Marco. Izete e eu voltaríamos a conversar meses depois.

Em fevereiro de 2010, salvo engano, me encontrava de novo com Izete na UFSC. Dessa vez, em sua sala de trabalho. Estava acompanhada da Prof^a Edair Görski, que não conhecia até então. Era o retorno da minha primeira conversa com Izete no ano anterior. Declarava a Izete o meu desejo de frequentar uma disciplina de pós-graduação na área de Sociolinguística. A única oportunidade à época seria participar de uma disciplina sendo oferecida em caráter excepcional, voltada, a princípio, tão somente aos orientados de ambas professoras. A disciplina se chamava “Seminários Especiais em Sociolinguística: Variação Estilística”. Após muitas ponderações por parte delas sobre o quão complicada seria a minha inserção naquela disciplina (e elas sempre tiveram razão para apresentarem esse cuidado), fui aceito como aluno-ouvinte. Era o terceiro passo.

Sempre acreditei no poder da colaboração e da solidariedade entre nós. O meu período naquela disciplina excepcional, pela oportunidade rara e pelo ambiente em sala de aula, me mostrou claramente que sempre é possível construir o que costumo dizer, em tom de brincadeira, de “colaboração acadêmica”. Sou um exemplo de alguém beneficiado pela colaboração acadêmica.

Dentro daquela sala de aula em que ocorriam as atividades daquela disciplina, fui promovido a aluno especial na PPGLg. Dentro daquela sala, surgiu o mote para o desenvolvimento do projeto desta dissertação, o que me levou, mais tarde, a enfrentar a desafiadora seleção da PPGLg, me tornar aluno regular na mesma PPGLg, depois entrar para o VARSUL (Grupo de Variação Linguística da Região Sul do Brasil).

Dentro daquela sala, fui levado a conhecer o universo de investigação desenvolvido pelo emérito Prof. William Labov, a saber da sua admiração pelo seu orientador-inspirador, o Prof. Uriel Weinreich. Passei a admirar muita gente e nelas me espelhar: são os meus colegas varsulinos, aos quais agradeço por todo esse tempo (que ainda não ter-

minou, diga-se) de colaboração acadêmica. Esta dissertação não sairia sem eles. Há muitas vozes aqui. Me beneficiei visceralmente do que com que eles pude compartilhar ao longo destes mais de três anos de atividades dentro e fora da universidade. De forma mais intensiva, não poderia deixar de citar a incrível parceria formada com a querida Adriana Gibbon, com quem divido o mérito da realização deste trabalho. Espero, amigos e colegas varsulinos, que os momentos de troca permaneçam.

Evidentemente, neste agradecimento ao VARSUL, incluo o meu agradecimento especial às professoras Izete e Edair. Pela troca humana. Pelo carinho, pela possibilidade de avançar.

Muitíssimo grato também às professoras Izabel Seara e Cláudia Brescancini, igualmente parceiras, participantes da banca de qualificação e da apresentação final desta dissertação. Sem elas, este trabalho certamente não seria concretizado.

O meu agradecimento ainda se estende aos muitos professores da PPGLg, dos departamentos de língua vernáculas (DLLV) e estrangeira (DLLE) da UFSC com quem tive (e tenho tido) a chance de atuar lado a lado, formal e informalmente falando. Saúdo também à secretaria da PPGLg, com que sempre tenho podido contar com franco apoio. Muito obrigado.

Agradeço os meus companheiros de jornada do GeNESS (Departamento de Informática e Estatística, INE/UFSC), casa para a qual tornei após período em Portugal. Aos nobres amigos Prof. José Eduardo de Lucca, coordenador do GeNESS, e Delson Valois. A Djali Valois e sua mente brilhante. Aos companheiros no GeNESS com quem venho trabalhando em paralelo às atividades linguísticas, desde os mais antigos (Yuri Cardenas) aos mais novos (Charley, Felipe, Ivo, Jaime, João, Renato, Robson e Rafael Van Gogh). Todos eles acompanharam o processo que culminou neste documento de dissertação. Sabem ou, pelo menos, têm alguma noção do quão significativo é completar este trabalho.

Agradeço aos companheiros de jornada na Aquarela (Marcos, Joni, Eládio, Anna Clara e Kiti), com quem venho trabalhando e que testemunharam o final do processo desta dissertação. Pela paciência e pelo apoio constante.

Para além dos já citados, agradeço aos colegas e amigos que tenho e que sempre torceram para que esta dissertação se materializasse. Alguns, compreensivelmente, sempre me cobraram o fim para esta dissertação, que se conclui com bastante atraso. A minha promessa de finalizá-la ora está cumprida. São muitas as pessoas. Mesmo sob o

risco de me esquecer de algumas, cito alguns nomes desde Florianópolis: Camila, Maria, Letícia, Brenda; Marcos, Fernando, Jerônimo, Martin, André; aos amigos bahianos (muitos, muitos) que me servem de inspiração cotidiana.

Aos meus sogros, Anibal e Gisélia, pelo carinho e consideração. Pelas orações direcionadas a nós, Noemi e eu, e a mim especificamente para que tudo corresse bem com esta dissertação. Lhes agradeço de coração.

Ao povo brasileiro, sempre ele, agradeço por mais este avanço.

*Pratico a inércia para dar movimento às
palavras.*

(Davi Lemos Santos [poeta, escritor e
jornalista bahiano], 1981 –)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo geral propor um modelo de análise que revise a abordagem de classificação de estilos de fala narrativa adotada pela investigação variacionista laboviana, viabilizando um tratamento mais refinado na identificação de estilos de narrar em entrevistas sociolinguísticas. Assumindo como principal referência teórico-metodológica as contribuições de William Labov para o estudo do estilo e da variação estilística, organizamos o desenvolvimento da presente proposta de modelo em três etapas. De início, problematizamos os critérios de classificação estilística da fala narrativa adotados por Labov tomando como referência a organização desses critérios na *Árvore de Decisão*, modelo de análise estilística mais recentemente desenvolvido na agenda estilística laboviana. Em seguida, exploramos as questões levantadas quanto à operação da Árvore de Decisão para subsidiar o desenho conceitual da nossa proposta de modelo, que revisa a ideia de contexto de fala narrativa na entrevista considerando como *fala narrativa* todo relato de experiência passada relevante em alguma medida para o entrevistado. Assim, admitimos que a fala narrativa na entrevista está correlacionada a nuances de estilo de fala casual de acordo com o grau de relevância da experiência sendo narrada: quanto mais relevante for a experiência para o entrevistado, menos monitorada será a sua fala. Postulamos que esses variados níveis de atenção à fala narrativa (nuances de estilo casual) podem ser diferenciados em função de certos *parâmetros estilísticos*, elementos presentes no contexto de realização da narrativa na entrevista que contribuem de modo particular para que o entrevistado desvie sua atenção ao que fala enquanto narra. Na última etapa, operacionalizamos um conjunto de parâmetros estilísticos para a nossa proposta de modelo, com os quais podem ser representados diferentes estilos de narrar na entrevista, e mostramos como o modelo funciona ilustrando as suas etapas de análise previstas. Por fim, projetamos o potencial de refinamento do novo modelo na identificação de variados estilos narrativos na entrevista, o que inclui uma análise comparativa entre o que se espera obter usando o novo modelo proposto e usando o modelo de análise da Árvore de Decisão.

Palavras-chave: Estilo. Variação estilística. Atenção à fala. Entrevista sociolinguística. Narrativa. Árvore de Decisão. Labov. Sociolinguística.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the development of stylistic analysis of narrative speech by proposing a revision of William Labov's approach to the classification of narrative styles, providing a more refined way to describe speaking styles in given narrative contexts that may give rise during the course of sociolinguistic interviews. Being mainly based on Labov's contributions to the study of style in sociolinguistics, the research essentially consists of three parts. First, it debates Labov's contextual criteria for stylistic analysis of narrative speech having as reference the organization of these criteria in the *Decision Tree*, the more recent model for stylistic analysis developed by Labov in his agenda of sociolinguistics of style. In the second part, a number of issues raised on how the Decision Tree operates the analysis of narrative styles is used as the input to review the notion of narrative context in the sociolinguistic interview, considering *narrative speech* as an account of past experience that is, to some extent, relevant to the speaker. It is postulated that the narrative speech in interview is correlated with nuances of casual style, according to the relevance of the past experience being narrated. In this sense, some narrative speech in interview is as more casual, in which the interviewee's audio-monitoring effect is more likely to be diminished, as more relevant is the her (his) past experience translated into narrative. By hypothesis, such various levels of attention paid to speech (nuances of casual style) can be differentiated from one another in terms of a number of *stylistic parameters*, elements capable of being identified within the sociolinguistic interview that contribute in some way to the deviation of one's attention to speech in some narrative context. In the last part, the research proposes a closed set of stylistic parameters showing how to use them as an analytical model to identify different narrative styles in the sociolinguistic interview. The potential for refining the stylistic analysis using such proposed framework is put into perspective, which includes comparing its possible results with ones expected to obtain from the model of the Decision Tree.

Keywords: Style. Stylistic Variation. Attention to Speech. Sociolinguistic Interview. Narrative. Decision Tree. Labov. Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Continuum</i> de estilos contextuais – inspirado em Labov (2008 [1972])	53
Figura 2 – A rede conversacional – a partir de Labov (1984)	55
Figura 3 – <i>Continuum</i> de classes estilísticas na Árvore de Decisão – inspirado em Labov (2001a)	56
Figura 4 – A Árvore de Decisão – representação de Labov (2001a). ..	57
Figura 5 – A Árvore de Decisão reformulada – representação de Baugh (2001)	63
Figura 6 – Singularidade da experiência narrada – <i>continuum</i> de atenção à fala	93
Figura 7 – Referente-protagonista-experienciador na narrativa – <i>continuum</i> de atenção à fala	94
Figura 8 – Relevância tópica na narrativa – <i>continuum</i> de atenção à fala.	99
Figura 9 – Alteração do tom na narrativa – <i>continuum</i> de atenção à fala.	102
Figura 10 – Avaliação na narrativa – <i>continuum</i> de atenção à fala... ..	106
Figura 11 – Relação pessoal imediata no discurso dentro da narrativa – <i>continuum</i> de atenção à fala.	109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Breve perfil dos falantes-entrevistados da amostra (4 entrevistas selecionadas do Banco Brescancini & Valle com moradores da Barra da Lagoa, 28-43 anos ¹⁵)	45
Tabela 2 – Sumário da organização dos parâmetros estilísticos do modelo: parâmetros com correlações de efeito (e escala) de atenção à fala	113
Tabela 3 – Sumário da organização dos parâmetros estilísticos do modelo: parâmetro sem correlação definida de efeito (e escala) de atenção à fala	113
Tabela 4 – Descrição do contexto estilístico de fala narrativa para o trecho “então... aí pegaram acabaram pegando vinte tainhas+se eu não me engano...” no excerto (21).....	120
Tabela 5 – Descrição do contexto estilístico de fala narrativa para o trecho “ó tem mais ou menos peixe pa cinco mil” no excerto (21)	120
Tabela 7 – Contextos de fala narrativa que podem ser representados a partir do modelo de análise estilística M_1	123
Tabela 8 – Máximo de níveis de atenção à fala narrativa previsto pelo modelo de análise M_1 , com os parâmetros “singularidade da experiência narrada” e “protagonista-experienciador na narrativa”	124
Tabela 9 – Total de níveis de atenção à fala para um modelo de análise M_2 , com os seis parâmetros estilísticos consolidados na seção 4.1.2	125
Tabela 10 – Níveis de atenção à fala previstos para um modelo M_3 , resultante da aplicação do modelo M_2 ao excerto (21).....	127
Tabela 11 – Contextos estilísticos de fala narrativa encontrados na análise estilística do excerto (21) de acordo com o modelo M_3	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Hipótese para a correlação entre a relevância da experiência passada sendo relatada e o grau de atenção à fala narrativa	84
Quadro 2 – Hipótese para as correlações entre os traços constituintes da relevância da experiência passada (singularidade, experienciador, relevância tópica e alteração do tom e a avaliação pessoal) e o grau de relevância da experiência	86
Quadro 3 – Modelo M_1 , com os parâmetros “singularidade da experiência narrada” e “protagonista-experienciador na narrativa” ..	123
Quadro 4 – Organização dos parâmetros do modelo M_3 , somente com os fatores/efeitos estilísticos do modelo M_2 encontráveis no excerto (21).....	126
Quadro 5 – Normas de transcrição das entrevistas: notações do Projeto NURC (PRETI, 1999) (com pequenas alterações).	149
Quadro 6 – Normas de transcrição das entrevistas: notações complementares.	151

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	27
1.1 A NOÇÃO DE ESTILO EM LABOV, O PAPEL DA NARRATIVA E PROBLEMATIZAÇÕES INICIAIS	29
1.2 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES, E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
1.2.1 Objetivos: geral e específicos	38
1.2.2 Questões e hipóteses gerais	40
1.2.3 Procedimentos metodológicos	42
1.2.3.1 Amostra de entrevistas.....	44
1.3 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO.....	46
2 EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	47
2.1 O ESTUDO LABOVIANO DO ESTILO E DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA.....	49
2.1.1 A entrevista sociolinguística laboviana	51
2.1.2 O modelo da Árvore de Decisão (LABOV, 2001a) e o lugar da narrativa no modelo	55
2.1.2.1 Organização e funcionamento da Árvore de Decisão	56
2.1.2.2 A noção de narrativa na Árvore de Decisão	59
2.2 REFORMULAÇÕES À ABORDAGEM LABOVIANA: CRÍTICAS E ENCAMINHAMENTOS	62
2.2.1 A Árvore de Decisão reformulada (BAUGH, 2001)	62
2.2.1.1 Encaminhamentos para esta dissertação.....	69
2.2.2 A revisão da noção de contexto de fala na entrevista para uma abordagem estilística multidimensional, em Eckert (2001), Schilling-Estes (2007) e Görski (2011)	70
2.2.2.1 Encaminhamentos para esta dissertação.....	72
3 MODELO DE (RE)ANÁLISE ESTILÍSTICA DA FALA NARRATIVA: DESENHO CONCEITUAL.....	73
3.1 A ENTREVISTA COMO UMA SITUAÇÃO COMUNICATIVA	74
3.2 NOÇÃO REVISADA DE FALA NARRATIVA NA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA	80
3.3 A ATENÇÃO À FALA COMO UMA ENTIDADE MULTIDIMENSIONAL.....	87
4 MODELO DE (RE)ANÁLISE ESTILÍSTICA DA FALA NARRATIVA: ORGANIZAÇÃO E OPERAÇÃO.....	89

4.1	ORGANIZAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE	89
4.1.1	Parâmetros estilísticos do modelo	91
4.1.1.1	Singularidade da experiência narrada	92
4.1.1.2	Referente-protagonista-experenciador na narrativa	92
4.1.1.3	Relevância tópica	94
4.1.1.4	Alteração do tom	99
4.1.1.5	Avaliação.....	102
4.1.1.6	Relação pessoal imediata no discurso.....	105
4.1.1.7	Articulação entre textualizações dos mundos narrado e comentado	109
4.1.2	Sumário da organização dos parâmetros estilísticos do modelo.....	112
4.2	FUNCIONAMENTO DO MODELO DE ANÁLISE.....	114
4.2.1	Os contextos estilísticos de fala narrativa e o seu efeito de atenção à fala.....	121
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
5.1	REVISÃO DOS OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO	131
5.2	REVISÃO DAS QUESTÕES E HIPÓTESES GERAIS	135
5.3	CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DA DISSERTAÇÃO ..	139
5.4	DESDOBRAMENTOS DE PESQUISA.....	141
	REFERÊNCIAS	143
	ANEXO A – Sumário das normas de transcrição das entrevistas	149

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de uma jornada que começa com a realização das três edições dos “Seminários Especiais em Sociolinguística: Variação Estilística”, disciplinas oferecidas pelas professoras Edair Maria Görski e Izete Lehmkuhl Coelho dentro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC nos semestres 2010-1, 2010-2 e 2011-1. De forma geral, essas disciplinas versaram sobre o tema da variação estilística (dimensão da variação linguística motivada segundo diferentes estilos de falar), detendo-se especialmente nas contribuições da *agenda estilística laboviana*, termo que alude à linha de estudos sobre o estilo e a variação estilística desenvolvida por William Labov (1927-), dentro do seu programa de investigação sociolinguística.

As discussões férteis (e abertas), envolvendo alunos e professoras daquelas disciplinas, permitiram, para além da introdução ao assunto, problematizar certos aspectos teórico-metodológicos da agenda estilística laboviana. Neste ínterim, foram decisivas as muitas sessões práticas em que se buscou aplicar a certas entrevistas sociolinguísticas (similares às labovianas) do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil)¹ os modelos de análise estilística desenvolvidos por Labov². O propósito dessa iniciativa era, entre outras coisas, saber em que medida seria possível organizar de maneira razoável a fala gravada nas entrevistas do VARSUL em categorias de estilo de fala, passo necessário antes de se proceder efetivamente à realização de análises quantitativas de variação estilística.

A partir da experiência dessas atividades práticas (em geral, com resultados de difícil obtenção; por vezes, frustrantes), ao lado do debate teórico permanente (inclusive, abarcando estudos de outras áreas de pesquisa), pouco a pouco se reconheceu a relevância de uma primeira questão: como renovar a abordagem de análise estilística desenvolvida por Labov, tendo em vista o seu melhor ajuste à realidade das entrevistas organizadas pelo VARSUL, criando condições para se implementar análises quantitativas de variação estilística?

Evidentemente, o enfrentamento dessa questão não somente serve aos propósitos do Projeto VARSUL. De maneira similar, também podem ser beneficiadas outras ações de pesquisa sociolinguística que, a

¹Mais informações em <<http://www.varsul.org.br>>.

²Em razão do caráter conversacional das entrevistas do VARSUL, restringiu-se o foco na aplicação do modelo da Árvore de Decisão (LABOV, 2001a). Vide capítulo 2 para mais detalhes sobre esse modelo.

exemplo do Projeto VARSUL, adotam o arcabouço metodológico da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) para a organização do seu acervo de entrevistas. Nesse sentido, estão incluídas as tantas iniciativas que integram o tradicional cenário da sociolinguística variacionista brasileira, no âmbito de grupos de referência como o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) (PEUL, 2013), o VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba) (HORA; PEDROSA, 2001), entre outros.

Considerando o quão vasta se apresentava aquela primeira questão em sua formulação original, e o quão improvável seria tratá-la dentro de um típico prazo de entrega de uma dissertação, decidimos reduzi-la a um escopo menor. Assim, neste trabalho, não buscamos tratar a referida questão em termos de toda a fala na entrevista sociolinguística, mas somente à fala que aparece em narrativas orais na entrevista sociolinguística (fala narrativa). A opção por trabalharmos com a fala narrativa decorre do papel de destaque atribuído à produção de narrativas orais em entrevistas para o desenvolvimento teórico-metodológico da própria pesquisa sociolinguística laboviana. Como ponto de partida aos trabalhos da dissertação, tomamos como referência as contribuições do modelo de análise mais recente da agenda estilística laboviana para a diferenciação de estilos de fala narrativa na entrevista sociolinguística, a *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a).

O restante deste capítulo está dividido em três seções principais. A primeira seção começa com uma introdução aos temas de que trata esta dissertação e a motivação para o seu desenvolvimento. Nessa seção, apresentamos um panorama da noção de estilo em Labov, localizando a sua importância diante do seu quadro maior de pesquisa sociolinguística e exibindo os seus aspectos teórico-metodológicos principais; falamos sobre o papel das narrativas orais para a operacionalização da agenda estilística laboviana, e da presença delas no modelo de análise da *Árvore de Decisão*, como critério para a diferenciação de estilos de fala na entrevista sociolinguística; discutimos brevemente alguns problemas com a análise estilística da fala narrativa usando os critérios do modelo da *Árvore de Decisão*, apontando uma provável causa para esses problemas; por fim, com base em outras contribuições teóricas, projetamos uma possível solução para o problema posto em questão, o que nos leva a propor este trabalho.

A segunda seção deste capítulo detalha os objetivos da dissertação e as suas questões (e correspondentes hipóteses) gerais de pesquisa, além de apresentar uma descrição dos seus procedimentos metodológicos empregados. A terceira (e última) seção informa sobre a organização

do texto dos próximos capítulos, nos quais é dado prosseguimento ao desenvolvimento da dissertação.

1.1 A NOÇÃO DE ESTILO EM LABOV, O PAPEL DA NARRATIVA E PROBLEMATIZAÇÕES INICIAIS

A noção de estilo elaborada por William Labov se desenvolve em meio a uma agenda específica do seu programa de pesquisa sociolinguística, a chamada sociolinguística variacionista laboviana, que adota como princípio geral o entendimento da língua no contexto social e assume os fenômenos de variação e mudança da língua em uma comunidade de fala como objeto de estudo (LABOV, 1984; LABOV, 2008 [1972]). Na agenda laboviana sobre o estilo, o interesse está no estudo da variação estilística, ou seja, na possibilidade de se “dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes” de acordo com as “alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 313). A variação estilística representa a dimensão intraindividual da variação, situada no nível do indivíduo-falante, e tem a sua motivação na possibilidade de um falante dispor de diferentes maneiras (estilos) de falar dentro de uma certa situação comunicativa. A dimensão estilística da variação se distingue tanto da dimensão interindividual da variação – associada a grupos de falantes e comumente correlacionada a fatores extralinguísticos de ordem geográfica (regiões) ou social (subgrupos da sociedade de acordo com faixa etária, sexo, nível socioeconômico, etc.) – quanto da dimensão estrutural da variação, condicionada por fatores intralinguísticos.

Embora Labov (2008 [1972], p. 313) reconheça, sob o rótulo de “variação social”, a importância das dimensões social³ e estilística da variação para a investigação sobre a mudança, localizando-as no chamado comportamento expressivo do falante⁴, sua prática de pesquisa sociolinguística atribuirá a essas dimensões diferentes valorações.

É o que se nota, por exemplo, quando aquele autor se depara com o problema de “determinar os aspectos do contexto social da língua que se vinculam mais estreitamente à mudança lingüística” (LABOV, 2008 [1972], p. 326), no intuito de responder à seguinte questão: “a variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mu-

³Labov (2008 [1972], p. 313) interpreta o “social” como “aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea”.

⁴“o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo” (LABOV, 2008 [1972], p. 313).

dança linguística?”⁵. Labov prioriza abordar a questão observando o contexto não imediato de fala, pois avalia que a noção de “*status* social do falante” – operacionalizada pelas categorias de faixa etária, sexo e escolaridade, por exemplo – esteja mais bem assentada do que as possibilidades que enxerga para o contexto imediato de fala, correlacionando o comportamento linguístico do falante às relações que o envolvem em um domínio específico de comunicação verbal (e.g., relação entre falante e interlocutor)⁶. Ao seu ver, portanto, é na dimensão social (nos termos colocados pelo autor), não na estilística, que estão as melhores condições de análise, uma vez que as categorias de referência à disposição são regulares e aferíveis, resultantes da reprodução de certos comportamentos sociais ao longo do tempo, o que implica lidar “sobretudo com séries bem estabelecidas de expressão linguística – o modo como o indivíduo habitualmente se apresenta a si mesmo em vários ambientes sociais”⁷.

Nesse sentido, chama a atenção o fato de que, enquanto no plano conceitual são postulados lado a lado os fatores sociais e estilísticos como condicionantes dos fenômenos variáveis na língua (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 107-108), nas práticas de investigação laboviana parece ser a dimensão social (via categoria *status* social do falante) aquela que ganha maior relevo na interpretação laboviana dos fenômenos de variação/mudança⁸. É interessante observar que tal situação parece se manter mesmo quando está em jogo a caracterização de fenômenos variáveis sob a ótica da dimensão estilística. É o que se percebe quando:

- Na escolha do fenômeno variável a ser observado, momento em que Labov opta por atestar a influência da alternância estilística em variáveis linguísticas sociais bem estabelecidas (GÖRSKI, 2011),

⁵Ibid., p. 313.

⁶Labov (2008 [1972], p. 326-327) cita Hymes (1962) como base conceitual para um possível estudo da variação/mudança tendo em vista uma descrição do contexto imediato de fala em termos das relações sociais estabelecidas entre os interlocutores. Mas por acreditar que esta categoria de análise não seja sólida o suficiente para capturar mudanças generalizadas, o autor suspende o encaminhamento da ideia.

⁷Ibid., p. 326.

⁸Na perspectiva de Labov, a mudança linguística implica a existência anterior de variação na língua. Disto, o termo conjugado “variação/mudança”. O contrário não necessariamente ocorre: nem toda variação leva à mudança, caso em que a língua apresenta longos períodos de variação estável. Embora o enfoque desta pesquisa esteja no escopo da variação, empregamos o termo conjugado em alguns casos em referência ao fato de que o estudo da variação serve o quadro maior do estudo da mudança. Apontamos outros aspectos relevantes desse quadro teórico no capítulo 2.

cuja dinâmica de variação segue um padrão de estratificação social bastante conhecido. É o que se observa em trabalhos importantes daquele autor sobre a variação do inglês nas cidades de Nova Iorque (LABOV, 2006 [1966]; LABOV, 2008 [1972]) e Filadélfia (LABOV, 2001b);

- Na apresentação dos seus resultados, a pesquisa laboviana quase sempre considera a dimensão estilística como acoplada à dimensão social, em que se interpreta a dinâmica da variação no eixo estilístico seguindo a mesma direção de uma variação social, ordenada segundo categorias que identificam o falante em uma visão estratificada da sociedade (COUPLAND, 2007). Dessa maneira, a despeito de reconhecer a importância de processos locais na variação, próprios do contexto mais imediato de comunicação, tais como as relações do falante com o ouvinte ou a audiência, ou o tópico (LABOV, 2003 [1969]), despontam de forma mais saliente nas análises labovianas a percepção da variação do ponto de vista do papel social dos falantes que, como dito anteriormente, permanecem ao longo de diferentes situações de uso da língua.

A preferência da pesquisa laboviana por analisar os padrões de variação/mudança em correlação aos subgrupos sociais na comunidade demanda, no plano metodológico, a formalização de uma agenda de trabalho de forte caráter empírico, marcada pela necessidade de se administrar de forma coerente um volume considerável de dados linguísticos. Esses dados linguísticos devem representar, em teoria, um falante socialmente estratificado, filiado a um determinado segmento social na comunidade (e.g., grupo de falantes com escolaridade média em determinada localidade), o que requer, na prática, a realização de, no mínimo, duas etapas de pesquisa: *(i)* a organização de uma amostra de indivíduos-falantes que representem o subgrupo com o “*status* social” em questão; *(ii)* a gravação da fala desses indivíduos em situação de **entrevista sociolinguística laboviana** (doravante, entrevista sociolinguística), ou seja, através da condução de entrevistas individuais formalmente estruturadas, o que permite obter, de forma comparável e em boa qualidade de áudio, uma ampla massa de dados linguísticos (LABOV, 2008 [1972], p. 101,102,244).

No entanto, ao condicionar a obtenção dos seus dados de pesquisa à condução de entrevistas individuais, a sociolinguística laboviana se vê envolvida em uma intrincada questão metodológica. Por um lado, para encontrar as evidências mais regulares da variação/mudança, os dados linguísticos a serem obtidos pela pesquisa laboviana devem ter

como fonte a fala desenvolvida em *estilo vernacular*, característica do ambiente cotidiano entre indivíduos de uma dada comunidade linguística⁹. Por outro, admite-se que os dados a serem obtidos via entrevista sociolinguística sejam desenvolvidos em uma fala não vernacular (LABOV, 1984, p. 29), visto que o contexto relativamente formal (artificial) da entrevista destoa do caráter informal (espontâneo) previsto para a situação de fala vernacular: primeiro, pelo fato de as entrevistas serem gravadas, o que contribui para o acanhamento do falante-entrevistado perante a situação de entrevista, principalmente em relação a como se comportar linguisticamente ao longo da sessão de fala sendo gravada (LABOV, 2006 [1966], p. 90); e, finalmente, pela relação assimétrica que costuma caracterizar as partes interlocutoras de uma entrevista sociolinguística (SCHILLING-ESTES, 2007), na qual a presença marcada de um entrevistador-observador, a quem cabe a prerrogativa de, por exemplo, dirigir a dinâmica de entrevista, influencia (quando não ajuda a constranger) o comportamento linguístico do falante-entrevistado.

Portanto, se para o estudo da variação/mudança importa saber como as pessoas falam naturalmente em sua comunidade linguística, então como fazer uso da entrevista, dado que, ao aplicá-la, a fala que se supõe obter não é propriamente a fala “natural” do entrevistado, identificada com aquela comunidade? Esta questão, em outros termos, estabelece o que, para Labov (2008 [1972], p. 243), se torna o problema metodológico central da sua investigação sociolinguística, o “paradoxo do observador” – problema de pesquisa que surge no momento em que se torna necessário observar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas (LABOV, 1984, p. 30).

O reconhecimento do paradoxo do observador (ou melhor, da necessidade de tratá-lo metodologicamente) motiva a investigação laboviana mais sistemática acerca do estilo, no intuito de subsidiar a construção de um modelo de entrevista sociolinguística que viabilize a coleta de dados linguísticos em variados estilos de fala. Em particular, tal modelo de entrevista deve propiciar a ocorrência de ambientes de produção de fala sob a mínima influência possível do paradoxo do observador, ampliando a chance de se obter por parte do entrevistado uma fala que se aproxime ao máximo do seu estilo vernacular (LABOV, 1984; LABOV, 2006 [1966]; LABOV, 2008 [1972]).

Dessa maneira, o desenvolvimento da entrevista sociolinguística tem por princípio oferecer condições para que diferentes contextos de

⁹Segundo Labov (1984, p. 29), o estilo vernacular é a forma de falar adquirida pelo falante durante a pré-adolescência, na qual ele presta o mínimo de atenção ao que fala.

fala possibilitem o aparecimento de variados estilos contextuais¹⁰ (LABOV, 2006 [1966], p. 87). Por pressuposto, os estilos contextuais podem ser organizados em *níveis de atenção à fala*, ou seja, em diferentes graus de audiomonиторamento¹¹ que o falante-entrevistado exerce sobre as formas linguísticas que veicula em sua fala (LABOV, 2008 [1972], p. 243). Em versão mais reduzida, restrita somente à sua porção conversacional, a entrevista sociolinguística prevê a ocorrência de duas classes básicas de estilo contextual. O *estilo monitorado de fala* (careful speech) é o que se espera do entrevistado em boa parte da entrevista, em virtude do seu ambiente de formalidade. É a fala desenvolvida de forma reservada, tipicamente produzida na dinâmica pergunta-resposta, em que se reconhece a situação comunicativa como “a entrevista”. Já o *estilo de fala casual* (casual speech) é resultante de um esforço auxiliar em entrevista para provocar em seu quadro de formalidade uma situação de “informalidade induzida”, na qual o entrevistado seja levado a monitorar o menos possível a sua produção de fala tal que se aproxime do seu estilo vernacular, desenvolvido quando ele dispensa o mínimo de atenção ao que fala (LABOV, 1984; LABOV, 2001a).

Operacionalmente, induzir o estilo casual dentro da situação de entrevista significa explorar maneiras de mitigar o efeito de formalidade da entrevista sobre o entrevistado, criando condições para que ele produza uma fala menos monitorada possível. Um procedimento particularmente importante a ser acionado durante a entrevista consiste no estímulo à produção de narrativas, mecanismo que permite desviar a atenção do falante-entrevistado ao que fala à medida que o mantém envolvido emocionalmente no relato verbal de fatos relacionados à sua experiência passada (LABOV, 2008 [1972], p. 242-243). Nesse sentido, a preferência recai sobre a obtenção da *narrativa oral de experiência pessoal*, técnica mais eficaz para aparição da fala casual na entrevista, através do relato de certos fatos especiais vividos pelo entrevistado¹²,

¹⁰Nesta dissertação, consideramos os termos “estilo” e “estilo contextual” equivalentes. Nesse sentido, adotamos o termo “estilo” não exatamente em uma acepção genérica como “forma de falar” (COUPLAND, 2007, p. 2), mas como as formas de falar produzidas no ambiente social construído pela entrevista sociolinguística.

¹¹Como alternativa à expressão “monitoramento da fala pelo falante”, usamos a expressão “audiomonиторamento pelo falante” em alusão ao termo em inglês *audio-monitoring*, empregado por Labov (1984). Baseado na sua experiência em campo e nos resultados dos experimentos acústicos relatados por Mahl (1972), aquele autor afirma que a “atenção à fala parece ser mediada por um processo de audiomonиторamento, que vem a ser bloqueado por uma série de fatores [observáveis na situação de entrevista]” (Cf. LABOV, 1984, p. 29, tradução nossa).

¹²Alguns tópicos parecem ser universais neste quesito, tais como o risco de morte (LABOV, 2008 [1972], p. 119), e os relatos de casos brutais de violência cotidiana e

extraídos de sua própria biografia (LABOV; WALETZKY, 2003 [1967]; LABOV, 1997; LABOV, 2001a).

Para além das narrativas de experiência pessoal, a entrevista sociolinguística abre espaço para o aparecimento de **outros estilos de narrar**, outros tipos de produção narrativa¹³ que, juntamente a outras práticas discursivas que não as via narrativa (e.g., opiniões, exposições de procedimentos, etc.), caracterizam em certa medida a variedade estilística da entrevista. Porém, baseado em evidência empírica, Labov (2001a) constata que nem todos contextos de narrativa produzem o mesmo efeito de desvio de atenção à fala (ou seja, levam a um mesmo estilo), o que implica supor a existência de três diferentes categorias de estilo de narrar, definidas em função do contexto narrativo que ocorre na entrevista: (i) um estilo de fala em narrativa de experiência pessoal (relatos sobre certas experiências passadas pessoalmente vividas pelo entrevistado); (ii) um estilo de fala em narrativa de infância (relatos sobre fatos pessoais de infância narrados sob um ponto de vista infantil); (iii) um estilo de fala no contexto de outros formatos de narrativa que ocorram na entrevista (e.g., relatos de fatos passados habituais, denominados “pseudonarrativas”, e relatos de experiência vicária, isto é, ocorrida com outros indivíduos).

Esses três contextos de natureza narrativa (contextos de narrativa de experiência pessoal, relatos de infância e outros relatos passados) fazem parte dos critérios que operam o modelo de análise estilística denominado *Árvore de Decisão* (The Decision Tree)¹⁴ (LABOV, 2001a). Para efeitos da problematização pretendida neste capítulo introdutório, torna-se necessário antecipar, resumidamente, alguns aspectos do modelo que suscitem questionamentos, o que é feito a seguir. Temos consciência de que alguns pontos abordados possam ainda ficar obscuros ao leitor neste momento, uma vez que antecedem o capítulo de embasamento teórico-metodológico (capítulo 2).

O modelo da *Árvore de Decisão* presume que a fala produzida na entrevista pode ser classificada segundo dois tipos estilísticos possíveis (fala monitorada ou casual), à luz de oito contextos de fala esperados em entrevista, dos quais quatro estão associados à fala monitorada e quatro à fala casual (LABOV, 2001a, p. 94). Assim, para classificar certo trecho de fala da entrevista em um tipo estilístico, a *Árvore de Decisão* toma como referência um *critério contextual*, tendo em vista uma certa

superação de dificuldades (LABOV, 1997).

¹³ Embasamos a ideia de narrativa a partir de uma aceção ampla de relato sobre algum acontecimento passado. Vide elaboração conceitual a respeito no capítulo 3.

¹⁴ Abordamos mais detalhadamente sobre a *Árvore de Decisão* no capítulo 2.

descrição do contexto em que esse trecho aparece, partindo da premissa de que todo contexto de fala em entrevista pode ser generalizado como um *domínio de atenção à fala*, ou seja, como um contexto de produção oral descrito somente em termos de uma dimensão, a atenção que o falante-entrevistado presta às formas linguísticas que produz enquanto fala (LABOV, 2001a, p. 87).

Em particular, a Árvore de Decisão alcança os seguintes resultados de análise estilística em relação aos seus critérios contextuais de base narrativa: para as falas em contextos de narrativa de experiência pessoal (para a Árvore, Categoria *Narrative*) e de relato de infância (*Kids*), o estilo encontrado é o casual, sendo que o contexto de narrativa de experiência pessoal é relativamente mais confiável do que o contexto de relato de infância para identificação do estilo casual (dentro do princípio de que a narrativa de experiência pessoal representa o contexto mais eficaz para obtenção da fala casual na entrevista); para as falas nos demais contextos narrativos (relatos de fatos passados, *Residual* na Árvore¹⁵), é atribuída a classificação de estilo monitorado (LABOV, 2001a, p. 89-93).

Embora ajude a revelar, de forma razoável, certos padrões estilísticos de variação na entrevista, segundo uma distinção binária entre estilos (monitorado ou casual), o modelo da Árvore de Decisão enfrenta problemas para operar alguns tipos de análise, sobretudo oferecer análises estilísticas mais refinadas (LABOV, 2001a; BAUGH, 2001). Verificamos que, em pelo menos dois sentidos, tal fato repercute na detecção de estilos de narrar, quando se tenta aplicar a Árvore de Decisão como modelo de análise estilística para as passagens de fala narrativa na entrevista.

Em um primeiro cenário, atendo-se somente aos trechos de fala narrativa classificável em um determinado critério contextual (digamos, *Narrative*), tem-se que a toda produção narrativa (no caso, de narrativa de experiência pessoal) é atribuída uma mesma classificação de estilo (*Narrative* → “estilo casual”). Neste caso, a análise com a Árvore deixa escapar algumas nuances de classificação estilística, que podem ser decisivas para indexar diferentes níveis de uso de uma mesma variável linguística. É plausível pensar que essas nuances sejam motivadas por aspectos que estão presentes no domínio da fala narrativa sob análise, mas que são imprevisíveis pelo critério contextual da Árvore de Decisão

¹⁵Em verdade, a Categoria *Residual* não se limita aos trechos de fala narrativa somente, mas compreende toda fala não classificada por outras categorias da Árvore (LABOV, 2001a, p. 93), como se verá adiante no capítulo 2. Logo, entenda-se aqui que *Residual* é uma categoria de “base narrativa”.

(no caso, pelo critério contextual *Narrative*, ao qual não faz diferença, por exemplo, se a fala narrativa foi introduzida na entrevista como efeito de uma pergunta do entrevistador ou por uma ação individual do entrevistado).

Em um segundo cenário, considerando os trechos de fala narrativa na entrevista acolhidos pelos três critérios contextuais de base narrativa da Árvore de Decisão (*Narrative*, *Kids* e *Residual*), é possível que alguns trechos narrativos esperadamente rotulados pela Árvore como *Residual* (portanto, em estilo monitorado de fala) venham a ser, de fato, mais próximos de um estilo casual de fala, pelo que se obteria um resultado bastante diferente da classificação prevista pela Árvore de Decisão. Um exemplo provável para este caso seria de uma narrativa de um certo fato habitual passado que seja de forte apelo emocional para o entrevistado, mas que não ocorresse em sua infância. Aqui, tal qual no primeiro cenário, pode ser decisiva a influência de algum elemento encontrado no domínio da fala narrativa em questão (no caso, o tópico, por exemplo), mas que não é considerado pelo critério contextual *Residual*, tampouco é capturado por outro critério contextual de fala casual com base narrativa (caso de *Narrative*, que não considera fatos habituais, ou *Kids*, que não aborda temas fora da infância do entrevistado).

Ambos os problemas da Árvore de Decisão apontados podem ser enquadrados dentro de um problema maior relativo a como a Árvore define “contexto de fala” para formar os seus critérios contextuais. Nesse sentido, observamos que os critérios da Árvore de Decisão estão baseados em uma descrição de contexto que leva em conta duas condições básicas: (i) o contexto de fala sendo descrito deve acontecer na entrevista; (ii) o contexto de fala deve presumivelmente induzir o entrevistado a um nível conhecido de atenção à fala (ou seja, fala monitorada ou casual). Uma primeira implicação dessa definição de contexto de fala na Árvore de Decisão é que, para a classificação estilística de um trecho de fala, a aplicação de um critério contextual da Árvore de Decisão não leva em conta o que está além da sua descrição de contexto, descartando outros fatores que, estando presentes no domínio de produção oral da entrevista, podem influenciar no teor estilístico da fala sendo analisada.

Assim, naquele primeiro cenário apresentado, em que toda narrativa de experiência pessoal na entrevista recebe indistintamente da Árvore de Decisão uma mesma classificação de estilo de fala casual (através do critério contextual *Narrative*), o que está fora do critério contextual *Narrative* pode ser suficiente para revelar distinções es-

tilísticas mais sutis, por exemplo, entre duas falas presentes em narrativas de experiência pessoal distintas, mas que surgem na entrevista em ocasiões diferentes (p. ex., uma narrativa surge em resposta ao entrevistador, outra é iniciada pelo próprio entrevistado). Como resultado, a Árvore de Decisão omite tais diferenças estilísticas em relação a um mesmo critério contextual, que podem ser importantes para melhor compreender a variação na entrevista. No segundo cenário que apresentamos, uma fala narrativa habitual sobre um tópico cativante para o entrevistado (não referente à sua infância) é classificada pela Árvore de Decisão como fala monitorada (através do critério *Residual*) por não entrar nos critérios contextuais *Narrative* (que somente admite fatos não habituais) e *Kids* (que somente trata de narrativas sobre a infância do entrevistado), desconsiderando, por exemplo, o papel do tópico da narrativa (levada em consideração, por exemplo em *Kids*). Como resultado, a Árvore de Decisão pode deixar de classificar uma fala que está provavelmente em um estilo relativamente casual dizendo que essa fala está em estilo monitorado.

Notamos ainda que a definição de contexto de fala na Árvore de Decisão implica supor que cada contexto associado a um critério da Árvore leva a um nível conhecido de atenção à fala, informação fornecida por resultados anteriores da sociolinguística laboviana. Por exemplo, as descrições de contexto que formam os critérios contextuais *Narrative* e *Kids* provêm dos resultados de Labov (2008 [1972]), segundo o qual se sabe que os contextos de narrativa de experiência pessoal e de relatos de infância são indutores de fala casual. Logo, seja qual for o critério contextual da Árvore de Decisão, esse critério efetivamente se diferencia dos demais por uma única dimensão de atenção à fala, ou seja, pelo nível conhecido de atenção à fala com que está correlacionado (segundo evidência empírica anterior), não por diferenças particulares entre os contextos a que esses critérios estão vinculados, mesmo quando essas diferenças sugiram distinções estilísticas relevantes.

Entretanto, mesmo organizados de maneira unidimensional, em termos de atenção à fala, os critérios contextuais da Árvore de Decisão têm na sua origem um caráter multidimensional, envolvendo, de fato, uma série de fatores de natureza diversa, tais como o tópico sobre o que se fala, a textualização empregada (se é uma narrativa, uma opinião, etc.) ou a quem se dirige a fala (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011). No caso dos critérios contextuais de base narrativa da Árvore de Decisão, nota-se que, em meio ao aspecto de textualização, há elementos contextuais mais refinados cuja atuação parece promover, de fato, as diferenças es-

tilísticas da fala narrativa na entrevista. Esses elementos se referem, por exemplo, ao tópico da narrativa, que opõe os critérios contextuais da *Árvore de Decisão Kids* (infância) e *Narrative* (e.g., risco de morte), ou a quem o fato narrado diz respeito, que diferencia os critérios contextuais *Narrative* e *Kids* (referentes ao entrevistado, na narrativa de experiência pessoal) e *Residual* (referente a outro que não o entrevistado, na narrativa de experiência vicária).

Nesse sentido, entende-se que os critérios contextuais da *Árvore de Decisão* – critérios “caixas pretas” segundo Eckert (2001, p. 119) – são uma decorrência da interação de parâmetros estilísticos diversos, presentes nos diferentes domínios de fala que surgem na entrevista. Com efeito, do ponto de vista teórico, confere-se à atenção à fala (atributo associado aos critérios contextuais da *Árvore de Decisão*) uma base multidimensional, ao passo que, do ponto de vista metodológico, conforme defende Schilling-Estes (2007), abre-se a oportunidade de ampliar o entendimento sobre como os estilos de fala podem ser constituídos, ainda que o ambiente comunicativo de referência seja o artificialmente construído pela entrevista sociolinguística.

Com a possibilidade de tratamento multidimensional da atenção à fala, noção embutida nos critérios contextuais da *Árvore de Decisão*, como explorar esse fato para aperfeiçoar a análise estilística da fala narrativa em entrevista sociolinguística? Como elaborar novos critérios contextuais com base narrativa em termos de parâmetros estilísticos mais específicos? Quais seriam esses parâmetros estilísticos e como estes estariam conceitualmente arrançados na formação dos diferentes estilos de narrar na entrevista?

Questões como essas são o ponto de partida para o desenvolvimento desta dissertação. Na seção a seguir, apresentamos os seus objetivos norteadores, questões e hipóteses, bem como uma descrição dos procedimentos metodológicos a serem empregados.

1.2 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES, E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.2.1 Objetivos: geral e específicos

O objetivo geral desta dissertação é **propor um modelo operacional que revise a abordagem de análise estilística adotada pela sociolinguística laboviana em relação à fala contida em narrativas orais (fala narrativa), de modo a viabilizar um tra-**

tamento mais refinado para a identificação de estilos de narrar em entrevistas sociolinguísticas.

Como resultado, esperamos que o desenvolvimento do modelo em questão, objeto principal desta dissertação, sirva de referência para a confecção de instrumentos de análise mais específicos, aplicáveis, caso a caso, aos seus respectivos fenômenos variáveis estilisticamente. Está fora do escopo desta dissertação, ao contrário do que se possa supor, oferecer um instrumento universal, acabado e aplicável a qualquer fenômeno variável motivado estilisticamente.

Além do objetivo geral apresentado, esta dissertação tem em vista os seguintes objetivos específicos:

1. Apresentar os principais aspectos do estudo sociolinguístico laboviano acerca do estilo e da variação estilística, com ênfase especial na sua abordagem de análise estilística da fala narrativa no âmbito da entrevista sociolinguística. Problematizar tal abordagem, focalizando-se em algumas questões em aberto consideradas centrais para desdobramento de novas oportunidades de análise;
2. Elaborar o desenho conceitual da proposta de (re)análise estilística da fala narrativa, revisando a ideia de “contexto de fala narrativa na entrevista”, haja vista os pressupostos e direções tomadas pela abordagem laboviana de análise estilística, as contribuições teóricas de outras áreas de investigação, com as quais se busca construir alguma interface, e, por fim, as oportunidades em aberto deixadas pelo estudo estilístico laboviano e debatidas por outros autores;
3. Operacionalizar a proposta de modelo de (re)análise estilística da fala narrativa na entrevista, especificando os seus parâmetros formais, a partir das contribuições do desenho conceitual da proposta e de exemplos de trechos de fala narrativa em uma amostra de entrevistas;
4. Discutir os resultados obtidos, confrontando-os com as hipóteses assumidas para o seu desenvolvimento, bem como com o que se estabelece na literatura científica. Projetar limites e potencialidades dos resultados.

1.2.2 Questões e hipóteses gerais

Assumindo os pressupostos teórico-metodológicos da agenda estilística da sociolinguística laboviana (LABOV, 2006 [1966]; LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 1984; LABOV, 2001a), a qual aborda estilo como atenção à fala, bem como o princípio de que a atenção à fala, único critério considerado por Labov como responsável pela variação estilística da fala em entrevistas, tem uma origem multidimensional (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011), esta dissertação busca responder às questões formuladas a seguir, apontando, para tanto, as suas respectivas hipóteses.

Antes de apresentarmos as nossas questões e hipóteses para este trabalho, no entanto, vale ressaltar que elas são de cunho mais geral, retratando de forma abstrata certos princípios de desenvolvimento do objeto de interesse desta dissertação, que é de natureza teórico-metodológica, descrito na seção anterior. Hipóteses mais específicas sobre aspectos internos desse objeto devem ser elaboradas no capítulo 4.

- (i) Como revisar a abordagem estilística da sociolinguística laboviana em relação à fala encontrada em narrativas orais, de modo a refinar o procedimento de análise dessa abordagem?

Hipótese geral: é possível revisar a abordagem estilística laboviana em relação à fala que ocorre em narrativas orais na entrevista sociolinguística (fala narrativa) propondo um novo modelo de análise estilística com um único critério contextual que contempla somente a fala narrativa. O critério de análise do novo modelo deve se inspirar nos critérios contextuais da Árvore de Decisão de base narrativa (*Narrative*, *Kids* e, em certa medida, *Residual*) (LABOV, 2001a), tendo em vista a ideia de que esses critérios da Árvore têm um caráter multidimensional (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011), ou seja, que eles referenciam elementos de natureza diversa presentes no contexto da fala narrativa na entrevista, tais como a textualização narrativa (de forma geral) e o tópico discursivo (de forma específica), por exemplo. Assim, tal como os critérios da Árvore de Decisão, o critério de análise do novo modelo também é contextual, isto é, está baseado em uma descrição de contexto de fala (narrativa) na entrevista e deve presumir que esse contexto leva o entrevistado a um nível conhecido de atenção à fala. Porém, evidencia-se que

o novo critério de análise identifica um estilo de fala narrativa (ou estilo de narrar, correlacionado com um efeito de atenção à fala) em função de certos elementos do contexto da fala narrativa na entrevista, tal que o efeito de atenção à fala de um estilo de narrar seja a combinação dos efeitos de atenção à fala individuais desses elementos contextuais. Com isso, o novo modelo sendo proposto torna-se capaz de refinar a análise da Árvore de Decisão em relação à fala em narrativas orais, de modo que ele identifica mais nuances de estilos de narrar à medida que referencia mais elementos do contexto da fala narrativa na entrevista.

- (ii) Do ponto de vista conceitual, que propriedades devem ter os elementos que definem o critério contextual do novo modelo de análise estilística da fala narrativa?

Hipótese geral: os elementos que definem o critério contextual do novo modelo são os que formam a descrição de contexto de fala narrativa na qual esse critério está baseado. Conceitualmente falando, esses elementos devem obedecer a duas condições básicas. Em primeiro lugar, esses elementos devem estar presentes no domínio discursivo em que a fala narrativa é realizada na entrevista sociolinguística, podendo ser identificados através de categorias discursivo-situacionais conhecidas, tais como o tópico, o discurso reportado ou alguns aspectos da textualização narrativa, por exemplo. Além disso, visto que o critério contextual do novo modelo se refere a um contexto de entrevista sociolinguística (ou seja, um contexto que leva o entrevistado a um nível de atenção à fala), os elementos do critério contextual do novo modelo devem presumir efeitos de atenção à fala individuais, um para cada elemento.

- (iii) Como se articulam os elementos que definem o critério contextual do novo modelo de análise estilística da fala narrativa, permitindo que esse critério contextual identifique diferentes efeitos de atenção à fala narrativa (diferentes estilos de narrar na entrevista)?

Hipótese geral: conforme descrevemos na hipótese anterior, os elementos que definem o critério contextual do novo modelo estão correlacionados com efeitos de atenção à fala

individuais, o que permite integrar esses elementos, ainda que de natureza potencialmente diversa, em torno de uma dimensão comum (a atenção à fala). Ao combinarmos esses elementos contextuais, torna-se possível representar, ao mesmo tempo, variados domínios discursivos de fala narrativa na entrevista (descritos em função desses elementos), bem como diferentes efeitos de atenção à fala narrativa correlacionados com cada um desses domínios discursivos. Dessa maneira, quanto mais elementos definirem o critério contextual do novo modelo, mais efeitos de atenção à fala narrativa podem ser diferenciados, portanto mais estilos de narrar na entrevista podem ser identificados.

1.2.3 Procedimentos metodológicos

Diferentemente do que muito se encontra em alguns trabalhos de mestrado no Brasil realizados no âmbito da Sociolinguística Variacionista, esta dissertação não elege como objeto de interesse o estudo de um fenômeno linguístico particular; em caso contrário, por prerrogativa, a análise quantitativa dificilmente estaria de fora. O objeto de interesse desta dissertação é a revisão de um modelo de análise (no caso, o modelo laboviano de análise estilística da fala narrativa em entrevista sociolinguística, representado pela *Árvore de Decisão*) e, como resultado dessa revisão, o seu refinamento, propondo um modelo alternativo (a nossa proposta de modelo de análise da fala narrativa) que amplie as capacidades daquele modo original. Portanto, em particular, este trabalho não trata do estudo de fenômenos variáveis, embora eles sejam, no fim das contas, o alvo do que pretendemos desenvolver, cujo teor é estritamente teórico-metodológico.

Nesta dissertação, lançamos mão essencialmente de um procedimento geral de **construção teórica do novo modelo analítico**, que tem como objetivo a definição de um *critério de análise estilística da fala narrativa*, principal componente do novo modelo. Em virtude disso, boa parte do desenvolvimento desta dissertação está voltada à elaboração desse componente. A seguir, apresentamos panoramicamente as etapas do desenvolvimento do nosso critério de análise estilística:

- **Problematização da *Árvore de Decisão***: ponto de partida para a elaboração do critério de análise estilística do nosso modelo está na problematização dos critérios para a análise estilística

da fala em contexto de entrevista sociolinguística, presentes no quadro estabelecido pelo modelo da *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a). Na *Árvore de Decisão*, a nossa referência está no que identificamos por *critérios contextuais de base narrativa*, nomeadamente *Narrative*, *Kids* e *Residual* (os demais critérios que caracterizam a *Árvore* são detalhados no capítulo 2). Enquanto os dois primeiros critérios são predominantemente narrativos, classificando estilisticamente a fala na entrevista em contextos de narrativa de experiência pessoal e de relatos de infância respectivamente, aquele último abrange trechos narrativos (outros tipos de narrativas) e não narrativos. Apesar de não somente contemplar contextos de fala narrativos, consideramos mesmo assim, para o propósito desta dissertação, o critério contextual *Residual* como um critério de base narrativa;

- **Desenho teórico do novo modelo:** esboça a ideia de contexto de fala narrativa na entrevista sociolinguística para o novo modelo, tendo em vista uma noção revisada de fala narrativa (relato de uma experiência passada relevante em alguma medida para o entrevistado). Como referência para o desenvolvimento desta etapa, tiramos proveito das definições dos critérios contextuais de base narrativa da *Árvore de Decisão*, da identificação dos problemas de aplicação desses critérios contextuais na análise estilística da fala narrativa (resultado da etapa anterior) e de outras contribuições teóricas, com as quais o novo modelo estabelece alguma interface;
- **Consolidação do novo modelo:** última etapa a ser realizada, em que descrevemos a organização do novo modelo de acordo com as direções estabelecidas pelo seu desenho teórico (resultado da etapa anterior). Assim, especificamos os componentes internos do novo modelo e explicamos de que maneira esse modelo funciona para a análise estilística de trechos de fala narrativa em entrevista sociolinguística. Definimos uma nova *descrição de contexto de fala narrativa*, que embasa o critério de análise estilística de fala narrativa do novo modelo, a exemplo do que ocorre com os critérios contextuais da *Árvore de Decisão*. Em geral, tal descrição de contexto de fala narrativa deve definir o recorte de interesse para a análise estilística, assim como deve presumir algum condicionamento em termos de atenção à fala. Nesta etapa, confeccionamos um conjunto de *parâmetros estilísticos da fala narrativa*, que compõem a descrição de contexto de fala narrativa do

novo modelo, responsáveis por expressar a diversidade estilística da fala narrativa em entrevista sociolinguística.

Como procedimento auxiliar à construção teórica do novo modelo de análise estilística da fala narrativa, exploramos a **análise qualitativa da fala em entrevistas sociolinguísticas**, a ser acionada em certas etapas do processo, tais como na problematização da Árvore de Decisão ou na consolidação do novo modelo. Assim, a análise qualitativa é útil, por exemplo, no momento em que precisamos apoiar certas afirmações e/ou conclusões através da observação de dados empíricos particulares enquanto debatemos conceitos ou levantamos hipóteses sobre o modelo sendo desenvolvido. No âmbito desta dissertação, consideramos que um dado equivale à ocorrência de um trecho de fala extraído de uma amostra de entrevistas sociolinguísticas. No tópico a seguir, definimos a amostra de entrevistas sociolinguísticas que utilizamos como fonte de dados das análises qualitativas a serem realizadas nesta dissertação.

1.2.3.1 Amostra de entrevistas

Utilizamos como fonte de dados para as análises qualitativas o Banco Brescancini & Valle, acervo de entrevistas sociolinguísticas inspirado nos moldes da pesquisa laboviana. O Banco Brescancini & Valle é composto por entrevistas registradas com a participação de moradores (uma entrevista por morador) da Barra da Lagoa (comunidade tradicional de origem açoriana na cidade de Florianópolis¹⁶, Santa Catarina) nos anos de 2001 (amostra inicial com 36 pessoas, disponível em formato digitalizado, gravação original em fita K7) e 2010 (amostra complementar com 8 pessoas, gravação originalmente digital). O Banco de entrevistas Brescancini & Valle é mantido pelo Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). Alguns trechos de áudio desse banco, gravados originalmente em formato digital, podem ser obtidos no *site* do Projeto VARSUL na Web¹⁷.

Selecionamos uma pequena amostra do Banco composta por quatro entrevistas envolvendo entrevistados entre 28 e 43 anos (dois homens e duas mulheres) com diferentes anos de escolarização e ocupações.

¹⁶Florianópolis é reconhecida como uma cidade de origem açoriana, alusão ao fato histórico de que, em meados do século XVIII, durante o seu processo de povoamento, a cidade foi o destino de muitos portugueses – boa parte proveniente do arquipélago dos Açores (Cf. MONGUILHOTT, 2009, p. 75).

¹⁷Disponível em <<http://www.varsul.org.br>>.

Apresentamos um breve perfil desses entrevistados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Breve perfil dos falantes-entrevistados da amostra (4 entrevistas selecionadas do Banco Brescancini & Valle com moradores da Barra da Lagoa, 28-43 anos¹⁵)

Identificação	Sexo	Idade	Escolarização	Ocupação
Entrevistado 1	M	33 anos	12 anos	funcionário municipal de obras
Entrevistada 1	F	28 anos	16 anos	estudante de pós-graduação
Entrevistada 2	F	43 anos	08 anos	diarista
Entrevistado 2	M	37 anos	08 anos	cobrador de ônibus

Dois critérios principais norteiam a organização da nossa amostra de entrevistas a partir do Banco Brescancini & Valle. O primeiro critério é baseado na idade dos falantes, através do qual selecionamos entrevistados de uma faixa etária intermediária, mais ou menos entre 30 e 40 anos, dentro do universo de entrevistados do Banco. Tal opção tem como base o princípio de que falantes da faixa etária intermediária (nem tão jovens, nem tão velhos), de forma geral, estão totalmente integrados ao mercado de trabalho e, por esse motivo, costumam empregar mais frequentemente regras linguísticas variáveis no intuito de ajustarem a sua maneira de falar a diversas situações de comunicação verbal em que se envolvem no cotidiano.

Fixada a faixa etária de referência dos entrevistados, o segundo critério que influencia de forma decisiva a nossa amostragem é a indisponibilidade da transcrição das entrevistas do Banco Brescancini & Valle, o que nos leva a uma etapa adicional preliminar de registro por

¹⁵Entrevistas gravadas nos anos de 2001 (Entrevistado 1 e Entrevistada 1) e 2010 (Entrevistada 2 e Entrevistado 2).

escrito da fala incidente nas entrevistas, de ambas as partes entrevistadora e entrevistada, seguindo as normas de transcrição descritas no Anexo A deste trabalho. Dado o típico esforço considerável para se transcrever uma única entrevista e as restrições de tempo presentes para o desenvolvimento desta dissertação, somos levados a contemplar um número mínimo possível de entrevistas, sem prejuízo para o resultado das análises a serem empreendidas. Assim, para os fins desta dissertação, considerando o seu modelo de análise previsto (análises quantitativas de trechos de fala narrativa), julgamos que uma amostra com quatro entrevistas seja suficiente.

1.3 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

O conteúdo restante da dissertação segue uma organização básica em capítulos, a saber. O capítulo 2 versa sobre os fundamentos teórico-metodológicos que embasam a proposta, sendo o seu ponto de partida o quadro estilístico da sociolinguística laboviana (LABOV, 2006 [1966]; LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 1984; LABOV, 2001a). O capítulo 3 trata do desenho conceitual do modelo de (re)análise estilística da fala narrativa, em cujo cerne está a definição de “contexto de fala narrativa”. O capítulo 4 operacionaliza o modelo sendo proposto, partindo das contribuições relatadas no capítulo 3 e das evidências empíricas presentes em alguns casos de narrativa oral extraídos de uma amostra de entrevistas sociolinguísticas. O capítulo 5 traz as considerações finais da dissertação, revisitando o que foi desenvolvido ao longo dos capítulos anteriores, examinando o cumprimento das suas questões de pesquisa, apresentando os seus resultados obtidos (problemas e contribuições), e projetando alguns possíveis desdobramentos.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A noção de estilo elaborada por William Labov surge na sociolinguística variacionista a serviço do desenvolvimento de um quadro mais geral de pesquisa, que se dedica ao estudo da estrutura e da evolução da língua em contexto social de uma comunidade de fala¹, elegendo a variação e a mudança linguística como seus objetos de investigação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]).

No cerne do programa sociolinguístico variacionista está a concepção da *língua como um objeto constituído de uma heterogeneidade ordenada* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 35), o que implica assumir, de início, que nela se conserva um caráter inerentemente variável: sob uma perspectiva sincrônica da língua, ou seja, em uma dada época de uso da língua em uma comunidade de fala, todos os seus falantes são capazes de produzir (ou, ao menos, compreender) duas ou mais formas distintas que coexistem na língua e “oferecem meios alternativos de dizer ‘a mesma coisa’”² (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 97). Em nível descritivo, tal concepção teórica está representada por um modelo de língua em que essas diferentes formas alternativas estão organizadas como variantes de uma mesma unidade estrutural (a variável linguística), sendo a sua alternância governada sob condições estritas, em covariação regular com outros elementos de ordem linguística ou extralinguística.

Assim, a sociolinguística variacionista entende que a língua é uma entidade heterogênea (a variabilidade está dentro da língua) e

¹O conceito de comunidade de fala é elaborado teoricamente tendo em vista a existência de falantes que compartilhem um conjunto de normas a respeito da língua, “observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (Cf. LABOV, 2008 [1972], cap. 4, p. 150). Severo (2008) traz uma reflexão crítica sobre a noção laboviana de comunidade de fala contrapondo-a à elaboração teórica por outros autores, o que nos leva a compreender o trajeto metodológico seguido por Labov. Scherre (2006, p. 716-722) coteja uma série de definições para o termo “comunidade de fala” conforme a visão de autores representativos das correntes teóricas estruturalista e sociolinguística (incluindo a linha variacionista).

²Guy e Zilles (2007, p. 135-136) assinalam que, na língua, “em princípio, podem ser elementos de qualquer nível estrutural: realizações alternativas de segmentos ou traços fonológicos, estruturas ou processos sintáticos, itens morfológicos ou lexicais, estruturas discursivas, etc.”. No entanto, este fato deve ser ponderado à medida que “existem ‘alternâncias’ em que uma variante [alternativa] tem um sentido diferente da outra”, recordam aqueles autores em menção ao questionamento de autores como Lavandera (1978).

ordenada (a variabilidade interna à língua é de natureza sistemática, não arbitrária). Ademais, a língua que se estuda na sociolinguística variacionista é de natureza não autônoma, visto que os fenômenos de variação na língua podem ser motivados não somente por razões de ordem linguística (estrutural), como também por razões situadas fora da estrutura linguística, tais como as características sociodemográficas do falante, sua localização geográfica, **os seus estilos de fala em situação comunicativa**, ou, ainda, pelo estágio temporal da língua³.

Conforme dissemos no capítulo 1, ao pôr em marcha o seu programa de estudos, a prioridade da sociolinguística variacionista é observar a variação sob a ótica de um falante filiado a algum subgrupo social na comunidade de fala sendo estudada, baseando-se em fatores que caracterizam o seu comportamento linguístico ao longo de variados contextos mais específicos de uso da língua, tais como as suas informações geográficas e sociodemográficas (idade e escolaridade, etc.).

Em decorrência dessa orientação, a sociolinguística variacionista oferece um tratamento relativamente secundário em relação à dimensão estilística da variação⁴, isto é, à variação motivada pela diversidade de estilos de falar de um indivíduo dentro da situação comunicativa. Nesse sentido, a ideia não é examinar a variação estilística lidando diretamente com os seus múltiplos condicionantes, imersos em um contexto imediato de fala (e.g., tópico, interlocutor, etc.), mas explorar de alguma maneira o poder desses condicionantes estilísticos para aferir de maneira uniforme e comparável os padrões de uso de uma certa variável linguística na fala de indivíduos e grupos sociais existentes em uma amostra de falantes (ECKERT, 2001; LABOV, 2006 [1966]). É nesse cenário, assinala Baugh (2001, p. 109), que a sociolinguística variacionista acaba estabelecendo o que aqui temos denominado de *agenda estilística laboviana*, uma vertente específica de investigação dentro do

³A dimensão temporal da variação está relacionada à noção de mudança linguística. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) postulam que toda mudança linguística resulta da ocorrência anterior de variação na língua, embora nem toda variação acarrete uma mudança linguística. No primeiro caso, onde há variação como nas situações de mudança em progresso, a coexistência entre variantes deixa de existir num dado momento, e uma variante se estabelece no sistema linguístico em detrimento da(s) demais; no segundo caso, onde há variação estável, o processo de variação na língua pode se manter indefinidamente ao longo do tempo sem que se estabeleça um quadro de mudança da língua em uma comunidade de falantes (Cf. TARALLO, 2007, p. 63).

⁴Não obstante Labov (2008 [1972], p. 313) ter tocado no aspecto estilístico ao formular uma das questões fundamentais para o estudo do quadro social da mudança linguística: *A variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mudança linguística?*

seu quadro maior de pesquisa, tendo como objeto o estilo e a variação estilística.

Esta dissertação assume como sua principal referência teórico-metodológica as contribuições da sociolinguística variacionista para o estudo do estilo e da variação, ou seja, é a agenda estilística laboviana o ponto de partida para a nossa proposta de revisão da análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística laboviana, objeto principal desta dissertação. Dos desenvolvimentos da agenda estilística laboviana, baseamos a nossa proposta no modelo de análise estilística divulgado mais recentemente, a *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a), cuja descrição está contida mais adiante na seção 2.1.2. Com vistas ao desenvolvimento da nossa proposta, contamos ainda com o que dizem alguns autores críticos da abordagem laboviana de análise estilística especialmente com as questões deixadas em aberto pelo modelo da *Árvore de Decisão*, quando se trata de empregá-la como estratégia de análise da fala narrativa na entrevista sociolinguística laboviana. Buscamos ilustrar essas questões com alguns casos de narrativa encontrados no Banco de entrevistas sociolinguísticas Brescancini & Valle (vide seção 1.2.3 para mais detalhes sobre esse banco de entrevistas).

Este capítulo está dividido em duas partes. Primeiro, seguindo o percurso ditado por Baugh (2001), apresentamos os principais aspectos teórico-metodológicos da agenda laboviana sobre o estilo e a variação estilística; por último, recuperamos algumas problematizações encontradas na literatura em relação à abordagem estilística laboviana, pautando-nos principalmente em relação à *Árvore de Decisão* e a sua estratégia de análise estilística para a fala narrativa na entrevista.

2.1 O ESTUDO LABOVIANO DO ESTILO E DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

A abordagem de Labov para o estudo do estilo e da variação estilística se apoia nos seguintes princípios (axiomas) teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista⁵, consolidados a partir das muitas

⁵A investigação variacionista empreendida por Labov está principalmente concentrada no estudo das variantes linguísticas localizadas na esfera fonético-fonológica. Alguns exemplos notáveis são os trabalhos seminais do autor acerca da mudança sonora nos ditongos /aw/ e /ay/ do inglês estadunidense, pesquisa realizada na Ilha de Martha's Vineyard (Massachusetts, EUA) que se torna a dissertação de mestrado do autor em 1962, com uma publicação subsequente sob a forma de artigo em 1963 (Cf. LABOV, 2008 [1972], p. 19-62); e acerca da variável (r) – realização da consoante r em posição pós-vocálica – a partir de uma amos-

experiências de pesquisa em campo vivenciadas por Labov e outros sociolinguistas durante as décadas de 1960 e 1970 (LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 1984):

1. Todo indivíduo-falante é detentor de mais de um estilo de fala. Seguindo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 97), admitimos que, a depender de “algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu *status* social”, pode ser que nem todos os falantes alcancem o mesmo nível de uso de certas variantes estilísticas, embora sejam capazes de compreender os enunciados que carregam essas formas, bem como outros significados por detrás da escolha de uma variante ou outra, típica de um ou outro estilo de fala. Essa ressalva vale, por exemplo, para falantes que detêm baixo grau de escolarização, que, a despeito disso, compartilham alguns espaços sociais com outros falantes mais escolarizados, potencialmente obtendo acesso a variantes “padrão” da língua, ainda que tais variantes não lhes sejam usuais;
2. Os estilos de que um falante dispõe podem ser ordenados em uma escala de atenção que este confere à sua própria fala;
3. O *continuum* estilístico compreende em uma das suas extremidades o estilo vernacular, que se opõe a outros estilos mais monitorados. O estilo vernacular se define como a “forma de falar adquirida durante a pré-adolescência” (Cf. LABOV, 1984, p. 29, tradução nossa), ou “a primeira forma adquirida (e perfeitamente aprendida) por um falante, usada somente na comunicação entre falantes de um mesmo vernáculo” (Cf. LABOV, 1997, p. 395, tradução nossa), enquanto os estilos mais monitorados são “estilos mais formais desenvolvidos após a pré-adolescência” (Cf. LABOV, 1984, p. 29, tradução nossa). No estilo vernacular, o falante presta um mínimo de atenção à própria fala, sendo o objeto para um estudo sistemático sobre a variação e mudança da língua;
4. Toda observação sistemática da fala de um indivíduo em situação de entrevista sociolinguística define uma situação formal em que não se supõe a obtenção do vernáculo;
5. O estudo variacionista, que é de base quantitativa, depende da análise de uma massa expressiva de dados empíricos, cujo meio

tra de falantes em três lojas de departamento da cidade de Nova Iorque em 1962 (Cf. LABOV, 2008 [1972], p. 63-90), trabalho que integra a tese do autor de 1964 publicada em versão revisada e anotada anos mais tarde (Cf. LABOV, 2006 [1966]).

ideal de obtenção são as entrevistas face a face realizadas em campo, para o tratamento sistemático dos fenômenos de variação e mudança da língua.

Assim, ao definir os seus cinco axiomas teórico-metodológicos de pesquisa, a sociolinguística variacionista se expõe ao chamado “paradoxo do observador”, considerado o problema metodológico central da investigação laboviana (Cf. LABOV, 2008 [1972], p. 244). A solução para o paradoxo do observador equivale a responder à seguinte pergunta colocada por Vandresen e Coelho (2008): “como verificar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas se só podemos obter esses dados se a observação for sistemática?”.

Destacamos dois desenvolvimentos decorrentes do quadro teórico-metodológico laboviano sobre o estilo que servem diretamente à análise (da variação) estilística e, em virtude disso, subsidiam a elaboração do objeto desta proposta: a entrevista sociolinguística laboviana e o modelo da Árvore de Decisão. Os próximos subtópicos trazem uma apresentação sobre ambos.

2.1.1 A entrevista sociolinguística laboviana

A entrevista sociolinguística laboviana (doravante, entrevista sociolinguística) é central aos estudos empreendidos por Labov sobre o estilo, sendo (re)aproveitada em diversos momentos do percurso da agenda estilística laboviana para o desenvolvimento de modelos variados para identificação e/ou obtenção de estilos de fala.

De forma geral, o processo de construção da entrevista sociolinguística é norteado pelo “problema de isolar estilos contextuais” (LABOV, 2006 [1966], p. 87), o que implica dizer, na prática, que a entrevista deve criar condições conhecidas (contextos de produção oral) para que o falante-entrevistado: (i) desenvolva uma fala conforme um *continuum* de estilos, correlacionados a níveis conhecidos de atenção à fala; (ii) desenvolva, em especial, uma fala em “estilo casual”, que se aproxime do seu estilo vernacular, em que o grau de atenção à fala é mínimo. Observando esses dois princípios mais básicos, a agenda estilística laboviana propõe algumas abordagens de entrevista, que se distinguem pelas estratégias que adotam para que, em seu interior, sejam induzidos diferentes estilos de fala. A seguir, apresentamos essas abordagens de entrevista e relatamos as suas características principais.

A primeira abordagem da agenda estilística laboviana para a obtenção/identificação de estilos de fala é a **categorização de estilos**

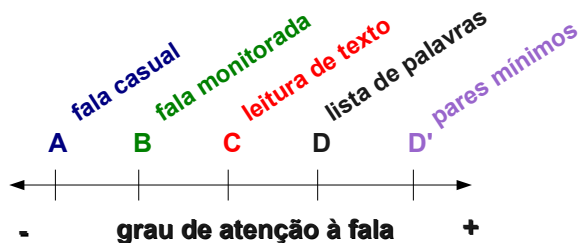
contextuais de fala, haja vista o modelo de entrevista sociolinguística empregado na pesquisa variacionista em Lower East Side, cidade de Nova Iorque (EUA), na década de 1960 (LABOV, 2006 [1966]; LABOV, 2008 [1972]). Nessa abordagem, a entrevista sociolinguística consiste em uma ampla situação de pesquisa em campo que abrange a aplicação de um conjunto de técnicas para coleta de dados sociolinguísticos, tais como as informações sociodemográficas do entrevistado e a gravação da sua fala. Além da seção conversacional da entrevista (a dinâmica entre perguntas do pesquisador e respostas do informante), o modelo de entrevista em questão prevê a aplicação de outros procedimentos (leitura de textos, leitura de lista de palavras e leitura de pares mínimos).

Cada ocasião específica de coleta de dados sociolinguísticos operacionaliza um respectivo contexto estilístico na entrevista que, de forma razoavelmente previsível, é capaz de induzir o entrevistado a exercer níveis cada vez maiores de atenção à própria fala que produz. Este fato torna possível caracterizar as ocasiões de coleta de dados de fala na entrevista como contextos estilísticos formalmente organizados como os pontos de um *continuum* de grau de atenção à fala (Figura 1), no qual recebem as seguintes acepções: Contexto A (ocasiões de fala casual na dinâmica conversacional da entrevista, que fogem da sua situação esperada de formalidade), Contexto B (fala monitorada, mais reservada, esperada para o entrevistado na dinâmica conversacional da entrevista, tipicamente nos momentos de resposta a perguntas dirigidas), Contexto C (fala na leitura de textos dirigidos ao entrevistado, redigidos em “estilo coloquial”), Contextos D e D’ (fala em lista de palavras e pares mínimos de palavras, respectivamente).

Particularmente, a definição da fala no Contexto A (fala casual) resulta da aplicação conjunta de dois critérios. O critério principal se aplica quando a fala do entrevistado está inserida em, pelo menos, uma das seguintes circunstâncias da dinâmica conversacional da entrevista: (a) fala fora do âmbito da entrevista; (b) fala com uma terceira pessoa; (c) fala como não resposta a uma pergunta; (d) fala sobre brincadeiras na infância; (e) relatos de risco de morte (LABOV, 1966 apud LABOV, 2001a, p. 88). O critério secundário (complementar ao anterior) se aplica quando se identifica pelo menos uma das seguintes pistas do canal: diferenças da modulação da voz do entrevistado em termos de altura, volume ou ritmo; riso ou alterações na intensidade da respiração (LABOV, 2008 [1972], p. 121-122).

A chegada do Projeto *Linguistic Change and Variation* (LCV), com foco na comunidade de fala da cidade de Filadélfia (EUA) na década de 1970 (LABOV, 1981; LABOV, 1984), acena para a introdução

Figura 1 – *Continuum* de estilos contextuais – inspirado em Labov (2008 [1972])



de novidades nas práticas de pesquisa da sociolinguística laboviana. Baugh (2001, p. 111) relata que, naquele projeto, os procedimentos experimentais de campo começam a se tornar menos dependentes da leitura de textos escritos e mais dependentes da dinâmica conversacional de entrevista. Diferentemente do que ocorre na década anterior, a nova tendência de trabalho passa a ser a de concentrar esforços na seção conversacional da entrevista, na dinâmica de perguntas do entrevistador e respostas do entrevistado.

Essa guinada em direção à seção conversacional da entrevista representa um marco importante para a agenda estilística laboviana. Se a premissa agora é de que os dados de fala da entrevista somente sejam obtidos através de uma dinâmica conversacional, então a agenda estilística laboviana deverá ajustar as suas estratégias de obtenção/identificação de estilos de fala ao novo paradigma de entrevista. Com isso, a perspectiva é de que os novos modelos de análise estilística venham a ser mais especializados, haja vista um paradigma mais reduzido de entrevista, o que não significa que a tarefa da agenda estilística laboviana se torne mais simples. Sem dispor de critérios tão marcados como os que descreviam boa parte dos contextos estilísticos na abordagem de categorização de estilos contextuais (naquele caso, as próprias ocasiões de coleta de dados de fala), a solução é buscar a confecção de modelos de análise estilística explorando de alguma maneira certas categorias associadas ao interior do ambiente discursivo da entrevista. Nesse sentido, a agenda estilística laboviana se depara com alguns problemas, como quais categorias devem ser exploradas e, por tabela, em que medida elas serão capazes de caracterizar diferenças estilísticas, a fim de capturar padrões regulares de variação na dinâmica da fala da

entrevista.

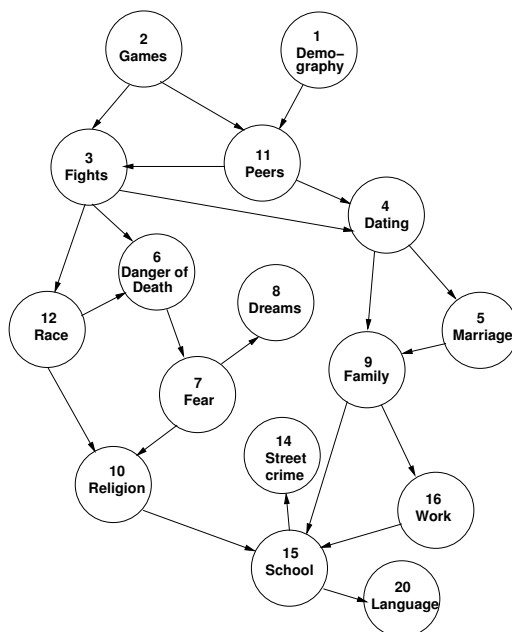
Um primeiro desdobramento dessa mudança de paradigma da entrevista sociolinguística (de uma grande situação que compreende vários métodos de coleta de dados de fala para uma situação com um único método de obtenção de fala) é a construção de um modelo para operacionalizar a entrevista em campo: a **rede conversacional** (*characteristic conversational network*) (LABOV, 1984 apud BAUGH, 2001, p. 112). Esse modelo, ilustrado pela Figura 2, caracteriza a entrevista como um diagrama de *rede*, composto por módulos (tópicos a serem abordados ao longo da entrevista, identificados unicamente por números distintos) interligados por transições direcionadas (possíveis passagens entre tópicos). O seu objetivo, entre outros, é de, ao mesmo tempo, prover ao entrevistador uma base para a condução da entrevista, através de assuntos distintos que presumivelmente sejam do domínio do entrevistado, e garantir a comparabilidade entre os dados coletados em campo via entrevista. A elaboração da rede conversacional foi particularmente providencial para os fins de execução do estudo do Projeto *Language Change and Variation*, capitaneado por Labov em Filadélfia, haja vista, entre outros aspectos, a dimensão da comunidade de fala investigada⁶.

A contribuição mais recente da agenda estilística laboviana é o modelo de análise de estilos de fala na entrevista sociolinguística denominado **Árvore de Decisão – *The Decision Tree*** (LABOV, 2001a, p. 84). A exemplo da rede conversacional, a Árvore de Decisão assume o modelo mais reduzido de entrevista, contando somente com a dinâmica conversacional, sendo esperada a sua aplicação para identificar estilos de fala na entrevista (ou seja, para depois que a entrevista estiver pronta), ao contrário da rede conversacional, a ser aplicada para obtenção da fala em diferentes estilos na entrevista (ou seja, para antes da condução da entrevista). Já a abordagem de categorização de estilos contextuais serve para ambas obtenção e identificação de estilos de fala na entrevista.

Como já dito, esta dissertação se beneficia diretamente do modelo da Árvore de Decisão para alcançar o seu objetivo principal. Por esse motivo, dedicamos o próximo tópico para falarmos mais detidamente sobre esse modelo.

⁶A julgar do estudo por Labov (2001a), baseado em uma amostra do Projeto *Language Change and Variation* com 184 informantes, estimamos um *corpus* na ordem de centenas de indivíduos. Sobre essa amostra, o autor afirma que se refere a “comunidades representativas que recobrem uma ampla área sociogeográfica [da Filadélfia].” (Cf. LABOV, 2001a, p. 93, tradução nossa).

Figura 2 – A rede conversacional – a partir de Labov (1984)

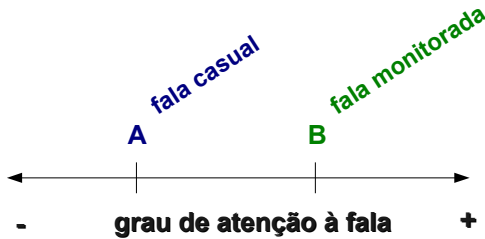


2.1.2 O modelo da Árvore de Decisão (LABOV, 2001a) e o lugar da narrativa no modelo

A Árvore de Decisão (LABOV, 2001a) oferece um modelo de análise estilística da fala exercida pelo entrevistado na entrevista sociolinguística (fala espontânea, *spontaneous speech*) e estabelece que essa fala está organizada em duas classes estilísticas possíveis: uma classe de fala monitorada ou cuidadosa (*careful speech*) e outra de fala casual (*casual speech*). Para Labov (2001a, p. 88), a fala monitorada é a fala esperada na situação dirigida de entrevista (perguntas do entrevistador, respostas do entrevistado), logo a mais simples de ser controlada experimentalmente. A fala casual, aproximação da fala vernacular na entrevista, se refere ao estilo desenvolvido nos momentos de “informalidade induzida” apesar do ambiente de formalidade da entrevista sociolinguística, logo é aquela a ser engenhosamente alcançada quando se busca aproximar a situação dirigida entre as partes da entrevista a uma conversa entre pessoas íntimas.

Essas duas classes estilísticas representam a fala desenvolvida pelo entrevistado na dinâmica de entrevista, considerando que, teoricamente, este pode (ou não) exercer audiomonиторamento sobre o que fala. Portanto, em relação à Árvore de Decisão, tem-se um *continuum* de atenção à fala que pode ser esquematicamente apresentado da seguinte forma:

Figura 3 – *Continuum* de classes estilísticas na Árvore de Decisão – inspirado em Labov (2001a)



2.1.2.1 Organização e funcionamento da Árvore de Decisão

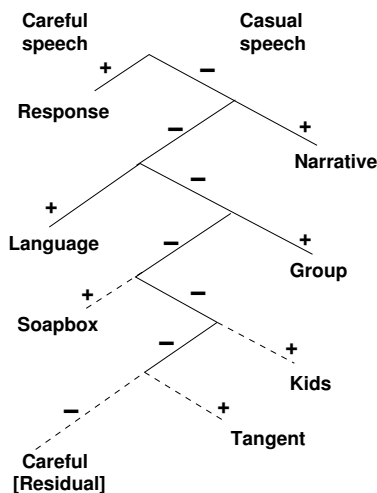
No modelo da Árvore de Decisão (Figura 4), cada classe estilística da fala espontânea (fala monitorada ou casual) está descrita em termos de *contextos estilísticos* específicos, que correspondem a ocasiões particulares dentro da entrevista que induzem o entrevistado a desenvolver determinado estilo de fala previsto. Ao total, a Árvore de Decisão compreende oito contextos estilísticos, sendo quatro contextos para a fala monitorada e quatro contextos para a fala casual.

Os contextos estilísticos de fala monitorada e casual estão arranjados como nós terminais de uma estrutura de árvore binária, sendo que os nós associados à fala monitorada estão localizados à esquerda da Árvore, e os nós associados à fala casual estão localizados à direita da Árvore. Cada nó da Árvore mantém um *critério de decisão*, regra que define se um trecho de fala espontânea corresponde (ou não) ao seu contexto estilístico respectivo.

Para a fala casual, são estabelecidos os seguintes contextos estilísticos:

- **Narrative (Narrativa):** compreende os trechos de fala veicula-

Figura 4 – A Árvore de Decisão – representação de Labov (2001a)



dos através das narrativas orais de experiência pessoal (LABOV; WALETZKY, 2003 [1967]; LABOV, 1997);

- **Group (Grupo)**: fala direcionada a outros interlocutores que, além do entrevistador, porventura estejam presentes na situação de conversação da entrevista;
- **Kids (Infância)**: relatos sobre jogos ou experiências de infância, enunciadas explicitamente em primeira pessoa;
- **Tangent (Digressão)**: fala evasiva, que desvia do último tópico estabelecido pelo entrevistador e é mantida em seu curso somente por interesse do entrevistado.

Para a fala monitorada, os contextos estilísticos são:

- **Response (Resposta)**: primeiro trecho de fala espontânea que segue a pergunta do entrevistador, seja qual for a produção (por exemplo, uma narrativa, uma opinião, etc.). Corresponde a uma sentença que veicula mais do que um *feedback* ou um eco da fala do entrevistador;
- **Language (Língua)**: trechos que tratam de aspectos linguísticos, incluindo atitudes a respeito da língua;

- **Soapbox (Opinião genérica)**: opinião de caráter geral, não restrita ao interlocutor-entrevistador, mas expressa como se fosse para uma audiência mais ampla. Fala marcada pela repetição e pela elevação do seu nível de intensidade (volume);
- **Residual (Residual)**: último contexto estilístico da Árvore de Decisão, compreende todos os trechos de fala não classificados nos outros contextos.

Os contextos estilísticos ocupam diferentes níveis da Árvore, expressos por níveis de objetividade: níveis mais superiores da árvore (*Response, Narrative, Language e Group*) mantêm critérios de decisão mais objetivos, levando a análises mais confiáveis; níveis mais inferiores (*Soapbox, Kids, Tangent e Residual*), mantêm critérios menos objetivos, levando a análises menos confiáveis.

A análise estilística de um trecho de fala usando a Árvore de Decisão obedece a uma dada sequência de aplicação dos seus critérios de decisão, descrevendo um único passeio pelos seus nós terminais (contextos estilísticos). O passeio segue uma ordem decrescente de nível, dos nós com critério mais objetivo para os nós com critério menos objetivo, perfazendo a seguinte ordem de visitas: *Response, Narrative, Language, Group, Soapbox, Kids, Tangent e Residual*. Cada visita a um nó terminal da Árvore prevê a aplicação de um respectivo critério de decisão a fim de verificar se o trecho de fala corresponde (ou não) ao contexto estilístico em questão. Havendo correspondência, a análise termina associando o trecho de fala ao contexto estilístico sendo visitado. Não havendo correspondência, o passeio prossegue em direção aos nós remanescentes até o contexto estilístico *Residual*, que, por pressuposto, corresponde ao estilo monitorado, vez que a fala esperada no ambiente da entrevista sociolinguística é a fala produzida sob audio-monitoramento.

De outra maneira, a operação da Árvore de Decisão pode ser descrita pela seguinte lógica:

 Ao escutar a fala [do entrevistado], separe a sua primeira elocução de resposta, depois classifique toda narrativa [de experiência] pessoal como fala casual; em caso contrário, descarte qualquer [trecho de fala] que discuta sobre língua. Qualquer discussão em grupo que não seja sobre língua é uma fala casual. Procure por trechos de fala prolongados e prolixos e os classifique como fala monitorada. Classifique como casual qualquer

discussão sobre temas de infância sob um ponto de vista pessoal, assim como qualquer digressão demorada promovida pelo falante-entrevistado a respeito de um tópico distinto. Afora tudo isso, a fala do entrevistado se classifica como fala monitorada (LABOV, 2001a, p. 93, parênteses e tradução nossos).

Como resultado, a análise estilística operada pela *Árvore de Decisão* oferece uma classificação estilística de natureza binária. Sua aplicação sempre associa um trecho de fala espontânea a um único contexto estilístico, resultando na atribuição de uma classe estilística entre duas possíveis: estilo de fala monitorada e estilo de fala casual.

2.1.2.2 A noção de narrativa na *Árvore de Decisão*

A noção de narrativa na *Árvore de Decisão* resulta da definição dos axiomas metodológicos do estudo laboviano, que, ao instituí-los, lega para si mesmo um problema metodológico fundamental, o chamado paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 1984; LABOV, 1997). O problema do paradoxo do observador é, dessa maneira, intrínseco à pesquisa sociolinguística laboviana, para a qual a fala de interesse é aquela manifestada pelas pessoas quando não são sistematicamente observadas, mas que só pode ser obtida de forma direta, através de observação sistemática via entrevista sociolinguística.

Parte considerável do esforço para desenvolver a entrevista sociolinguística gira em torno da necessidade de atenuar a ação do paradoxo do observador. Como resultado, em sua organização, a entrevista sociolinguística prevê a aplicação de alguns módulos especiais que visam a desconstrair o seu típico quadro de formalidade, enfraquecer o seu efeito de observação sistemática e criar condições que favoreçam o entrevistado a prestar menos atenção ao que fala. O estímulo às narrativas constitui um desses módulos especiais: elas representam uma estratégia para que o falante, ainda que esteja em uma situação de entrevista, desenvolva um estilo casual, isto é, uma forma de falar com menor audiomonиторamento que se aproxime, em alguma medida, do estilo vernacular, o estilo referencial do estudo variacionista laboviano.

Porém, para Labov (2006 [1966]), Labov (2008 [1972]), nem toda configuração de narrativa surte o efeito desejado de alternância estilística na direção de o entrevistado menos monitorar o que fala. De forma estrita, em sua abordagem de categorização de estilos contextuais, o autor define cinco ocasiões de fala casual na dinâmica conver-

sacional da entrevista, das quais dois são casos de desenvolvimento de narrativas⁷. No primeiro caso, a narrativa a ser desenvolvida reporta algum fato peculiar da biografia do entrevistado, sendo um caso típico os relatos de risco de morte iminente. No segundo, a narrativa trata das experiências de infância do entrevistado, retratadas, por exemplo, através da recitação de jogos e brincadeiras.

Esses dois casos de narrativa sustentam justamente a formação dos critérios de decisão de dois contextos estilísticos da *Árvore de Decisão*, respectivamente os contextos *Narrative* e *Kids*. Contudo, é ao primeiro caso que Labov (1997) confere o *status* de método mais eficaz para induzir o entrevistado a uma expressão cada vez mais vernacular: de um estilo monitorado, que se espera encontrar no âmbito de formalidade instaurado pela entrevista, para um estilo não monitorado (casual), que se aproxima do idealizado estilo vernacular.

Disso, a razão para que, na operação da entrevista, haja estímulo por parte do entrevistador para que o entrevistado desenvolva trechos de fala através da narrativa de experiência pessoal. Em reconhecimento a esse papel das narrativas de experiência pessoal, o seu contexto estilístico correspondente (contexto *Narrative*) mantém o critério mais relevante de classificação da fala casual na *Árvore de Decisão*:

as técnicas consideradas para o desenvolvimento da entrevista valorizam o levantamento de narrativas pessoais, que demonstram ser o critério mais importante para uma segmentação da fala espontânea. [...] ao contrário dos outros estilos de fala, é raro encontrar no estilo de narrativa uma produção de variável linguística que não se aproxime de um nível vernacular (LABOV, 2001a, p. 89, tradução nossa).

De fato, a narrativa pessoal constitui uma modalidade de discurso preciosa para Labov. Ela é recorrentemente explorada em vários dos seus trabalhos, seja como objeto de uma linha de investigação específica sobre narrativa, seja no âmbito da sua investigação variacionista, considerada pelo autor, aliás, como o ponto de partida para os seus estudos sobre a estrutura das narrativas, que surgem como um resultado subderivado de algumas de suas atividades de pesquisa variacionista da década de 1960, como a ocorrida em Lower East Side, cidade de Nova Iorque (LABOV, 1997).

⁷Os outros três contextos são: (i) fala fora da situação de entrevista; (ii) fala direcionada a uma terceira pessoa, que não o entrevistador; (iii) fala que diverge da pergunta do entrevistador.

Daquele primeiro resultado, aparentemente secundário, tem-se o que se reconhece hoje como a base formal da linha de pesquisa empreendida por Labov sobre narrativas, o estudo desenvolvido por Labov e Waletzky (2003 [1967]), no qual os autores buscam organizar um arcabouço descritivo para especificar a estrutura de variados tipos de narrativa, sendo a sua inspiração um formato denominado *narrativa oral de experiência pessoal*. Labov (1997), baseado em Labov e Waletzky (2003 [1967]), define a narrativa de experiência pessoal como um relato de uma sequência de eventos que marcam a biografia do falante através de uma sequência de orações que corresponde à ordem de ocorrência dos eventos originais. A narrativa de experiência pessoal trata de eventos notáveis, que foram vividos de tal forma que, quando recobrados, cativam e envolvem emocionalmente o falante. Ela surge no âmbito da entrevista sociolinguística e presume a existência de uma audiência ideal (atenta, interessada e reativa), papel preenchido pelo entrevistador.

A narrativa de experiência pessoal está descrita em termos de dois componentes estruturais. O *componente de organização temporal* se vincula à função referencial da narrativa: ela reconstitui linguisticamente, por meio de uma série de orações, a ordem dos eventos que se sucederam na experiência passada sob relato. Tendo em vista a sua função referencial, as seguintes seções compõem uma narrativa:

- **resumo (*abstract*)**: apresenta preliminarmente a sequência dos eventos que compõem a experiência a ser narrada;
- **orientação (*orientation*)**: instaura o ambiente inicial da narrativa pela localização dos seus elementos de espaço, tempo e atores (bem como a sua condição de início);
- **ação complicadora (*complicating action*)**: consiste no corpo principal da narrativa que desenvolve o encadeamento dos eventos;
- **coda**: estabelece o fim da narrativa e retorna a fala para o momento presente da enunciação.

O *componente de avaliação* introduz à narrativa o ponto de vista do falante sobre os eventos que estão sendo relatados, sem o qual, segundo Labov e Waletzky (2003 [1967]), a narrativa perde a sua razão de ser. Através desse componente, torna-se possível aferir a importância relativa dos eventos sob relato. O componente de avaliação atravessa todo o conteúdo da narrativa, embora seja possível reconhecer a sua

atuação de maneira mais ostensiva na denominada seção de avaliação. Alguns elementos na superfície linguística indicam a presença de avaliação, tais como o uso de comparações, verbos modais e negação (Cf. LABOV, 1997). Além desses, outros expedientes estão a serviço do componente de avaliação, o que facilita a sua detecção, caso da suspensão da ação, que funciona como uma passagem entre os planos temporais do passado (relativo ao evento sendo narrado) e do presente (relativo ao comentário sobre o evento sendo narrado) (Cf. LABOV, 1972, p. 374).

2.2 REFORMULAÇÕES À ABORDAGEM LABOVIANA: CRÍTICAS E ENCAMINHAMENTOS

A concepção estilística laboviana, que aborda o estilo como atenção à fala, tem recebido críticas variadas por uma série de razões, o que realça a compreensão sobre os seus limites e abre novas oportunidades de desenvolvimento. Nesta seção, destacamos algumas problematizações trazidas pela literatura sociolinguística que contribuem para o avanço daquele quadro e, por isso, são valiosas para a construção da nossa proposta.

Estamos especialmente interessados nas questões levantadas por outros autores em relação à abordagem laboviana para a análise estilística da fala encontrada em narrativas orais na entrevista sociolinguística. Como modelo de referência de análise estilística, nos basearemos na contribuição mais recente da agenda estilística laboviana, a *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a).

2.2.1 A *Árvore de Decisão* reformulada (BAUGH, 2001)

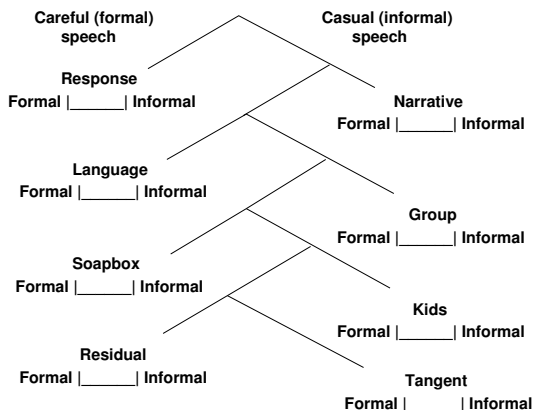
Baugh (2001) põe em questão alguns desenvolvimentos da agenda estilística laboviana, projetando o surgimento de problemas quando de sua operacionalização, e aponta, quando possível, algumas maneiras para superar as limitações levantadas. Interessa-nos, particularmente, as críticas lançadas por aquele autor a respeito da *Árvore de Decisão*.

A Figura 5 apresenta a formulação alternativa de Baugh (2001) para a *Árvore de Decisão*. Fundamentalmente, a novidade dessa nova *Árvore* é que ela relaciona a cada nó terminal um critério de classificação de fala que opera por composição em dois níveis. O primeiro nível corresponde ao ramo em que o contexto estilístico se localiza, associando inicialmente ao seu critério uma de duas tendências de fala

possíveis (monitorada ou casual).

O segundo nível expressa a possibilidade de complementar a classificação estilística com um conjunto de combinações de traços de maior ou menor atenção à fala (maior ou menor “formalidade”), tendo em vista algumas observações do trecho de fala sob análise em relação à entrevista em que esse trecho aparece ou em relação a outras entrevistas sociolinguísticas existentes (BAUGH, 2001, p. 114). Essa premissa do modelo torna possível ao pesquisador enriquecer a classificação estilística da Árvore de Decisão, feita *a priori* e restrita somente às classes de fala monitorada ou casual, agregando um conjunto complementar de dados que deem maior comprovação empírica, tais como alguns dados etnográficos e outros fatos situacionais que sejam oriundos da própria experiência de realização da entrevista sociolinguística.

Figura 5 – A Árvore de Decisão reformulada – representação de Baugh (2001)



A abordagem de Baugh (2001) oferece uma opção metodológica e um argumento para se reexaminar as diferenças estilísticas presentes na fala narrativa na entrevista sociolinguística, superando certos problemas de análise apresentados pela Árvore de Decisão. Um desses problemas, reconhecido por Labov (2001a, p. 93) e repercutido por Baugh (2001, p. 115), diz respeito ao fato de que o critério de análise do contexto *Residual* da Árvore de Decisão é bastante difuso, ou seja, esse contexto abriga trechos de fala que poderiam ser associados a estilos diferentes ainda que, no fim das contas, os categorize uniformemente como fala monitorada.

É o caso da fala no formato de narrativa sobre fatos habituais, “pseudonarrativas” para Labov (2001a), que muito provavelmente ingressa no contexto estilístico *Residual*, classificando-se como fala em estilo monitorado. Embora reconstituam fatos vividos pelo falante-entrevistado, a fala em narrativa habitual não é classificada pelo contexto estilístico *Narrative* (primeiro da Árvore de Decisão a lidar com a fala narrativa da entrevista), visto que o critério desse contexto estilístico somente contempla a narrativa sobre fatos episódicos da biografia do entrevistado. A situação se repete com o contexto *Kids*, próximo contexto estilístico da Árvore de Decisão baseado na fala narrativa, que se limita aos relatos sobre a infância em primeira pessoa (Cf. LABOV, 2001a, p. 91). A depender do tópico e do ponto de vista do entrevistado na narrativa habitual, ela pode não se ajustar ao critério estabelecido pelo contexto *Kids*, restando muito provavelmente a opção de classificação como estilo monitorado pelo contexto *Residual*.

Com isso, por exemplo, a Árvore de Decisão classificaria a narrativa habitual do excerto a seguir como estilo de fala monitorada. A narrativa em questão (trecho em destaque) emerge de um contexto mais amplo de opinião instigado pela entrevistadora (não exibido no excerto), a respeito do turismo e alguns de seus efeitos para a comunidade onde sempre viveu a entrevistada desde a infância. Em articulação com a resposta da entrevistada, a entrevistadora traz uma nova questão, aninhada àquela primeira, sobre a poluição das águas do rio que passa por aquela comunidade. Em resposta a essa segunda questão, após rápido comentário inicial, a entrevistada desenvolve uma narrativa habitual, em que relata o que costumava notar durante o período em que atuava como estagiária no órgão de vigilância sanitária da sua cidade.

(1) **Entrevistadora:** e o pessoal diz assim que muita gente que joga água pra dentro do rio do esgoto pra dentro do rio tu acha que isso realmente tá acontecendo?

Entrevistada 1: acontece ó acon/ acontece sim não tenha dúvida disso... eu na época que fiz o meu estágio na na... depois da Escola Técnica tinha a gente tinha que fazer um estágio né? ((est))... e eu fiz na Vigilância Sanitária... que é uma área super boa gostei muito também... e o que a gente via de barbaridade... isso foi noventa e:: três noventa dois ((est))... já em noventa e dois já tava... dez anos atrás praticamente... onde o crescimento tava aí à TODA... já faziam barbaridades ((exclama))... restaurantes que jogavam... todo todo

o seu lixo... terreno baldio ou ou... se pudesse colocar também ali ali na na rede... de ((hesita)) que passava água... pluvial água da chuva... também se colocava... o esgoto nem pensar era ((a))li exatamente ali e pronto... sabe? em vários pontos da Ilha... na Barra também com certeza ((est))... né? por sorte não tem grande não tem out(r)os grandes hotéis ou tem grandes... grandes restaurantes... né? que é tudo mais ou menos o mesmo padrão que consegue aí se manter como fossa sumidoura mais... ((pausa longa))

A exemplo da fala em narrativa habitual, a *Árvore de Decisão* também muito provavelmente classifica a fala em narrativa de experiência vicária (sobre fatos ocorridos com outras pessoas, não testemunhados pelo entrevistado) como estilo monitorado, independentemente da importância que o fato relatado tenha para o entrevistado. Porém, é razoável supor que, ao rememorar em narrativa certos episódios passados importantes na vida de pessoas próximas, por exemplo, o entrevistado, por empatia, se envolva emocionalmente de modo a prestar menos atenção ao que fala. Ou ainda, em virtude da sensibilidade do entrevistado ao assunto do fato sendo narrado. Uma combinação dos dois fatos parece ocorrer no trecho de fala em narrativa vicária (em destaque) contida no excerto a seguir. Nessa narrativa, ocorrida na mesma entrevista de onde foi extraído o excerto (1), a entrevistada narra um fato ocorrido com o irmão mais velho, que supera as suas dificuldades financeiras para completar os estudos em um instituto de educação de prestígio na cidade onde mora. O episódio trata especificamente do reconhecimento recebido pelo irmão por parte dos professores, motivo de orgulho para a entrevistada, sentimento compartilhado com a entrevistadora.

(2) **Entrevistadora:** acho que até o professor ele admira né? o pessoal que sai assim... eu eu assim também como também como professora acabo... vendo assim acabo admirando pessoal que sai de longe pra vir estudar ((est))... com com o esforço que que as pessoas fazem né? ((est)) às vezes dão muito mais valor do que aquele que tá do lado da escola ((est))

Entrevistada 1: o fa/ o ((nome do irmão)) né? ((o)) fato de ele ter estudado antes muitos profe/ professores conheciam ele né? ((est))... então o ((nome do irmão))

teve um fato bem interessante que:... ele pescava... pra poder ter o dinheiro no dia seguinte para ir ((entrevistadora se admira)) estudar na ((Escola)) Técnica é coisa MAIS difícil ainda ((exclama)) ((est))... né?... e um uma dessas vezes um pesca/ um professor... acompanhou... veio com ele... veio com ele... e disse que... acompanhou foi pescar tal comeu veio aqui ((leve batida))... e aí no dia seguinte o comentário entre ele(s) lá foi ((est)) “olha esse aluno sabe faz tudo isso pra poder vir e eu presenciei tudo isso” ((est))

Entrevistadora: legal né?

Entrevistada 1: foi foi

Os problemas de análise identificados com o contexto *Residual* refletem uma questão mais geral que é deixada em aberto pela *Árvore de Decisão*. A questão pode ser resumida nos seguintes termos: dado um trecho de fala da entrevista a ser analisado e um contexto estilístico da *Árvore* que corresponda a esse trecho, esse contexto estilístico jamais considera que, para além do que presume o seu critério de decisão sendo aplicado, possa haver outros traços do domínio discursivo da fala sob análise que, de maneira relevante, também influenciem na classificação estilística.

Em um caso de aplicação do critério de decisão do contexto *Narrative*, por exemplo, leva-se rigorosamente à identificação de todo trecho de fala do entrevistado em escopo de narrativa de experiência pessoal a um único rótulo de estilo casual. Esse resultado de análise se mantém mesmo quando duas narrativas de experiência pessoal surgem na entrevista sob condições discursivas diferentes, indicando classificações estilísticas distintas. É o que acontece com os trechos sublinhados nos excertos (3) e (4) a seguir, que representam os momentos iniciais de duas falas em narrativa de experiência pessoal que emergem a partir de escopos discursivos diferentes em uma mesma entrevista sociolinguística.

No trecho em (3), a narrativa de experiência pessoal aparece em meio a um domínio discursivo direcionado pela parte entrevistadora, que inicialmente solicita ao entrevistado algumas informações sobre a sua profissão. O entrevistado então responde de maneira expositiva, descrevendo que tipo de trabalho exerce. Mantendo-se no quadro tópico, ele prossegue com a sua exposição (não exibida no trecho em questão) para em seguida emendá-la com uma opinião (trecho em itálico não sublinhado) sobre a qualidade do trabalho exercido no seu

local de atuação (na comunidade local em que o próprio entrevistado vive). Para sustentar a ideia de que o seu trabalho acontece não sem dificuldades, uma narrativa de experiência pessoal é lançada, com início no trecho em sublinhado, que retrata uma situação específica de conflito pessoalmente vivida pelo entrevistado no exercício da sua profissão.

(3) **Entrevistadora:** eu queria te perguntar um pouquinho sobre seu traBALHO aqui... qual é exatamente seu trabalho aqui?

Entrevistado 1: meu trabalho é: sobre a parte de obra(s) né?... a gente fa:z ((entrevistadora interrompe para ajuste no microfone)) o: nosso trabalho aqui:... a intendência agora tá funcionando há dois+ano... com esse trabalho na comunidade né?

[...]

E A GENTE TÁ MELHORANDO COMUNIDADE

graças a Deus esta área né? de trabalho a... a: prefeitura: tem dado muita+atenção à: ((inaudível)) na Barra da Lagoa muito atenciosamente tem precisado tem dado pra gente né?... e (ag)ora as dificuldades que o: que eu observei aqui... é que: alguns moradores precisaram colocar cano né? fazer drenagem que co/ dá: ((hesita)) temporal que deu este ano né? o que: vazou ((inaudível)) muita água... e tá p((r))ecisando de alguma drenagem foi da(r)+auxílio às pessoas... e eu precisei de certo de TAIS canos eu precisei de tal tantos CANOS cheguei lá ó “precisa tanto cano tal”... aí fui falar co/+o engenheiro engenhe/+“a:h pessoal vai ter que pagar co/ a: rua se fo/” mas+o pessoal já paga imposto tendeu?

O trecho em (4) se refere a uma narrativa de experiência pessoal que se estabelece em um domínio discursivo direcionado pela parte entrevistada. A fala narrativa em questão surge efetivamente aos 19 minutos de gravação da entrevista, mas o seu assunto relacionado, a religião, já pautava a dinâmica de entrevista desde os 12 minutos e 50 segundos de gravação (isto é, há mais de 6 minutos), momento em que o entrevistado encerra com uma breve menção religiosa a sua fala opinativa acerca de um tema não religioso previamente estabelecido por uma pergunta da entrevistadora (trecho não exibido). Essa atitude do entrevistado contribui para que perguntas sobre a sua inclinação religiosa ocupem os próximos minutos da entrevista, chegando ao trecho apre-

sentado em (4), que pode ser dividido em dois momentos principais. No primeiro, o entrevistado reflete sobre alguns preceitos de fé religiosa exercendo uma fala similar à opinião genérica do estilo *Soapbox* da *Árvore de Decisão*. No segundo momento, sem aparente intervenção da entrevistadora, o entrevistado principia a sua fala narrativa (trecho sublinhado) por iniciativa própria, fazendo uso de uma estratégia especial: a introdução de uma fala curta preliminar (em itálico não sublinhado), através da qual o entrevistado enseja o desenvolvimento de uma narrativa pessoal, um testemunho sobre uma experiência de quase morte em que a força da fé religiosa tem papel destacado.

(4) **Entrevistado 1:** eu acho que:... depois DAQUI vai ter of/ u::m... Deus promete a:... a terra prometida a justiça no reino dos céus... tendeu? quem PRATICA a justiça aqui na terra tem o reino dos céus acho que (no/ é que é isso?)... é nisso que a gente acre/ depois (que) ((a)) gente: (divide) a experiência com Deus... porque depois da morte o que que somos? que Deus? somos nada... (a) gente tem que acreditar em alguma coisa (algum) mundo... *e eu tenho uma outra coisa pa/ contar de eu ser recém lá... sobre vidas né? ((est))...* e eu comecei entrando na droga antes de conhecer assim ó ah “(a) gente conhece Jesus todo mundo tem fé em Deus tal” ... eu tinha muita fé em Deus assim né?

Segundo a *Árvore de Decisão*, os trechos de narrativa sublinhados em (3) e (4) são idênticos do ponto de vista estilístico: ambos representam a fala casual na entrevista, pois respeitam o critério de decisão do contexto *Narrative*, que confere a toda produção oral em relato de experiência pessoal (caso dos trechos em questão) uma mesma classificação de estilo casual. Entretanto, ao classificar de forma equivalente os trechos sublinhados em (3) e (4) somente tendo em vista o quadro da narrativa de experiência pessoal, o contexto *Narrative* abstrai as circunstâncias discursivas em que tais trechos surgem na entrevista, ignorando também o papel desse entorno discursivo para a composição do estilo de fala casual. Ou seja, uma análise via contexto *Narrative* consegue dizer que as narrativas em (3) e (4) representam estilos casuais na entrevista, mas é incapaz de dizer que esses estilos casuais são virtualmente diferentes, considerando que aquelas narrativas entram na entrevista de maneiras diferentes, condicionando o entrevistado antes mesmo de começar a produção narrativa a níveis relativamente desi-

guais de automonitoramento da fala.

2.2.1.1 Encaminhamentos para esta dissertação

Consideramos que o encaminhamento para resolver as questões apresentadas – tanto a questão da classificação estilística do contexto *Residual* em relação às narrativas habitual e vicária, quanto a questão da rigidez da classificação estilística dos outros contextos de base narrativa da Árvore de Decisão (*Narrative* e *Kids*) – seja considerar que todos os trechos de fala narrativa na entrevista sejam reclassificados conforme um **novo contexto estilístico de fala narrativa na entrevista sociolinguística**, cuja formação se inspire na Árvore de Decisão, mas não adote propriamente o seu mecanismo rígido de análise. Este novo contexto estilístico deve adotar um critério de análise estilística que classifique a fala narrativa na entrevista, em alguma medida, como casual. Na prática, além de contemplar a fala na narrativa de experiência pessoal, o novo contexto estilístico de narrativa abrangeria as falas nas narrativas de infância (em contexto *Kids* da Árvore de Decisão), além de outras falas narrativas, tais como as falas na narrativa habitual não classificável como *Kids* (a “pseudonarrativa” para Labov) e na narrativa de experiência vicária (ambas em contexto *Residual* da Árvore de Decisão).

Conceitualmente, a construção dessa nova perspectiva de análise, inspirada na Árvore de Decisão, requer atenção em relação a, pelo menos, dois pontos. Primeiro, a fim de estabelecer um critério de análise estilística que abranja diversas formas de narrar na entrevista, é preciso ter em mente **uma nova definição de fala narrativa na entrevista**. Isso significa expandir a noção de narrativa empregada na Árvore de Decisão, tal que abranja aquilo que há em comum na narrativa de experiência pessoal (contexto *Narrative*) e nos outros formatos narrativos que esperadamente incidem na entrevista, haja vista os critérios dos contextos *Kids* e *Residual*.

Segundo, devemos postular que todas as falas narrativas não levam a uma mesma qualidade de estilo casual, isto é, não provocam no entrevistado um mesmo efeito de alternância estilística de uma fala monitorada para uma fala menos monitorada (mais casual), mas induzem, **em alguma medida**, um estilo de fala casual (ajudam, de certa maneira, o entrevistado a desviar a sua atenção ao que fala). No plano descritivo, esta ideia de gradações de fala casual pode ser caracterizada dizendo que **o novo contexto estilístico narrativo corresponde**

a um *continuum* de atenção à fala narrativa, inspirando-se na noção esquematizada por Baugh (2001) para cada contexto estilístico de sua Árvore de Decisão reformulada (Figura 5). Na organização desse *continuum*, torna-se necessário, entre outros pontos, examinar quais elementos podem entrar na sua composição, de tal maneira que, dado um trecho de fala narrativa na entrevista, o novo contexto estilístico narrativo seja capaz de oferecer uma classificação estilística mais refinada do que a associada à Árvore de Decisão, baseando-se em uma escala de grau de atenção à fala com mais nuances de estilo (tão mais refinada quanto mais elementos comporem o seu *continuum*), no lugar de uma escala binária composta somente pelos estilos de fala casual e monitorada.

2.2.2 A revisão da noção de contexto de fala na entrevista para uma abordagem estilística multidimensional, em Eckert (2001), Schilling-Estes (2007) e Görski (2011)

A noção de contexto de fala na entrevista sociolinguística está intimamente ligada ao problema do paradoxo do observador, que impõe uma questão importante quanto à representatividade da entrevista sociolinguística como método de coleta de dados de fala da pesquisa variacionista. Enquanto a pesquisa variacionista estabelece que as suas evidências mais regulares da variação/mudança estão na fala vernacular, não se pode esperar que a entrevista sociolinguística seja um ambiente propício para se desenvolver a fala vernacular (LABOV, 1984; LABOV, 2008 [1972]), razão pela qual a pesquisa variacionista busca algumas alternativas metodológicas para induzir o entrevistado a desenvolver, então, uma aproximação da sua fala vernacular (fala casual) a despeito da situação de entrevista.

No centro da estratégia de promover o surgimento da fala casual na entrevista, a pesquisa variacionista opera uma noção *ad hoc* de contexto, no intuito específico de envolver o entrevistado em diferentes ocasiões comunicativas, nas quais, presumivelmente, seja favorecida a sua produção de fala casual. Os elementos que formam os contextos *ad hoc* de fala casual na entrevista, bem como a maneira como esses elementos estão combinados, são diversos. Em comum, a ideia de que esses elementos devem desviar a atenção do entrevistado em relação à sua própria fala, haja vista a premissa de que, na fala vernacular, esse nível de atenção à fala é mínimo. Ao longo dos trabalhos de Labov, é possível identificar alguns dos elementos que formam os contextos

ad hoc de fala casual na entrevista e entender de que maneira contribuem para induzir o entrevistado ao mais próximo possível de sua fala vernacular.

A figura do interlocutor é um exemplo célebre de elemento da situação de entrevista que influencia a produção da fala casual, potencial que é explorado pela pesquisa variacionista. Nela, o esforço metodológico em relação à figura do interlocutor é para o esvaziamento do papel de entrevistador-observador e o favorecimento do papel de “interlocutor ideal”⁸, haja vista a expectativa de que, na entrevista sociolinguística, a figura do interlocutor iniba (ao menos, de início) a produção da fala casual⁹.

Além do fator “figura do interlocutor”, a pesquisa variacionista dá mostras de manipular outros elementos presentes na situação de entrevista para desenvolver os seus ambientes de indução à fala casual. A Árvore de Decisão evidencia alguns desses elementos (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011): por exemplo, o contexto estilístico *Narrative* compreende uma forma de textualização correlacionada a certos tipos de tópico (por exemplo, risco de morte); o contexto *Group*, que também diz respeito à audiência – fala dirigida a terceiros que não o entrevistador (LABOV, 2001a, p. 90); o contexto *Kids* também envolve tópico (experiência e jogos infantis) (LABOV, 2001a, p. 91); o contexto *Tangent* se embasa em um aspecto da organização conversacional, em que o falante imprime uma direção divergente ao controle do entrevistador estabelecendo um tópico (LABOV, 2001a, p. 92).

Enquanto Labov (2006 [1966], p. 59) acredita que a fala casual na entrevista (representando a fala vernacular) corresponde mais frequentemente à fala das pessoas na realidade fora da entrevista e que, por isso, essa fala deve oferecer uma visão mais precisa sobre como se dá a variação/mudança no dia a dia, outros sociolinguistas apontam para uma direção diferente. Para esses autores, em se tratando do estudo da fala no cotidiano, para além da fala casual, outros estilos de fala relativamente mais monitorados, com diferentes graus de atenção, devem ser considerados, tendo em vista que há algo de consciência do falante sobre o que fala quando este ajusta a sua forma de falar por variadas razões em diferentes situações comunicativas (SCHILLING-ESTES, 2007, p. 971). O problema, no entanto, é **como** mensurar na prática, para

⁸Chamamos de “interlocutor ideal” um interlocutor que forma uma audiência ideal: atenta, interessada e responsiva (LABOV, 1997).

⁹É interessante notar que, por outro lado, a importância do fator “figura do interlocutor” é levada ao extremo na abordagem estilística de acomodação à audiência – *Audience Design* (BELL, 1984). Essa abordagem sustenta que a variação estilística ocorre, de maneira central, em resposta a diferentes audiências.

além da fala casual, outros estilos relativamente mais monitorados que venham a incidir na entrevista. Longe de ser uma teoria sobre o estilo, mas uma abordagem teórico-metodológica para organizar a variação na fala dos indivíduos entrevistados (no caso da dinâmica conversacional da entrevista, em duas classes de fala, a fala monitorada e a fala casual) (LABOV, 2001a, p. 87), a abordagem de estilo como atenção à fala acumula várias críticas, entre as quais está justamente a sua dificuldade de operacionalização (SCHILLING-ESTES, 2002, p. 382).

2.2.2.1 Encaminhamentos para esta dissertação

Tendo em vista a questão de como aferir na entrevista (em sua seção conversacional) uma variedade de estilos que são, em alguma medida, monitorados (a fala casual e outros estilos com graus potencialmente mais elevados de atenção à fala), consideramos como encaminhamento para a nossa revisão da análise estilística da fala narrativa na entrevista **um levantamento cuidadoso dos elementos da situação de entrevista que, em ambiente de narrativa, não somente funcionam como parâmetros para a obtenção da fala casual, como também ajudam a compreender de que maneira pode se reconstituir uma certa variedade de estilos de fala (no caso, estilos narrativos) na entrevista**. Esses elementos podem nos ajudar ainda a entender como esses estilos se alternam ao longo da entrevista, representando uma importante fonte de informação a respeito da variação estilística e seus condicionamentos (SCHILLING-ESTES, 2007).

Seguindo Görski (2011), levamos em conta que **esses elementos podem se basear em algumas categorias de ordem discursivo-situacional conhecidas, tais como o tópico e o discurso reportado, formando unidades multidimensionais de análise**. Com isso, torna-se possível alcançar um entendimento mais refinado do que o oferecido pela Árvore de Decisão sobre a variedade de estilos de fala na entrevista, indo além de seu modelo de análise estritamente unidimensional, baseada em uma única dimensão de atenção à fala (SCHILLING-ESTES, 2007).

3 MODELO DE (RE)ANÁLISE ESTILÍSTICA DA FALA NARRATIVA: DESENHO CONCEITUAL

Este capítulo apresenta o desenho conceitual do nosso modelo de (re)análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística. De partida, fundamentamos esse desenho conceitual tendo em vista as contribuições da abordagem laboviana para o estudo do estilo e da variação estilística da fala, especialmente as implicações dessa abordagem para os trechos de fala narrativa na entrevista sociolinguística. Buscamos avançar, também, em relação a esse quadro inicial, considerando as problematizações que foram lançadas em relação àquela abordagem, bem como os encaminhamentos que foram dados a essas problematizações, ambos detalhados no capítulo anterior.

Haja vista o que apresentamos até então, é possível estabelecer algumas afirmações preliminares. Sendo assim, reconhecemos que:

- A entrevista sociolinguística é uma situação comunicativa que abrange diferentes ocasiões de produção oral. É especialmente construída para proporcionar que o falante-entrevistado desenvolva uma produção linguística variável, conforme seus diferentes estilos de fala;
- A narrativa, ao lado de outras práticas discursivas (a opinião, a exposição, etc.), expressa em certa medida a variedade estilística na entrevista, sendo especialmente explorada pela pesquisa variacionista para que o entrevistado desenvolva a fala casual, aproximação na entrevista da sua fala vernacular (estilo de referência para o quadro de pesquisa variacionista). No entanto, nem toda fala narrativa na entrevista leva o entrevistado a produzir a fala casual, o que significa que não existe um único estilo de fala narrativa na entrevista, mas uma variedade de estilos de narrar;
- Os diferentes estilos de fala narrativa na entrevista estão correlacionados aos diferentes níveis de atenção que o falante-entrevistado presta à sua própria fala enquanto narra (especialização da noção laboviana de estilo). Para um nível de atenção que o entrevistado exerce sobre a sua fala narrativa, há um contexto narrativo na entrevista que o favorece. Embora o contexto narrativo na entrevista esteja organizado em uma única dimensão de atenção à fala, sua formação é de caráter multidimensional, resultante da combinação de vários elementos que, ao lado da textualização narrativa, estão imersos na situação comunicativa da entrevista, tais

como o tópico da narrativa ou a quem o fato narrado diz respeito. Esses elementos (e suas possibilidades de combinação) parecem motivar as diferenças entre estilos de narrar na entrevista¹, de modo que o efeito final de atenção à fala do contexto narrativo depende de como esses elementos mais particulares estão arranjados, levando o entrevistado a desviar em alguma medida a sua atenção em relação ao que fala.

Para o propósito desta dissertação, propomos desenvolver um modelo de análise estilística da fala narrativa que evidencia o estilo narrativo (correlacionado com a atenção à fala narrativa) como uma entidade de origem multidimensional, apresentada em termos de uma caracterização explícita do entorno contextual de fala em que ele se manifesta. Para tanto, devemos basear o nosso modelo de análise em uma ideia de contexto de fala representável por um conjunto fixo de elementos de natureza discursivo-situacional que *(i)* se sobressaem quando da realização de uma fala narrativa na entrevista *(ii)* e, presumivelmente, são indutores de maior ou menor atenção à fala, de modo que diferentes combinações desses elementos contextuais levam a diferentes gradações de atenção à fala (logo, diferentes gradações estilísticas).

Neste capítulo, as duas primeiras seções estão dedicadas à formulação conceitual do que é contexto de fala narrativa para o nosso modelo, identificando quais são os elementos contextuais em jogo, bem como quais são as suas respectivas hipóteses preliminares em termos de efeito de atenção à fala. Esses elementos servirão de base para a definição dos parâmetros formais da nossa proposta de modelo, que serão extensivamente trabalhados no capítulo seguinte. A terceira seção, mais breve, conclui este capítulo, apresentando em seu conteúdo um resumo das contribuições das seções anteriores.

3.1 A ENTREVISTA COMO UMA SITUAÇÃO COMUNICATIVA

Para além de ser o instrumento de coleta de dados linguísticos da investigação variacionista, a entrevista sociolinguística representa uma situação comunicativa. Tipicamente², a configuração da entrevista obe-

¹Na Árvore de Decisão (LABOV, 2001a), vide as diferenças de tópico entre a narrativa de experiência pessoal (contexto *Narrative*) e a narrativa de infância (*Kids*). Ou então, as diferenças de personalidade entre a narrativa de infância e a narrativa de experiência vicária (*Residual*).

²Sublinhamos que a entrevista sociolinguística apresenta algumas configurações alternativas, tais como a presença de terceiros ou a condução via contato telefônico.

dece a um conjunto de convenções básicas³ e compreende duas partes individuais, entrevistadora e entrevistada, postas em interação face a face.

No seio da entrevista sociolinguística, desenvolve-se uma extensa atividade discursiva. Em um nível mais abstrato, nela se realiza uma grande modalidade de texto⁴ pautada por pares pergunta-resposta, que marcam a relação entrevistador-entrevistado e formam o tecido textual do discurso que é reconhecido como o todo da entrevista. Em um nível mais específico, a entrevista abriga a realização de outras modalidades de texto, reconhecidas sob as formas de narrativa, opinião ou relatos de procedimento, por exemplo. A essas diferentes maneiras de realização de um texto na entrevista sociolinguística, esperadamente instigadas pela parte entrevistadora e realizadas pela parte entrevistada, correlacionamos o exercício de diferentes modos de textualização.

O modo de textualização. Consideramos que a entrevista sociolinguística abre espaço para o aparecimento de diferentes modos de textualização, permitindo assim que o entrevistado desenvolva o seu texto discursivo na entrevista de diferentes maneiras (p. ex., como uma explicação, opinião ou narrativa). A concepção de modo de textualização de que tratamos aqui se inspira na categoria de gênero (BAKH-TIN, 1997) somente para dizer que um modo de textualização está tipicamente situado em uma prática social comunicativa e que, por tradição dessa prática comunicativa, esse modo de textualização ganha as suas características, a ponto de ser reconhecido e operado analiticamente. No nosso caso, a prática comunicativa é a entrevista sociolinguística, sendo que os modos de textualização que aparecem na entrevista passam a ser identificados em virtude da tradição do exercício da entrevista como atividade prevista da pesquisa variacionista. Além disso, pela possibilidade de haver instâncias renovadas de uma mesma prática so-

Em relação a este último ponto, Labov (1984, p. 46-48) o descreve como um procedimento complementar à entrevista, para os casos em que a amostragem dos informantes não seja realizada via procedimentos aleatórios ou levantamentos mais sistemáticos (p. ex., censos). Nesta dissertação, não assumimos essas variações da entrevista.

³Por exemplo, a relação assimétrica entre entrevistador e entrevistado. Marcuschi (2007, p. 16), em alusão a Steger, identifica os diálogos assimétricos como um elemento convencionalizado para as entrevistas, situação em que, por pressuposto, “um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir, concluir a interação e exercer pressão sobre (o)s outro(s) participante(s).”

⁴Em menção a uma acepção estrita de texto de Koch (1987, p. 21-22), segundo a qual o texto é a manifestação linguística do discurso (atividade comunicativa situada entre partes interlocutoras) que consiste em “qualquer passagem falada ou escrita, capaz de formar um todo significativo, independente de sua extensão”. No caso deste trabalho, tratamos do texto falado.

cial em diferentes épocas do tempo, um modo de textualização está sujeito a novos contornos, sendo assim para os modos de textualização da entrevista, visto que esta não se realiza sempre da mesma maneira, apresentando alterações.

Portanto, pegando de empréstimo a ideia de estabilidade relativa da categoria de gênero, consideramos que, de forma geral, um modo de textualização que ocorre na entrevista sociolinguística é relativamente estável, ora exibindo alguns elementos que lhe são recorrentes e que, por isso, nos permitem tratá-los como típicos da sua composição, ora sendo passível de relativização, ao haver a possibilidade de, na sua realização como texto discursivo, estabelecer um certo conjunto de relações tanto de caráter intratextual (construída no interior do texto sendo atualizado na atividade discursiva) como extratextual (estabelecida em alusão a entidades externas ao texto discursivo e que interagem com a língua).

Mais particularmente, definimos a noção de estabilidade relativa do modo de textualização da entrevista a partir das propriedades correlatas de uma sequência textual (ADAM, 1992 apud BONINI, 2005). Assim, um modo de textualização da entrevista é estável no que concerne à sua identidade prototípica⁵, no que mantém em comum a um certo protótipo de produção de texto dentro da entrevista, cujos traços se sedimentam pela própria tradição da atividade discursiva da entrevista, um expediente previsto na pesquisa variacionista.

A articulação entre os modos de textualização. O modo de textualização da entrevista é relativo na medida em que, quando da sua concretização, ele se relaciona com outras entidades, dentro ou fora do texto discursivo, tendo em vista a sua acomodação a restrições pragmáticas. Uma possibilidade de relação intratextual, que contemplamos, reside na articulação de um modo de textualização com outros modos de textualização durante a sua atualização no discurso, mediante uma relação de dominância-subordinação, a exemplo do que acontece com as sequências textuais, em que:

tais exigências [pragmáticas] podem levar o texto a explicitar, em sua superfície, mais de uma sequência, ao que *uma delas será a dominante*, devendo as demais a ela se adequar. (BONINI, 2005, p. 218)

O padrão básico de relação entre os modos de textualização da entrevista é justamente a sua organização em pares pergunta-resposta.

⁵Bonini (2005, p. 210) se refere à estratégia de raciocínio prototípico em alusão aos trabalhos de Rosch (1978) e Kleiber (1990). Já a ideia de protótipo, de fundo cognitivo, é influenciada de início por Werlich (1983 [1976]).

Nesse padrão, o modo de textualização que representa o todo da entrevista consiste em um macromodo de textualização dialogal, capaz de desencadear vários outros modos de textualização em seu interior. Ao lado de outros aspectos, como a assimetria entre as partes entrevistadora e entrevistada, a relação de dominância entre um macromodo de textualização dialogal e outros vários modos de textualização mais particulares é típico da entrevista sociolinguística:

A entrevista sociolinguística [laboviana] é, por natureza, uma sequência dialogal, já que envolve no mínimo dois interlocutores que alternam os turnos conversacionais. As perguntas do entrevistador são de tipos variados, funcionando como gatilhos para o surgimento de diferentes sequências textuais nas respostas do entrevistado. Assim, a troca de turnos pode se dar mediante o padrão pingue-pongue de pergunta/resposta rápida, mas, principalmente, em função de solicitações do entrevistador acerca de relatos de fatos passados, de informações atuais ou de opiniões do informante sobre temas polêmicos, por exemplo, questões que demandam respostas mais longas, envolvendo diferentes graus de elaboração e de envolvimento subjetivo do falante. (GÖRSKI, 2011, p. 9)

Além daquele primeiro padrão, geral, de relação entre modos de textualização ao longo de toda a entrevista, é possível depreender novos padrões, particulares, de associação entre textualizações dentro da entrevista. Adam (2010) analisa dois casos de relação de dominância entre sequências textuais que também podem ser encontrados de maneira correspondente entre os modos de textualização da entrevista sociolinguística. No primeiro caso, no contexto de uma entrevista divulgada pela imprensa jornalística, o autor examina a inserção da narrativa (uma fábula) para elucidar o significado de uma palavra não compreendido pelo entrevistador. No segundo, em um debate político transmitido pela TV, a narrativa (uma anedota) sustenta a argumentação de uma das partes debatedoras.

Dessa maneira, um modo de textualização particular pode ser atualizado no discurso não como uma resposta marcada a uma pergunta lançada pelo entrevistador, mas como um recurso que serve de apoio a um outro modo de textualização anteriormente realizado pelo entrevistado. No desenho do nosso modelo, expressamos esta segunda possibilidade de associação entre textualizações em termos de uma relação

adjacente entre dois modos de textualização decorrentes de um mesmo gatilho: seja uma pergunta lançada pelo entrevistador, no sentido estabelecido por Görski (2011) (vide citação anterior); ou uma iniciativa empreendida pelo entrevistado em que este parece realizar um projeto discursivo próprio, sem a mediação do entrevistador⁶.

Identificamos duas situações de realização de um modo de textualização no discurso, segundo uma relação de dominância-subordinação. Um modo de textualização é *dominante* quando se realiza em uma fala que é consequência de um gatilho. É o caso típico da produção de uma narrativa pelo falante-entrevistado introduzida por uma pergunta-gatilho do entrevistador (“E como é que foi sua infância?”). Um modo de textualização é *não dominante* quando se realiza em função de um fluxo discursivo anterior dentro de um mesmo gatilho. Por exemplo, uma narrativa pode ser encetada quando um entrevistado, em meio à construção de uma opinião, reporta um fato de sua experiência passada para apoiar a tese pela ou contra a qual pretende se posicionar.

Até o momento, o nosso modelo de análise estilística da fala narrativa adota uma descrição de contexto de fala que compreende dois elementos: além do modo de textualização adotado pelo entrevistado para compor a sua fala narrativa, o *status* de (não) dominância desse modo de textualização. Postulamos que o *status* de (não) dominância de um certo modo de textualização pode diferenciar um estilo de fala (e, por tabela, condicionar a variação linguística) dentro da entrevista, visto que, ao estar subordinada a uma outra textualização, um modo de textualização assume uma nova condição, guardando uma organização parcialmente prototípica. É o que acontece quando, retomando o exemplo do parágrafo anterior, comparamos as realizações de uma textualização narrativa dominante, em que se narra a pedido do entrevistador, com uma outra textualização narrativa não dominante, que é uma ilustração de um aspecto de uma opinião, em que se narra para argumentar.

O discurso reportado. Em sua realização discursiva, além de potencialmente se articular com outros modos de textualização, um modo de textualização da entrevista pode ter a sua composição enriquecida com trechos de discurso reportado. Inspirados por Volochinov e Bakhtin (1997), Zilles e Faraco (2002, p. 15-17) destacam a importância do discurso reportado como um condicionante da variação linguística na entrevista, à medida que ele evidencia um texto discursivo de caráter heterogêneo, saturado por outras vozes além da voz de quem o direta-

⁶Este último tipo de gatilho se enquadra na categoria de fala *Tangent* conforme a Árvore de Decisão (LABOV, 2001a, p. 92).

mente enuncia.

Quanto a esse ponto de vista, Górski (2011), que se interessa pelo discurso reportado enquanto base para a descrição de um condicionante da variação estilística, citando Zilles e Faraco (2002, p. 28), chama a atenção para a qualidade da relação formada entre os discursos reportante e reportado, que vai além de uma mera reprodução do que o outro teria dito. Nessa interrelação, um falante, reportante, aprecia a fala do outro, reportado, podendo “adaptar seu enunciado de modo a reproduzir as propriedades que seu olhar social percebe como identificadoras da fala do outro [...], por exemplo, introduzir em sua fala traços próprios de outros dialetos regionais” (ZILLES; FARACO, 2002, p. 17). Desse modo, o entrevistado, situado na entrevista sociolinguística, se posiciona relativamente a uma outra situação comunicativa que não a entrevista, via linguagem verbal, sendo que o seu foco pode se dirigir tanto para o locutor quanto para outros aspectos da situação reportada, o que representa um espaço de relações dos quais podem surgir múltiplas perspectivas de análise.

De início, caracterizamos a influência do discurso reportado para diferenciar estilos de fala na entrevista delimitando dois escopos maiores de análise, nomeadamente se a fala sendo observada na narrativa ocorre ou não em um ambiente de **discurso direto (ou citado)**. Optamos por uma distinção em função do discurso direto por conta da sua saliência estrutural, vez que esta vertente do discurso reportado (em uma classificação tradicional, as outras duas são os discurso indireto e indireto livre, Cf. ZILLES; FARACO, 2002, p. 24) se manifesta de maneira explicitamente marcada na superfície do texto discursivo.

Para cada um desses escopos maiores de análise, estamos interessados no tipo de relação **imediate** que se pode deprender entre as partes interlocutoras do discurso sob observação. Esse enfoque de análise segue a direção sugerida por Zilles e Faraco (2002, p. 23). Assim, no caso de base, tem-se a relação entrevistador-entrevistado em um discurso presumivelmente instaurado na situação da entrevista e, em oposição, tem-se outros tipos de relação entre os interlocutores da situação comunicativa sendo reportada. A nossa expectativa é de que o falante-entrevistado seja capaz de apreciar a potencial variedade de relações interlocutoras imediatas nas categorias de discurso consideradas (discurso reportado direto e discurso mais propriamente da entrevista, a que chamamos simplesmente de “reportado” e “não reportado”), contribuindo para a diferenciação de estilos de fala e provavelmente condicionando uso de formas linguísticas alternativas na entrevista.

3.2 NOÇÃO REVISADA DE FALA NARRATIVA NA ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA

Nesta seção, completamos a definição dos elementos contextuais que compõem a ideia de contexto de fala para o nosso modelo de análise estilística. Ao contrário dos elementos contextuais desenvolvidos na seção anterior, orientados para fora do plano da fala narrativa (nomeadamente, a articulação entre modos de textualização e a relação pessoal imediata entre interlocutores do discurso), consideramos que os elementos contextuais a serem formulados nesta seção estão localizados no plano da fala narrativa, colaborando de forma mais nuclear para proporcionar ao contexto narrativo na entrevista o efeito de desvio de atenção à fala sobre o entrevistado.

Antes de apresentarmos quais são os elementos contextuais do nosso modelo que estão no plano da fala narrativa na entrevista, detalhamos o que se entende aqui por “fala narrativa”, noção que tem sido tratada neste trabalho de forma genérica até então. Elaboramos a nossa noção de fala narrativa haja vista uma releitura da noção de fala narrativa na agenda estilística laboviana, como um mecanismo para induzir o entrevistado à fala casual na entrevista (vide página 59), bem como, de maneira similar à seção anterior, algumas contribuições teóricas de outras áreas de investigação, com as quais se busca construir alguma interface.

Consideramos que os modos de textualização que ocorrem na entrevista podem ser agrupados de acordo com as noções pragmáticas de mundo narrado e mundo comentado, categorias desenvolvidas por Weinrich para a descrição da função dos tempos verbais no discurso (WEINRICH, 1968 apud KOCH, 1987). Segundo Koch (1987), baseado na análise de textos produzidos em várias situações comunicativas e na conclusão obtida por outros autores para o francês, espanhol e alemão, Weinrich conclui que

do mesmo modo que os tempos verbais, as **situações comunicativas** se repartem claramente em dois grupos, em cada um dos quais predomina um dos grupos temporais⁷. Estabelece [Weinrich], então, sua distinção entre o **mundo**

⁷Nota nossa: os grupos temporais a que Koch (1987) se refere são por ela citados como Grupo I (os verbos do modo indicativo nos tempos presente, pretérito perfeito composto, futuro do presente e futuro do presente composto, e as locuções verbais formadas por estes tempos) e Grupo II (os verbos do modo indicativo nos tempos pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito, e as locuções verbais formadas por estes tempos).

comentado e o mundo narrado. É graças aos tempos verbais que emprega que o falante apresenta o mundo – “mundo” entendido como possível conteúdo de uma comunicação lingüística – e o ouvinte o entende, ou como mundo comentado ou como mundo narrado. (KOCH, 1987, p. 37-38, grifos da autora)

O mundo narrado compreende “todos os tipos de relato, literários ou não”, que tratam de “eventos relativamente distantes”. Quando no mundo narrado, “toda a situação comunicativa se desloca para outro plano, isto é, a outro plano de consciência, situado além da temporalidade do mundo comentado [que entendemos como associado ao momento presente de fala], que deixa de ter validade enquanto durar o relato” (KOCH, op. cit., p. 38).

Para o desenho conceitual do nosso modelo, consideramos uma noção especializada de mundo narrado, segundo a qual a fala narrativa de interesse é um formato de relato a ser veiculado oralmente pelo entrevistado acerca de **eventos relativamente distantes, ambientados em uma experiência passada com a qual ele mantém alguma relação.** A partir desta releitura da noção de mundo narrado, chegamos a uma noção mais clara da unidade de fala na entrevista de interesse para o modelo de análise sendo proposto, marcadamente a fala narrativa na entrevista.

Definimos a nossa noção de *fala narrativa na entrevista sociolinguística laboviana (ou, simplesmente, fala narrativa)* como toda realização oral do falante-entrevistado cujo conteúdo se situa no plano temporal do mundo narrado (no sentido especializado do termo), anterior ao momento presente de fala na entrevista. Sendo assim, doravante neste texto, ao mencionarmos o termo “mundo narrado”, leia-se “mundo narrado relativo a um plano temporal anterior ao momento de fala na entrevista sociolinguística”.

A fala narrativa relata uma experiência passada que é, em alguma medida, relevante para o entrevistado. De maneira similar à noção de narração que subjaz a definição de sequência narrativa por Back et al. (2004)⁸, a experiência associada à fala narrativa se desen-

⁸Back et al. (2004), baseadas em Paredes Silva (1999), tratam a sequência narrativa como um tipo de sequência discursiva. E a sequência discursiva (estrutura) como distinta do gênero do discurso (instância enunciativa). Dessa forma, enquanto as sequências discursivas “são estruturas convencionalizadas de que o falante dispõe na língua para organizar o seu discurso, marcadas por características como tempo, modo e aspecto verbal, pessoa do discurso em referência, unidades sintática e semântica predominantes”, os gêneros do discurso decorrem do “uso

volve em um certo lugar, envolve um certo grupo de atores (tipicamente, pessoas) e é pautada por uma sequência de eventos que representam um desdobramento temporal no plano do passado. A exemplo da noção original de mundo narrado, a predominância de verbos no tempo passado é uma pista para que se note a presença da fala narrativa. Também são indicadores a presença de outros sinais linguísticos, tais como advérbios de tempo e lugar, que ajudam a orientar a experiência na dimensão espaçotemporal.

Por definição, a noção revisada de fala narrativa de que tratamos aqui é mais abrangente do que a noção de narrativa encontrada na agenda estilística laboviana com o seu modelo mais recente da *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a). São formatos de narrativa a serem contemplados pelo nosso modelo:

- **Narrativa oral de experiência pessoal** (LABOV, 1997). Essa forma de narrar é a contemplada pelo contexto *Narrative* da *Árvore de Decisão*. É considerado o contexto mais eficaz da entrevista para a obtenção da fala casual (não monitorada), conforme duas possibilidades de estilo na entrevista (fala monitorada ou casual);
- **Relato pessoal de infância**, que se enquadra no contexto *Kids* da *Árvore de Decisão*, também como fala casual, embora não represente um contexto indutor de fala casual na entrevista tão eficaz quanto o contexto *Narrative*, de narrativa de experiência pessoal;
- **Outros relatos sobre fatos habituais e de experiências alheias**, que se enquadram no critério de fala narrativa que desenvolvemos aqui, mas que são genericamente identificadas pelo contexto *Residual* da *Árvore de Decisão* como fala monitorada. Neles, estão as pseudonarrativas e os relatos de experiência vicária (LABOV, 2001a, p. 89-90):
 - As pseudonarrativas consistem em relatos de fatos habituais (“*accounts of sequences that are said to habitually occur*”), definição compatível com o que, por exemplo, Oliveira e Silva e Macedo (1996, p. 15) denominam por *descrição de vida* (“o relato de fatos habituais”⁹), termo também empregado por

destas estruturas em situações reais de comunicação”.

⁹Estas autoras definem descrição de vida como “o relato de fatos habituais, no imperfeito”, em oposição ao que chamam de *narrativa*, “o relato verbal de um fato ou de uma história no passado quase sempre no perfeito.”

Valle (2001) para denominar “situações habituais ocorridas no passado”¹⁰.

- Os relatos de experiência vicária consistem em narrativas “em que os falantes relatam sobre acontecimentos que, de fato, não testemunharam” (“*where speakers rehearse events that they did not actually witness*”) (LABOV, 2001a, p. 90).

A nossa noção revisada de fala narrativa **não** contempla os trechos narrativos na entrevista que sejam compatíveis com o que Paredes Silva (2009) denomina por narrativa projetada¹¹. Segundo assinala a autora, embora esse formato de narrativa guarde semelhanças com as maneiras de narrar que são objeto do nosso interesse (p. ex., localização espaçotemporal e sequencialidade entre eventos), a narrativa projetada não se direciona para uma experiência concreta passada, mas para um acontecimento futuro, algo por vir.

Ainda a respeito das implicações pragmáticas das noções de mundo narrado e comentado na comunicação verbal, Koch (1997, p. 51) afirma que, no mundo não narrado (comentado), há o comprometimento do locutor em relação ao que enuncia, “o que cria uma ‘tensão’ entre os interlocutores que estão diretamente envolvidos no discurso”, enquanto no mundo narrado, a atitude do locutor mediante à sua comunicação é “distensa”, de quem “se distancia do seu discurso, não se compromete com relação ao dito”. Diante disso, postulamos que:

- A atitude “relaxada” do entrevistado em relação ao que narra é relativa, de acordo com o grau de atenção que o entrevistado presta à sua fala narrativa;
- O grau de atenção à fala narrativa está correlacionado com a **relevância da experiência** sendo relatada. Esta correlação

¹⁰A descrição de vida como um relato de fato habitual se equipara ao que prevê o contexto *Kids* da Árvore de Decisão (LABOV, 2001a, p. 91), à medida que o assunto do relato trate de uma experiência pessoal habitual na infância. Valle (2001) recupera este fato na sua definição de descrição de vida: “situações habituais, como idas do informante à escola, como passa as suas tardes, com quem costumava brincar, etc.” (VALLE, 2001 apud BACK et al., 2004).

¹¹Diferentemente deste trabalho, cuja fonte para análise empírica são trechos de texto falado extraídos de uma amostra de entrevistas sociolinguísticas gravadas em áudio (vide seção 1.2.3), Paredes Silva (2009) evidencia a existência da narrativa projetada a partir de excertos extraídos de uma amostra constituída por textos escritos (cartas pessoais e notícias jornalísticas). Conquanto isso não impeça que a narrativa projetada (nos termos daquela autora) seja realizada em outros domínios discursivos (entrevista sociolinguística incluída), vale destacar que a nossa análise empírica nas entrevistas observadas não identificou casos de narrativa projetada.

ocorre de maneira inversa, tal que quanto mais relevante for a experiência para o falante-entrevistado, menos monitorada (mais casual) é a sua fala. Esquemáticamente:

Quadro 1 – Hipótese para a correlação entre a relevância da experiência passada sendo relatada e o grau de atenção à fala narrativa

$$[+relevância] \leftrightarrow [-atenção]$$

A interpretação analítica que buscamos alcançar com a correlação definida no Quadro 1 é a de que um determinado estilo de narrar na entrevista¹² é favorecido graças à relevância da experiência sendo narrada. Desta maneira, expressamos a relevância da experiência relatada como uma propriedade fundamental da fala narrativa. Considerando que a fala narrativa realiza um modo de textualização narrativo, que se insere no mundo narrativo da entrevista (nos termos apresentados aqui), pode-se dizer, então, que a relevância da experiência caracteriza algo que é regular ao modo de textualização narrativo. A relevância da experiência, portanto, é uma propriedade de caráter estável do modo de textualização narrativo.

A relevância da experiência é captada analiticamente pelo nosso modelo a partir da reunião de um certo conjunto de traços constituintes que julgamos ser reconhecíveis pelo analista ao observar uma dada instância de fala narrativa na entrevista. Conceitualmente, a definição desses traços formadores surge da releitura de uma série de aspectos de referência do formato de narrativa de experiência pessoal (LABOV, 1997). Esses aspectos se tornam referências à medida que esse formato de narrativa vem sendo recorrentemente aplicado (e, conseqüentemente, consolidado) ao longo do fazer científico da pesquisa variacionista, seja por aquele autor, seja por outros que se inserem nesse quadro de pesquisa.

Na formação de um contexto de fala casual na entrevista induzido pela narrativa de experiência pessoal, notamos a atuação proeminente dos seguintes traços constituintes:

¹²Estilo no sentido elaborado por Labov (1984) e Labov (2008 [1972]), como atenção à fala, vale sublinhar novamente.

- **Traço de singularidade:** a narrativa de experiência pessoal se refere a uma experiência passada que é singular na biografia do falante-entrevistado. Tipicamente, um episódio particular que a ele é memorável e que, por conta disso, condiciona maior envolvimento emocional com a trama do relato e, inversamente, menor atenção às formas linguísticas que produz oralmente;
- **Traço do experienciador:** a experiência conta com a atuação do próprio falante-entrevistado como a figura central que vivenciou o fato, em relação a quem os eventos da experiência sob relato se referem e atingem diretamente. Ao narrar sobre um acontecimento vivido em primeira pessoa, o falante recupera em boa medida a carga de sensações experimentada, o que colabora para um baixo audiomonиторamento em relação ao que fala;
- **Traço de relevância tópica:** o tópico em torno do qual se desenvolve o relato narrativo é sensível para o entrevistado. Embora a relevância tópica seja algo relativo (um mesmo assunto não necessariamente apresenta a mesma importância para todo entrevistado), alguns temas parecem atingir os entrevistados de forma universal, representando uma oportunidade para a produção da narrativa de experiência pessoal, tais como o risco de morte (LABOV, 2008 [1972], p. 119) ou casos de violência (LABOV, 1972, p. 355).

Além dos traços de singularidade, experienciador e relevância tópica, elencamos um quarto traço:

- **Alteração do tom:** Labov (2008 [1972], p. 122) define a identificação das alterações do tom de voz do entrevistado como uma evidência auxiliar (subordinada a outras, como a identificação do tópico) para identificação dos contextos de fala casual na entrevista. Essa estratégia consiste na observação das oscilações de alguns aspectos paralinguísticos da produção oral do entrevistado: alterações na modulação da voz (ritmo, altura ou volume), bem como alterações na intensidade da respiração, ou ainda em relação ao surgimento do riso (ou choro). Alguma alteração de pelo menos uma dessas propriedades pode ser o princípio para um desvio de atenção à fala, sugerindo o desenvolvimento da fala casual na entrevista. Definimos a alteração do tom a fim de contemplarmos analiticamente casos em que, por exemplo, o entrevistado chore em meio a uma narrativa, ao se rememorar de um momento mais crítico na experiência sendo relatada, o que confere a esse fato

mais crítico dentro da experiência inteira uma maior relevância e, por sua vez, um maior potencial para que o entrevistado preste menos atenção ainda ao que fala.

Por fim, recuperamos um quinto e último traço constituinte da fala narrativa:

- **Avaliação:** conforme dito no capítulo anterior (seção 2.1.2.2), o componente de avaliação na narrativa de experiência pessoal compreende o ponto de vista do entrevistado em relação aos eventos que compõem a experiência sendo narrada. As passagens de avaliação atravessam toda a narrativa e podem ser identificadas por meio de algumas pistas linguísticas, tais como as comparações, o uso dos verbos modais e da negação (LABOV, 1997), bem como nos momentos de suspensão da ação narrativa sob relato (LABOV, 1972). Similarmente ao traço de alteração do tom, definimos a avaliação para, de maneira mais específica, conseguirmos identificar alguns momentos da fala narrativa em que o entrevistado mais parece se envolver emocionalmente com o que diz e, por conseguinte, mais desvia a sua atenção ao que fala.

Esquemáticamente, tem-se as correlações entre estes traços e a relevância da experiência:

Quadro 2 – Hipótese para as correlações entre os traços constituintes da relevância da experiência passada (singularidade, experienciador, relevância tópica e alteração do tom e a avaliação pessoal) e o grau de relevância da experiência

[+singular]	↔	[+relevância]
[+pessoal]	↔	[+relevância]
[+sensível]	↔	[+relevância]
[+alteração]	↔	[+relevância]
[+avaliação pessoal]	↔	[+relevância]

3.3 A ATENÇÃO À FALA COMO UMA ENTIDADE MULTIDIMENSIONAL

Ao promovermos uma revisão conceitual (nos termos deste capítulo) da noção de estilo de fala narrativa na abordagem laboviana, buscando uma articulação entre os seus desenvolvimentos e as contribuições de outros campos teóricos, torna-se possível:

- a) refinar o modelo de análise estilística da *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a), para o qual existem apenas duas possibilidades de estilos de fala na entrevista (fala monitorada ou casual), propondo as bases para o desenvolvimento de um critério unificado de análise que, inspirado em Baugh (2001), enxerga mais nuances de estilos de narrar na entrevista e presume que esses estilos também podem ser ordenados em um *continuum* de graus de atenção à fala;
- b) evidenciar com mais clareza a diversidade estilística presente na entrevista, pressuposto em Labov (1984), Labov (2008 [1972]), para quem o falante da língua não se limita a uma produção oral monoestilística. Consequentemente, temos a chance de melhor aferir a influência de diferentes estilos de narrar na realização de fenômenos variáveis que, por hipótese, são suscetíveis à troca estilística no âmbito da entrevista.

Embora o desenho conceitual da nossa proposta de modelo de análise estilística da fala narrativa preserve o caráter unidimensional da abordagem laboviana de estilo (ou seja, pautada somente na dimensão de atenção à fala), alvo de críticas de autores como Schilling-Estes (2002), buscamos avançar esse quadro conhecido, tentando conciliá-lo com a perspectiva teórica de que a noção de atenção à fala tem uma origem multidimensional (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011). Dessa forma, trabalhamos com o conceito laboviano de estilo, porém evidenciando **a noção de atenção à fala como uma entidade de caráter multidimensional**.

Em síntese, representamos a estrutura da entidade multidimensional estilo narrativo (atenção à fala narrativa) em função dos seguintes elementos, que compõem a ideia de contexto de fala para o nosso modelo de análise estilística:

- No plano narrativo, a relevância da experiência relatada:
 - Singularidade (e.g., experiência episódica ou não episódica);

- Experienciador (e.g., experiência referente ao entrevistado ou outro);
 - Relevância tópica (e.g., tópico sensível ou não sensível ao entrevistado);
 - Alteração de tom (e.g., com ou sem alteração);
 - Avaliação pessoal (e.g., com avaliação ou sem avaliação).
- Para fora do plano narrativo:
 - Relação de dominância entre o modo de textualização narrativo e outros modos de textualização não narrativos;
 - Relação pessoal imediata no discurso (dentro ou fora da entrevista).

Esses elementos devem ser retomados como componentes internos da organização do nosso modelo, a ser apresentado com detalhes no próximo capítulo.

4 MODELO DE (RE)ANÁLISE ESTILÍSTICA DA FALA NARRATIVA: ORGANIZAÇÃO E OPERAÇÃO

Este capítulo operacionaliza a nossa proposta de modelo de (re)análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística, consolidando a sua organização e ilustrando as suas possibilidades de aplicação. Para tanto, levamos em conta as coordenadas conceituais estabelecidas no capítulo anterior, bem como algumas evidências empíricas colhidas de uma seleção de narrativas orais em entrevista sociolinguística.

O capítulo está dividido em duas seções. A primeira seção se ocupa em apresentar os aspectos de organização do modelo de análise, especificando quais são os seus componentes internos e como estes estão definidos. Dedicamos boa parte do conteúdo dessa seção para a confecção dos parâmetros estilísticos do modelo, detalhando as suas características e critérios de análise adotados, bem como explicitando as suas respectivas hipóteses em termos de desvio de atenção à fala.

A segunda seção descreve o funcionamento do modelo de análise, apresentando como se dá a sua operação e ilustrando com detalhes a sua aplicação em um caso de narrativa em entrevista sociolinguística. Nessa seção, também esquematizamos de que maneira os parâmetros estilísticos do modelo contribuem para o processo de diferenciação dos trechos de fala narrativa na entrevista em variadas designações de estilos de narrar, correlacionadas a distintas nuances de atenção à fala.

4.1 ORGANIZAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

O componente central a ser desenvolvido no modelo é o seu *critério de análise estilística*, responsável por classificar um trecho de fala narrativa na entrevista em um estilo de narrar, designado em termos do grau de atenção que o falante-entrevistado presta à sua fala enquanto narra. A exemplo dos modelos de análise estilística desenvolvidos na pesquisa variacionista (vide capítulo 2), o critério de análise do nosso modelo se baseia em uma *descrição de contexto de fala narrativa*, assumindo o princípio de que os contextos de fala que ocorrem no interior da entrevista são preparados para condicionar o falante-entrevistado a exercer diferentes níveis de atenção à sua própria fala (LABOV, 2006 [1966]; LABOV, 2008 [1972]). Assim, como implicação analítica desse princípio, define-se que um certo trecho de fala narrativa ocorre em tal estilo de narrar (isto é, em dado nível de atenção

à fala) de acordo com uma descrição do contexto dessa fala narrativa na entrevista; esse contexto presumivelmente induz o entrevistado a prestar atenção ao que fala enquanto narra naquele dado nível.

A descrição de contexto de fala narrativa adotada pelo nosso modelo é composta pelos seguintes aspectos:

- **Noção de fala narrativa:** base para a descrição de contexto de fala narrativa adotada pelo modelo, instala o escopo de interesse para a análise estilística. Conforme expressamos no capítulo anterior (seção 3.2), entende-se por fala narrativa todo trecho de fala na entrevista que relata uma experiência passada que, em alguma medida, é relevante para o entrevistado. A experiência em questão ocorre em algum lugar, envolve certos atores e compreende uma sequência de eventos que se desdobram no plano temporal do passado, anterior ao momento presente de fala na entrevista. De forma geral, postulamos que o efeito de atenção à fala condicionado pelo contexto de fala narrativa está correlacionado à relevância da experiência sob relato (hipótese desenvolvida no capítulo anterior, seção 3.2), ou seja, quanto mais relevante para o entrevistado for a experiência sendo narrada, mais envolvido ele estará no relato, sendo induzido a uma fala narrativa menos monitorada (mais casual);
- **Parâmetros estilísticos da fala narrativa:** também denominados parâmetros estilísticos do modelo, evidenciam o caráter multidimensional do nosso modelo de análise estilística, tendo em vista a ideia de que, fundamentalmente, os estilos de fala que ocorrem na entrevista se diferenciam pela atuação conjunta de múltiplos fatores de ordem diversa (p. ex., o tópico discursivo, a figura do interlocutor, etc.), extraídos do próprio contexto de realização da fala na entrevista (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011). Nesse sentido, postulamos que os diferentes graus de atenção à fala narrativa (estilos de narrar) incidentes na entrevista são o resultado das várias combinações dos parâmetros estilísticos da fala narrativa, ou seja, de certos fatores extraídos do contexto de produção da fala narrativa na entrevista que, por hipótese, condicionam efeitos particulares de atenção à fala. Como resultado, quanto mais (menos) parâmetros estilísticos forem definidos no modelo, mais (menos) nuances de atenção à fala narrativa na entrevista (estilos de narrar) poderão ser identificadas, incorrendo em uma análise estilística da fala narrativa potencialmente mais (menos) refinada.

Assim, enquanto a definição da noção de fala narrativa é nuclear e rígida, sendo a primeira referência para o procedimento de análise estilística, os parâmetros estilísticos definem a segunda referência de análise, complementar à primeira, podendo ser reajustados de acordo com a conveniência do analista: nesse sentido, alguns parâmetros estilísticos existentes podem ser descartados, e novos parâmetros podem ser adicionados, alterando o grau de refinamento da análise.

Na seção a seguir, apresentamos os parâmetros estilísticos da fala narrativa adotados na presente proposta de modelo. Para a descrição e explicação das suas respectivas hipóteses de efeito de atenção à fala, levamos em conta tanto as contribuições do desenho conceitual do modelo (vide capítulo anterior), como alguns casos de narrativa encontrados no Banco Brescancini & Valle, amostra de entrevistas de referência para esta dissertação (vide seção 1.2.3).

4.1.1 Parâmetros estilísticos do modelo

Os parâmetros do modelo de análise estilística da fala narrativa se subdividem em dois níveis descritivos:

- **Nível narrativo:** compreende os parâmetros estilísticos que estão no plano da fala narrativa. Os parâmetros deste nível apresentam o seu efeito hipotético de atenção à fala através das correlações que estabelecem com a propriedade de relevância da experiência passada associada à fala narrativa. Consideramos os seguintes parâmetros no nível narrativo:
 - Singularidade da experiência narrada;
 - Referente-protagonista-experienciador na narrativa;
 - Relevância tópica;
 - Alteração do tom;
 - Avaliação.
- **Nível de entorno narrativo:** compreende os parâmetros estilísticos voltados para fora do plano da fala narrativa. Apresentam o seu efeito hipotético de atenção à fala a partir de algumas relações que a fala narrativa pode estabelecer ora com os modos de textualização não narrativos que também são atualizados na atividade discursiva da entrevista sociolinguística (relações intratextuais), ora com certas entidades externas para além do texto discursivo e que interagem com a língua (relações extratextuais).

- Relação pessoal imediata no discurso;
- Articulação entre textualizações dos mundos narrado e comentado.

4.1.1.1 Singularidade da experiência narrada

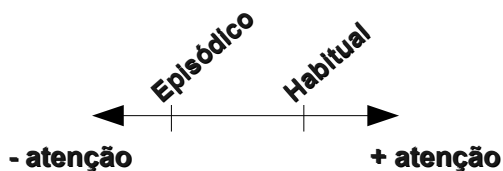
A entrevista sociolinguística se caracteriza como uma situação comunicativa que motiva diferentes modos de textualização em seu interior. Entre eles, o modo de textualização narrativo, presente na fala narrativa. Este parâmetro estilístico diz respeito ao aspecto de singularidade da experiência sendo relatada pela fala narrativa: uma experiência episódica (singular) ou habitual (não singular) que é reportada por uma narrativa episódica (p. ex., a narrativa ilustrada no excerto (3), página 67) ou habitual (p. ex., a narrativa ilustrada no excerto (1), página 64) respectivamente.

Qual é o efeito hipotético de atenção à fala relacionado ao parâmetro estilístico de singularidade do fato sendo narrado? Haja vista a definição do traço de singularidade que compõe a narrativa de experiência pessoal (seção 3.2), a hipótese para este parâmetro é a de que, ao selecionar um fato particular do passado para ser narrado, o entrevistado tende a desenvolver uma fala havendo maior envolvimento com a trama da experiência sendo relatada, o que condiciona menor atenção à fala. Já os fatos repetitivos no tempo acarretam para o falante um menor envolvimento e, por sua vez, uma maior atenção à fala do que a esperada para o caso episódico. Ambas as possibilidades para o parâmetro de singularidade da experiência narrada podem ser arranjadas em uma escala de atenção à fala conforme a Figura 6, que identifica uma fala relativamente menos monitorada (menos atenção, mais casual) para a narrativa de experiência episódica do que para uma narrativa de experiência habitual (não episódica).

4.1.1.2 Referente-protagonista-experenciador na narrativa

A experiência passada reportada pela fala narrativa na entrevista gira em torno da atuação de uma figura central que vivencia o fato sendo narrado (*grosso modo*, um “protagonista experienciador”), com quem o falante-entrevistado mantém algum nível de envolvimento humano. O presente parâmetro estilístico diz respeito a essa conexão entrevistado-experenciador, representada em termos da esfera de relação humana

Figura 6 – Singularidade da experiência narrada – *continuum* de atenção à fala

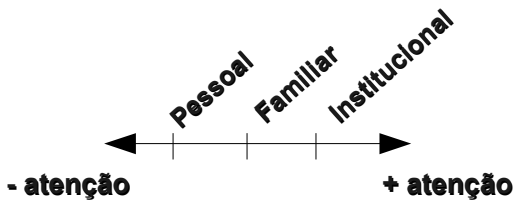


que, de maneira esperada, envolve ambas as partes. Consideramos três categorias de esfera de relação humana. A primeira delas é a esfera pessoal, situação em que a relação é subjetiva, e o experienciador é o próprio entrevistado que relata a experiência passada (p. ex., a narrativa no excerto (3), página 67). A esfera pessoal se opõe à esfera vicária, em que a relação é não subjetiva, e o experienciador não é o entrevistado. Além da esfera pessoal, consideramos dois casos mais específicos da esfera de relação vicária, nomeadamente as esferas vicária familiar e vicária institucional. Na esfera vicária familiar, a relação humana é com um outro com quem o entrevistado mantém parentesco familiar ou equivalente de proximidade afetiva significativa (p. ex., relação entre amigos íntimos), caso da narrativa no excerto (2), página 65. A esfera vicária institucional abrange outras possíveis relações entrevistador-experienciador, localizadas em uma esfera de relações mais ampla do que a esfera vicária familiar, caso da relação entre colegas de trabalho sem envolvimento de amizade ou entre pessoas desconhecidas, por exemplo.

Qual é o efeito hipotético de atenção à fala correlacionado ao parâmetro referente-protagonista-experienciador na narrativa, ou seja, à qualidade da relação entre aquele que narra (entrevistado) e a quem o fato sendo narrado diretamente se refere (experienciador)? Partindo da referência estabelecida pelo traço do experienciador da narrativa de experiência pessoal (seção 3.2), segundo o qual, ao narrar sobre um fato pessoal, o entrevistado reconstitui substancialmente as emoções diretamente vivenciadas na experiência sob relato, a nossa hipótese para tal parâmetro é de que, quanto mais íntima é a esfera de relação humana entrevistado-experienciador (partindo de uma esfera de relação remota com indivíduos distantes, passando pelas relações com certas pessoas mais próximas e chegando à esfera subjetiva), mais relevante é

a experiência sendo narrada, logo menor é a atenção que o entrevistado dirige à sua fala. A Figura 7 exibe a organização do *continuum* de atenção à fala para os três valores previstos do parâmetro referente-protagonista-experienciador na narrativa.

Figura 7 – Referente-protagonista-experienciador na narrativa – *continuum* de atenção à fala



4.1.1.3 Relevância tópica

A fala narrativa segue uma unidade tópica (narra-se sobre algum assunto), e a sensibilidade a algum assunto enquanto se narra pode ser um condicionador estilístico para a alternância entre variantes na entrevista. No entanto, dois problemas importantes restringem a modelagem de um parâmetro estilístico a respeito do tópico discursivo.

Em primeiro lugar, nem todos os entrevistados abordam sobre os mesmos tópicos. É o que se percebe na amostra de entrevistas sob análise, ainda que alguns tópicos gerais sejam comuns à maioria das entrevistas da amostra, a saber:

- Religião e fé;
- Família (eventos no âmbito familiar);
- Comunidade ontem: lembranças do local, da infância e da adolescência;
- Comunidade hoje: urbanização, turismo e meio ambiente;
- Mar (pesca e surfe).

Outro complicador é que tópicos iguais não necessariamente guardam o mesmo grau de importância para dois falantes distintos, o que implica que fatos sobre o mesmo tópico não necessariamente tenham o mesmo valor para esses falantes. Seria temerário afirmar que a importância do tópico sobre o qual se desenvolve uma fala narrativa seja equivalente para todos os indivíduos que são entrevistados.

Considerando essas duas restrições, definimos o parâmetro estilístico do modelo a respeito do tópico, a relevância tópica, em termos da suposta importância relativa que o tópico tem para o falante. Sendo assim, dada a amostra de entrevistas, inicialmente identificamos os tópicos gerais que orientam a fala dos entrevistados, depois reorganizamos esses tópicos gerais de acordo com o seu suposto grau de relevância para o falante, à luz de duas alternativas (mais relevante ou menos relevante).

Dois fatores nos ajudam a sugerir a relevância do tópico para um certo falante-entrevistado. O primeiro fator é a recorrência ao tópico pela parte entrevistada na entrevista, o que indica o seu interesse real em discorrer sobre um determinado assunto. Um efeito colateral da recorrência a um tópico é a presença frequente desse tópico ao longo da entrevista, ainda que o assunto da conversação em andamento seja outro em alguns momentos.

Em uma das entrevistas da amostra, torna-se bastante claro que o tópico mais relevante para o entrevistado é “Religião e fé”. Esse tópico emerge diversas vezes nessa entrevista, marcando várias passagens de fala do Entrevistado 1. Por exemplo, contíguo ao excerto (3) da página 67, o excerto (5) transcreve o trecho em que aparece a primeira referência àquele tópico. Ele surge de maneira marginal mais ou menos aos 3 minutos e 15 segundos da gravação da entrevista, dentro de uma passagem de inquérito, na qual o Entrevistado 1 informa à entrevistadora a sua filiação religiosa.

(5) **Entrevistado 1:** ó ((sou)) pessoa que trabalha pro governo mas pra ti chegar a dizer pra: prefeito “ah tá errado” dizer a:h o meu caráter ((est))... e outras pessoas não têm esse caráter já aponto não querem saber... uma que eu (não) tenho rabo preso com ninguém não tenho | oito anos de função pública né?

Entrevistadora: ah é? [1 oito anos 1]

Entrevistado 1: [1 concursado 1] i tal... né?... eu tô aqui porque:

Entrevistadora: cê é concursado?

Entrevistado 1: sou concursado estou aqui na: nesse: nesse cargo porque pela confiANÇA própria comunidade né? (que veio tudo) né? ((est))... eu sou uma pessoa: estudei pra | fiz... segundo grau Escola Técnica muito au(la) de Religião Educação Moral e Cívica ((enumerada)) de... eu sou uma pessoa muito religiosa até

Entrevistadora:: é?... católico?

Entrevistado 1: não | eu sou evangélico ela é católica ((aparentemente referindo-se à esposa)) então tem ((se interrompe)) graças a Deus eu encontrei a verdade né? ((inaudível)) dá certo

Logo após o trecho de inquérito em (5), o Entrevistado 1, que ocupa um cargo público, retoma a sua fala anterior, em que prossegue comentando sobre a sua conduta de atuação no trabalho. Em meio a esse trecho de opinião, já é possível notar que ele entrecorta a sua fala opinativa com comentários genéricos misturados a citações religiosas, em destaque no excerto (6).

(6) **Entrevistado 1:** ((...)) aí assim eu (aponto) muita coisa errada mas aí tem gente que tem responsabilidade como eu respeito a posição dele às vezes até de (o) Senhor me der a liberdade pra mim atuar mas e/ eu nunca passei da: função dele a:li+isso não existe ((em)) nenhum momento... vá vim outra HOra... o próprio Moisés na Bíblia com oitenta e oito que foi fazer o amor pra Jesus tendeu?... foi libertar o povo de de Israel né? ((est))... foi escolhido por Deus... tendeu? ((est))... e pode vim assim esperar minha HORA assim e ((o que)) tem que acontecer vai ser né? pra mim que eu vou explicar é pra Deus né? ((est))... então... TAMO NO CAMINHO CERTO já passei VÁRIAS SITUAÇÃO/ VÁRIAS PROVAÇÃO... e tenho essa fé né? que Deus ((batidas na madeira)) (vai vir)... tendeu? e a gente se: | então tem muita coisa errada na comunidade tendeu?...

Em outro momento da mesma entrevista, aos 12 minutos e 08 segundos da gravação, uma nova constatação da recorrência do Entrevistado 1 ao tópico religioso. É possível notar no excerto (7) que o entrevistado insere uma fala de teor religioso (em destaque) após explicar à entrevistadora qual é o seu papel como funcionário público. De

fato, declarações religiosas similares a essa, que exprimem variados sentimentos (bom auspício, agradecimento, alegria, satisfação, glorificação, etc.), assinalam repetidamente a fala do Entrevistado 1, revelando ser um indivíduo imerso em uma prática religiosa. Tal recurso é explorado em passagens de fala desenvolvidas em diferentes textualizações, sejam em narrativas ou não.

(7) **Entrevistado 1:** a minha função aqui é você... chegar um morador pede uma coisa e eu vou maior coração tentar lutar por essa pessoa ajudar essa pessoa... independente de política eu pelo menos penso assim ((est))... tendeu?... até já teve casos+aqui que: teve ruas que o cara “ah já vai arrumar sua rua” | não | porque o cara vem ((inaudível)) que:... ((som de batida)) fica falando mal de vocês ... “pô cara... essa tem que ser a primeira a arrumar” ... porque aí não vai ter razão de falar mal da gente... (não é?) fala a verdade? ((est)) tendeu? ((est))... ((voz alta começando aqui)) e PIOR que nós batemos direto nessa rua dos CARA:... veio ofício lá do Centro vereador mandando pra nós limpar a rua que não dá condição... e NÓS ainda ciente que:... ((som de batida)) arrumando a rua os cara ainda ((som de batida))... são contra falando mal... ((E se surpreende)) é:... é questão... tu tem que ter ter o co(nhe)cimento muito religioso querida ((tratamento genérico do entrevistado para a entrevistadora))... tem que ter o conhecimento da Bíblia pra pode(r)+entender tudo o que tá passando... ((voz baixa)) tendeu? e eu GRAÇAS A Deus... graças a Deus tenho conhecimento da Bíblia tenho fé muito em Deus ((inaudível))

Particularmente nas passagens narrativas daquela entrevista, a religião e a força da fé também são objetos temáticos recorrentes, demonstrando ser mais relevantes para o Entrevistado 1 do que outros tópicos que eventualmente surjam na entrevista. Em alguns relatos de fatos episódicos pessoais, torna-se possível perceber o grau de importância deferido pelo entrevistado à sua relação com a fé religiosa, tais como na narração do seu primeiro contato com a instituição religiosa que frequente e, principalmente, na narração sobre a sua experiência de risco de morte, que também pode ser entendida como um episódio de “conversão religiosa”, em que a fé é a sua redentora. Também ajudam a confirmar a importância daquele tópico para o Entrevistado 1 algu-

mas referências à sua crença religiosa na trama de outras narrativas que, embora não tratem exatamente do tópico “Religião e fé”, trazem à tona a relação do entrevistado com a religião. O excerto (8) exhibe o trecho inicial de uma narrativa pessoal em que o Entrevistado 1 conta brevemente um episódio de conflito familiar por causa da ocupação (aparentemente irregular) da casa dele em um terreno que pertence ao seu tio; em destaque, algumas passagens associadas à narrativa – tanto no plano da narrativa em si (em itálico e sublinhado) como fora do plano da narrativa (apenas em itálico) – que não somente ajudam a ilustrar as circunstâncias do fato sendo narrado, mas remetem à relação existente entre entrevistado e fé religiosa.

(8) **Entrevistado 1:** ((mais exaltado)) a minha casa que (fica) na Lagoa lá... o meu tio veio querendo quebrar tudo ((menos exaltado)) através de cinco cinco centímetros que eu invadi o terreno dele cinco centímetros... tendeu? e::... a extreMANTE ((a vizinha))... a extremante é a filha dele a filha dele a:inda falei com a filha | autorizou | ele mora lá na Centro+universidade (Córrego Grande) ali ((est))... ele veio de lá me aperturbar querendo derrubar tudo... assim ah... *o inimigo querendo tendeu?... pra nós que Deus me livre né? na pessoa tendeu? a gente tem que amar a pessoa o que tá+atrás da pessoa...* AÍ: através de oração... e a gente ((ter)) paciência com a pessoa... ele ((hesita)) foi deixando pra trás fui faze/ fazen(do na na fé) na fé... fiz... tendeu? ((entrevistadora se admira))... fi:z bonito tá lá feito... nunCA: me abandonei... AH É vim sempre::... vim sempre ((vencendo)) as barreiras... *mas isso é de Deus a gente BOTA põe na mão de Jesus Cristo e a assim que a gente (vai vencendo) as barreiras*

Entrevistadora é: [47 ((ter)) fé 47]

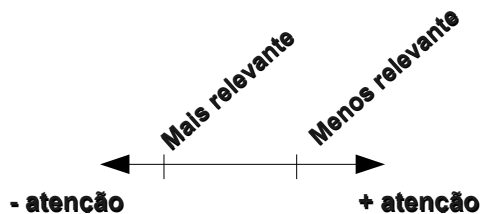
Entrevistado 1: [47 *através de voto* 47] *de fé tendeu? que cê vai vencendo... eh vai vim muita coisas contra você mas você pela fé você vai tendo essa cerTEZA TENDEU?... você vai aprendendo e vai tendo essa certeza... né? ENTÃO É A PERSEGUIÇÃO...*

Por fim, o segundo fator que nos leva a identificar a maior relevância de um tópico na entrevista tem sustentação nas próprias avaliações do entrevistado a respeito do tópico ao longo da entrevista, dentro ou fora da fala narrativa. Ainda em relação à entrevista sendo

analisada nesta seção, verificamos que passagens de fala como “eu sou uma pessoa muito religiosa” em (5), “e tenho essa fé né? que Deus vai vir” em (6) e “tenho fé muito em Deus” em (7), denotam claramente, mais do que qualquer descrição nossa, o que significa para o entrevistado falar sobre religião e fé religiosa.

Qual é o efeito de atenção à fala narrativa correlacionado ao parâmetro estilístico de relevância tópica? A nossa hipótese é de que, quanto mais se demonstrar relevante o tópico para a parte entrevistada (observando a recorrência ao tópico e o nível de disseminação do tópico em outras tantas passagens da entrevista, bem como as avaliações explícitas do entrevistado acerca do tópico), menos atenção ela presta à sua fala. A Figura 8 apresenta a organização da escala de atenção à fala para as possibilidades do parâmetro relevância tópica (tópico mais relevante ou menos relevante).

Figura 8 – Relevância tópica na narrativa – *continuum* de atenção à fala.



4.1.1.4 Alteração do tom

O parâmetro estilístico de alteração do tom segue a estratégia de Labov (2008 [1972], p. 122) de diferenciar a fala na entrevista sociolinguística em relação ao que denomina as alterações das pistas do canal – mudança de modulação da voz (ritmo, altura ou volume), intensidade da respiração ou presença de riso (ou choro). No caso da fala narrativa, conforme apontamos na seção 3.2, um diagnóstico da alteração de alguma(s) das pistas do canal pode ser útil para a identificação de trechos de fala correspondentes a eventos da experiência passada sendo narrada que aparentemente são mais sensíveis ao entrevistado e, por tabela, mais propensos a condicioná-lo a uma fala menos monitorada (mais casual).

De maneira preliminar, trabalhamos com o parâmetro de alteração do tom de modo impressionístico, monitorando por oitiva as alterações mais salientes da qualidade da voz do entrevistado em relação a alguns aspectos paralinguísticos (aumento da intensidade da respiração, presença de riso ou choro, batidas na mesa ou das mãos, aumento do volume da voz e aceleração do ritmo de fala). Na entrevista, esses contrastes estão mais acentuados, por exemplo, entre uma fala de referência que incide nos seus momentos mais protocolares (em momentos de inquérito da entrevista em que somente são obtidas algumas informações sobre o perfil sociodemográfico do falante-entrevistado, ou então no próprio começo da fala em uma narrativa) e uma fala mais expressiva que emerge de certas passagens narrativas sobre eventos aparentemente mais marcantes para o entrevistado.

Como resultado, observamos alterações de tom bem salientes, algumas das quais manifestam mudanças em mais de um aspecto paralinguístico. No excerto (9), ilustramos alguns trechos de fala narrativa da Entrevistada 2 em que observamos um conjunto de alterações em termos de aumento do volume da voz e batidas na mesa (trechos em destaque). Nesses trechos em destaque, identificamos os escopos no excerto (9) em que há alterações de tom mais salientes, enquanto os trechos sem destaque representam momentos da fala sem alterações de tom mais salientes.

(9) **Entrevistada 2:** aí eu fiz pelo SUS+e levou três meses... isso foi em janeiro fevereiro mar/ ABRIL... chegou a minha biópsia... aí eu fui lá no CEPON... levei pra ele... aí ele assim pra mim “é... eu:: pra mim também foi uma surpresa... que+eu imagina que você não ia fazer nenhum tipo de tratamento... mas infelizmente... você vai fazer a quimioterapia”... ((batida forte na mesa)) QUANDO ELE FALOU ISSO aí o que que+eu imaginei?... aquelas pessoas+amarela né? porque geralmente quem faz+a quimioterapia as pessoas ficam ((com)) aquela cor+AMARE::LA...[2 né? 2]

Entrevistadora: [2 Perde 2] a cor

Entrevistada 2: Perde a cor... ah eu eu botei aquele CEPON abaixo... Ah eu/ era/ era ((batendo com a mão na mesa)) TRÊS+HORA DA TARDE EU SAÍ OITO HORAS DA NOITE LÁ (DE DENTRO DO) CEPON ((até aqui))

Já no excerto (10), reproduzimos uma passagem de fala narrativa do Entrevistado 1 em que ocorrem momentos de aumento do volume da voz, alteração no ritmo de fala e respiração mais ofegante. Marcamos em destaque os escopos com essas alterações de tom mais salientes, enquanto os trechos sem destaque representam passagens de fala sem alterações de tom mais salientes.

(10) **Entrevistado 1:** ((suspira)) aí eu cheguei abri meu coração pra Jesus... ‘eu eu ACREDITO em Deus cara ((suspira))... eu ACREDITO em Jesus Cristo Jesus ((fala baixinho))... olha essa esse mar lindo ((exclama)) ((est)) ALTAS ONDA ((exclama))’ olhando assim né? ((est))... com AQUELE ALEGRIA né?... ALTAS ONDAS AQUI ((exclama))... ‘((acelera o ritmo de fala)) Ó SENHOR ((a))credito no Senhor me tira disso aqui eu tô aqui decepcionando o Senhor nunca quis né?... ((desacelera o ritmo de fala)) ENTRAR NA DROGA porque a gente sabe que é: um caminho... sem VOLTA as pessoas aí então a gente vê muito testemunho de pessoas em dro:GA da né? coisa ruim não vou levar nada na minha vi/ vai atrapalhar’... manifestou-se uma coisa em mim... quando eu: abri o coração e falando em Jesus Cristo em Deus... ME TRANCOU A MINHA VOZ NÃO PODIA MAIS RESPIRAR... NÃO FALAR MAIS UM A ((letra A))... eu não podia mais... aí:... aí eu assi::m ‘meu Deus’ falei ((para)) os cara que tava embaixo... ‘ô vem aqui cara eu vou morrer eu tô sentindo mal’ eu não podia mais... abrir a boca tendeu? falar nada ((exclama)) tá senti/ qui... saiu uma boLI:NHA... a últimas coisa que conseguia falar foi umas bolinha tendeu? os cara me seguraram me JOGAR com ÁGUA...

De que maneira o parâmetro de alteração do tom da fala do entrevistado está correlacionado ao efeito de atenção à fala? A hipótese é de que a presença de alguma oscilação paralinguística mais saliente na fala narrativa do entrevistado (p. ex., presença de riso, respiração ofegante ou aumento do volume da voz) indique menor atenção à fala. A princípio, de forma impressionística, essa alteração mais saliente do tom pode ser detectada quando se compara a diferença da qualidade da voz do entrevistado entre uma fala de referência (colhida quando este inicia uma narrativa, por exemplo) e uma fala aparentemente mais

expressiva (colhida em meio à narração de certos eventos mais críticos que compõem a experiência sendo relatada). A Figura 9 apresenta a organização da escala de atenção à fala para as possibilidades do parâmetro alteração do tom (com alteração saliente e sem alteração saliente).

Figura 9 – Alteração do tom na narrativa – *continuum* de atenção à fala.



4.1.1.5 Avaliação

Para Labov e Waletzky (2003 [1967]), a avaliação, ponto de vista do narrador sobre os eventos que compõem a experiência sendo narrada, é um componente estrutural da narrativa de experiência pessoal, sem o qual ela deixa de ter significado. O parâmetro estilístico de avaliação para a fala narrativa aqui sendo proposto se vale dessa premissa, de que toda fala narrativa na entrevista carrega em sua essência o ponto de vista de quem a produz, apesar de que, reconhecemos, o olhar do narrador nem sempre esteja claramente perceptível a partir da superfície da fala que se obtém da gravação da entrevista sociolinguística.

Dessa forma, estruturamos o parâmetro estilístico de avaliação com o objetivo de tentar capturar aquelas manifestações de avaliação que surgem de forma mais visível na superfície da fala narrativa, encarnadas em algumas pistas linguísticas. Consideramos precisamente como evidência de avaliação na superfície da fala narrativa o uso de comparações e adjetivações em relação aos fatos da experiência sob relato (p. ex., eventos e personagens), critérios que se baseiam em Labov (1972) e Labov (1997). Especificamente, ainda de acordo com Labov (1997), também identificamos a fala narrativa com avaliação aparente nos trechos narrativos com o uso de verbos em modo *irrealis* e com negação, considerando que, nesses casos, o que ocorre é uma com-

paração subjacente entre dois eventos, um da realidade da experiência sendo narrada (evento que não aconteceu) e outro de uma realidade alternativa (evento que teria acontecido).

Refinamos o parâmetro estilístico de avaliação distinguindo o ponto de vista do entrevistado quanto a três níveis de avaliação na fala narrativa: a avaliação pessoal, a avaliação interacional e a avaliação genérica. Na avaliação pessoal, encontramos uma fala narrativa que exprime um ponto de vista aparentemente emanado da esfera subjetiva do entrevistado. Na avaliação interacional, o ponto de vista surge na fala narrativa do entrevistado mas é compartilhado com o seu interlocutor (a parte entrevistadora), isto é, a avaliação pertence a uma esfera que não é mais subjetiva, mas, pelo menos, concernente aos indivíduos diretamente envolvidos na entrevista. Por fim, na avaliação genérica, o ponto de vista é, conforme o nome revela, de conhecimento geral, compartilhado por muitos, para além da esfera da relação entrevistador-entrevistado.

O excerto (11) ilustra uma pequena narrativa sobre um caso de socorro no mar em que o Entrevistado 2 salva dois estrangeiros de um afogamento. Nele, demarcamos três categorias de avaliação: os trechos de fala narrativa sem avaliação aparente (em *itálico*), com avaliação pessoal (em *itálico com sublinhado*) e com avaliação genérica (em *itálico com sublinhado e negrito*).

Na análise da narrativa em (11) vale ainda ressaltar dois pontos: (1) embora algumas formas verbais não se apresentem no passado, elas podem ser interpretadas como verbos que indicam eventos incidentes no plano do passado (p. ex., “*é* uma correnteza muito forte... que aí encontra a correnteza do canal e da praia e se juntou bem nos molhe ali” pode ser “foi uma correnteza muito forte... que aí encontrou a correnteza do canal e da praia e se juntou bem nos molhe ali”); (2) idem para alguns trechos que veiculam a ideia de modo *irrealis*, ainda que certas formas verbais não se apresentem em sua forma canônica (p. ex., o trecho “e em vez de tu vir pra cima dos molhe... eu não poderia vim porque tem a corrente da Lagoa descendo... e a corrente da praia então eu tinha que dar o balão por fora... sentido: quem vai pro Moçamba” pode ser muito bem interpretado como “e em vez de tu vir pra cima dos molhe... eu não poderia vir porque teria a corrente da Lagoa descendo... e a corrente da praia então eu teria que dar o balão por fora... sentido: quem fosse pro Moçamba”).

(11) **Entrevistado 2:** *já fiz isso com DO:(I)S GRINGO... já tirei dois gringo aqui do: quando deu uma lestada aqui*

na Barra

Entrevistadora: ah é?

Entrevistado 2: *tirei duas pessoas...* mesma [13 coisa 13]

Entrevistadora: [13 era verão? 13]

Entrevistado 2: não | *era: outo: no aí* deu uma ressaca tal não foi muito forte... *aí eles queria aí+estava surfando* e não sabia+mais o que fazer porque: dá ((hesita)) é uma correnteza muito forte ... *que aí+encontra: a correnteza do canal e da praia ((est))...* e se juntou BEM nos molhe ali... e tava muito forte a correnteza nesse dia eles não sabia+o que fazer... *aí eu tinha que fazer o contrário* e um vez de tu vir pra cima dos molhe... eu não poderia vim porque tem a corrente da Lagoa descendo... e a corrente da praia então eu tinha que dar o balão por fora... sentido: quem vai pro Moçamba ((Praia de Moçambique)) *((est))...* e *dei a volta* e saí saí junto com a correnteza SEM NADAR MUITO... **E SE ELES SE: tipo eu não tô ali ou um outro cara que não conhecesse um pouquinho da:... do do local.. ia podia até dá uma traGÉDIA porque o cara ia remar ia cansar ele cansa ele se afoga...**

O excerto (12) também ilustra a presença de três categorias de avaliação. Em meio a uma narrativa habitual sobre a infância da Entrevistada 1, identificamos a fala narrativa da entrevistada sem avaliação aparente (trechos em itálico), com avaliação pessoal (trechos em itálico e sublinhado) e com avaliação interacional (trechos em itálico, sublinhado e negrito). Nos casos de avaliação interacional, o primeiro envolve as falas da entrevistadora (em negrito) e entrevistada em momentos separados, enquanto, no segundo caso, a entrevistada e a entrevistadora acabam por, curiosamente, avaliarem ao mesmo tempo, de maneira sobreposta na gravação.

(12) **Entrevistadora:** e assim as brincadeiras que que vocês faziam assim pra se divertir o que... [1 ((inaudível)) 1] [2 era 2] gente [3 moleca assim 3]?

Entrevistada 1: [1 ((interrupção do áudio, inaudível)) 1] fazia muito [2 cozinhado 2] ... [3 é 3] muito | *brigava | nós assim na rua por exemplo aqui na rua meninos e meninas sempre na mai/ na maioria das vezes fazíamos*

pescávamos ou já levava de casa cada um um pouquinho ((est)) e fazia esse tal cozinhado né? que é passava o dia inteiro próximo do rio na prainha também muitas vezes que mais as/ ah também brincava de vendinha ((exclama)) ((est)) pouquinho de coisa... ((risos)) roubava pão roubava... ((entrevistadora ri)) não roubava pegava né?

Entrevistadora: pedia pra+avó né?

Entrevistada 1: (...) pedia pão... eh... farinha bala | comprava bala e revendia ((est)) só pra passar o dia com a caxinha toalhinha por cima e as coisinhas pra vender né? ... que mais ah boneca isso sim... bonecas simples... **na época a gente fazia roupinha pra boneca olha só ((exclama))**

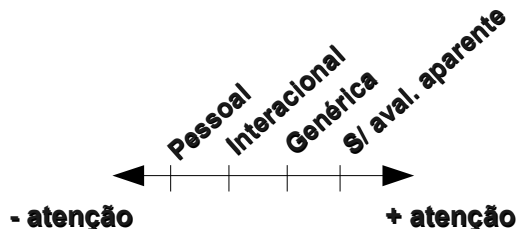
Entrevistadora: fazia roupinha...

Entrevistada 1: (...) **fazia as roupinhas... e rifa fazia rifa também ((exclama)) ((risos)) só ganhava na rifa que a gente achava que deveria ((exclama)) ((entrevistada e entrevistadora falam simultaneamente “achava que deveria” e riem juntas))** isso foi mui/ isso é muito rico isso (aqui) é muito rico assim

Por fim, qual é o efeito hipotético de atenção à fala correlacionado ao parâmetro estilístico de avaliação na fala narrativa? A nossa hipótese para este parâmetro é de que, quanto mais específico e pessoal for o ponto de vista estabelecido pelo entrevistado sobre o que narra (partindo de nenhum ponto de vista aparente, passando por um ponto de vista compartilhado entre o par entrevistador-entrevistado e outros indivíduos, depois mais restritamente apenas entrevistador-entrevistado, até chegar a uma avaliação restrita ao entrevistado), menos atenção ele dispensa ao que fala enquanto narra. A Figura 10 apresenta a organização da escala de atenção à fala para as possibilidades do parâmetro avaliação (com avaliação aparente – pessoal, interacional e genérica – e sem avaliação aparente).

4.1.1.6 Relação pessoal imediata no discurso

A situação de comunicação da entrevista sociolinguística condiciona uma produção discursiva cujos artífices imediatos são precisamente as partes interlocutoras entrevistadora e entrevistada, que constituem

Figura 10 – Avaliação na narrativa – *continuum* de atenção à fala.

a relação pessoal imediata da entrevista. Este é o caso de base em que se presume que, pelo lado do entrevistado, a voz que este emprega para compor o todo discursivo da entrevista seja a sua própria voz.

Para além do caso de base, por vezes, de forma ostensiva, o falante compõe a sua cota de discurso na entrevista em referência a uma outra situação de comunicação que não a entrevista. Este é o caso do denominado discurso reportado direto (ou citado), em que a voz que o falante-entrevistado emprega é a voz de um outro: a voz de alguém que não está materialmente presente na situação da entrevista, a sua própria voz (porém como “outro”, pois não na entrevista propriamente), ou ainda, quiçá, a voz do entrevistador. Nesse caso de discurso reportado, define-se uma relação pessoal imediata especial entre interlocutores outros, na qual há uma contraparte interlocutora que muito possivelmente não se trata do entrevistador (ou, se assim o for, se trata de um “outro” do entrevistador).

A exemplo do parâmetro “referente-protagonista-experienciador na narrativa”, caracterizamos uma relação pessoal imediata no discurso (reportado ou não reportado) por meio da ideia de esfera de relação. A relação em questão vincula o falante que produz (ou teria produzido) o discurso a um interlocutor a quem este discurso é (ou teria sido) dirigido diretamente. Ou seja, retomando o que foi dito na seção 3.1, o nosso enfoque é na qualidade da relação imediata que se pode deduzir entre as supostas partes interlocutoras do discurso sob análise, seja no discurso aparente da entrevista, ou não reportado (relação entrevistador-entrevistado), seja no discurso reportado (relação entre interlocutores outros). Em relação ao discurso reportado, seguimos a proposta de análise sugerida por Zilles e Faraco (2002, p. 23).

Portanto, no âmbito da entrevista, a esfera de relação pessoal imediata envolve o entrevistador e o entrevistado, caso em que o dis-

curso é diretamente dirigido deste para aquele. No discurso reportado que contemplamos (o discurso reportado direto), consideramos os seguintes desdobramentos: esfera pessoal, referente ao que na situação reportada um falante teria dito para si mesmo¹; esfera familiar, caso da fala na situação reportada entre interlocutores outros que são íntimos entre si²; esfera institucional, fala na situação reportada em que os interlocutores outros não são íntimos³.

Ilustramos nos excertos a seguir algumas possibilidades de relação pessoal imediata no discurso narrativo da entrevista, seja em situação reportada (esferas de relação pessoal, familiar ou institucional) ou na situação de entrevista. De forma geral, marcamos em destaque os trechos de fala narrativa em que identificamos uma relação pessoal imediata em situação reportada, enquanto os trechos sem destaque representam a fala narrativa em discurso situado na entrevista, portanto não reportado (relação entrevistado-entrevistador).

O excerto (13) apresenta alguns trechos de discurso reportado (em destaque) que caracterizam uma relação na esfera pessoal em situação reportada em que o Entrevistado 1 dirige as falas para si mesmo.

(13) **Entrevistado 1:** tinha uns cara legal o ((nome de uma pessoa)) era legal... falava umas coisas (assim) ‘pô esse cara aí é legal’... muita humildade (essas coisa)... ficava muito nisso né?... e o pai da ((nome de outra pessoa))... “((nome da segunda pessoa)) se ganhar ((nome da segunda pessoa)) o: pódio número um é dela” ((est))... eu já ficava assim ‘puta que bicho otário’ ((risos da entrevistadora))... ‘que bicho otário’

Nos trechos em destaque do excerto (14), tem-se um exemplo de relação na esfera familiar em situação reportada. As falas são endereçadas da Entrevistada 2 para a mãe (em destaque com negrito) e da mãe para a Entrevistada 2 (em destaque sem negrito).

¹O falante da situação reportada pode ser o próprio entrevistado. Nas entrevistas analisadas, todas as ocorrências deste caso foram do entrevistado projetando uma situação em que ele dirige a fala a si mesmo.

²Na amostra de entrevistas considerada, todas as ocorrências encontradas foram de discurso reportado em que os interlocutores outros seriam o entrevistado e uma pessoa íntima.

³Nas entrevistas consideradas, houve dois casos de ocorrência: (i) na situação reportada, a fala seria do entrevistado para uma pessoa não íntima; (ii) na situação reportada, a fala seria de uma pessoa íntima do entrevistado para uma pessoa não íntima do entrevistado.

(14) **Entrevistada 2:** então ela DESCONFIOU::... aí ela teve+aqui::... quando ela teve+aqui ela disse:: “o que que HOUVE?”... eu disse ‘**não não houve nada mãe | é que o meus+exame não no no no no não deu legal..**’ “o que que deu?”... aí a minha irmã piscou pra mim:: eu disse “**olha mãe... deu câncer...**” FALEI

O trecho em destaque do excerto (15) ilustra um caso de relação na esfera institucional em situação reportada. As falas são dirigidas da Entrevistada 2 para uma funcionária de uma escola (em destaque com negrito) e vice-versa (em destaque sem negrito).

(15) **Entrevistada 1:** eu fiz Escola Técnica e quando cheguei na Escola Técnica tive que optar por um curso... aí dentro de todos que eu falei assim | ‘Eletrônica Elétrica Mecânica e:h Edificações Saneamento e: Agricultu/ Agri- mensura ((enumera))’ eu comecei a olhar ‘meu Deus e agora?’ que eu não sabia quando eu entrei na Escola Técnica eu não sabia que tinha que optar por uma delas eu não sabia...

[...]

e quando eu fui f/+optar por exem/ é interessante | a mulher:... que ficava lá né? ((inaudível)) falou “Saneamento tu vai fazer?” (eu disse) ‘**é**’ “tem certeza?... que tu pode escolher outro curso” ‘**não mas eu quero esse**’...

Qual efeito hipotético de atenção à fala narrativa está correlacionado com o parâmetro estilístico de relação pessoal imediata entre os interlocutores do discurso? A nossa hipótese é de que, quanto mais íntima for a esfera de relação, menos atenção o entrevistado confere à sua fala narrativa. Postulamos que o efeito de atenção à fala correlacionado com a relação entrevistado-entrevistador seja mais acentuado do que o correspondente à relação na esfera institucional, tendo em vista que, na entrevista, fala é produzida em uma situação face a face na qual o falante-entrevistado está muito mais suscetível a se monitorar, seja pela consciência de que a entrevista está sendo gravada (LABOV, 2006 [1966], p. 90), seja pela presença de um entrevistador-observador (LABOV, 1984). Organizamos na escala de atenção à fala da Figura 11 as possibilidades para o parâmetro estilístico de relação pessoal imediata no discurso.

Figura 11 – Relação pessoal imediata no discurso dentro da narrativa – *continuum* de atenção à fala.



4.1.1.7 Articulação entre textualizações dos mundos narrado e comentado

Os modos de textualização que emergem do quadro maior estabelecido pelo modo dialogal da entrevista sociolinguística estão organizados segundo as dimensões do mundo narrado – em que se situa o modo de textualização narrativo – e do mundo comentado (não narrado). Na realização do modo de textualização narrativo na entrevista, a fala narrativa pode estar articulada (ou não) com uma produção oral imediatamente anterior que instancia um modo de textualização do mundo comentado.

Anotamos que uma fala narrativa está articulada com a uma fala não narrativa quando se identifica que a textualização narrativa sendo produzida se apresenta em função do conteúdo de uma textualização não narrativa imediatamente anterior no discurso, seja por introdução do falante, seja através de um estímulo por parte do entrevistador. O excerto (16) ilustra o primeiro caso, em que uma fala narrativa iniciada pelo Entrevistado 1 (em destaque) exemplifica uma explicação.

(16) **Entrevistado 1:** ((...)) porque o diabo ele usa tua mente né... ele não pode usar o teu coração mas ele usa tua mente... ele bota muitas coisa negativa nas pessoa

Entrevistadora: na cabeça?

Entrevistado 1: na cabeça... por isso que na: igreja+a gente faz orações na mão BOTA as duas mão sobre a cabeça ((a entrevistadora murmura algo em 2º plano))... (ó ele) manifesta todo mal ((som de batida))... se você não consegue ((voz alta e alterada)) “ó: pô... eu

não consigo namorado eu bati co/ carro ficou co/ carro ((som de batida)) zero e tô batendo co/ carro pô”... tendeu? aí você:... você (expli/ se) “pô alguma coisa que saiu errado... não pode ((exclama))... ((voz se altera a partir daqui...)) toda hora que eu compro um carro zero BATO compro um zero BATO” (...até aqui) cê sabe que: eu bati co/ o carro:: uma vez num fusca eu bati no Centro no ÔNibus e no não tinha visto nenhum ônibus na frente

Entrevistadora: você bateu num ônibus?

Entrevistado 1: o: na reali/ a realidade o ônibus bateu em mim... mas foi assim...

O excerto (17) apresenta uma situação em que o Entrevistado 2 é estimulado pela entrevistadora a iniciar uma narrativa (em destaque).

(17) **Entrevistado 2:** (...) gosto de pesCA:R... essa época principalmente assim a pe/ da tainha e:... é tanto que tu me pegou agora porque eu tava pescando ((risos de ambos)) senão...

Entrevistadora: tu tava pescando?

Entrevistado 2: tava hoje hoje na real ((é)) meu dia de folga ((est))... e aí eu tô DESDE ÀS SETE da manhã nessa função né?... de pegar PEIXE e:: a gente saiu pa cerCA:R... não EU mas os amigos+saem pa cercar ((est)) fiquei lá na vigia tal ((est))... “traz a rede pra cá leva canoa pra lá” e: aquela movimentação né?...

Por outro lado, distinguimos duas situações para o caso de não articulação do mundo narrado com o comentado. A primeira delas ocorre quando a fala narrativa é uma resposta a uma pergunta explícita do entrevistador. Ilustramos essa primeira situação no excerto (18), com um exemplo de narrativa (em destaque) decorrente de uma pergunta prototípica de solicitação de uma narrativa.

(18) **Entrevistadora:** o que eu queria te perguntar assim o que que como foi tua infância assim na Barra assim que que tu como é que tu viveu na Barra da Lagoa na época da tua infância? como é que era as brincadeiras... como é que era...

Entrevistada 1: a minha infância ela... eu cos-

tumo dizer que foi a melhor parte da vida né? o fato de morar numa comunidade simples espaço é... a gente podia fazer de tudo um pouco né? ir no rio pescar fazer os cozinhados né... que eram maravilhosos | muitas crianças por aqui ia no campo pra buscar lenha | não era uma rotina diária | ia mais pra se divertir do que realmente pra ajudar ((est)) é... às vezes acompanhava o pai a pescar na na prainha... enfim a a eu vivi a minha infância! eu vivi BEM minha infância dentro do meu espaço dentro das nossas possibilidades né? ((est)) mas com certeza foi muito bom

A segunda ocorre quando, na superfície da fala sob análise, o entrevistado introduz uma narrativa sem que esteja subordinada à textualização não narrativa em realização no fluxo discursivo imediatamente anterior. É o caso do excerto (4), apresentado na seção 2.2.1, e que tornamos a reproduzir no excerto (19) a seguir, em que a narrativa parece estar apenas justaposta a um trecho anterior de opinião. Colabora com esta ótica de análise o fato de, após uma pausa e antes de iniciar a narrativa propriamente, o Entrevistado 1 proferir o aditivo “e eu tenho uma outra coisa pa contar de eu ser recém lá” (em negrito). Esta sinalização licencia a sua fala narrativa, o que não foi oportunizada pela fala opinativa precedente.

(19) **Entrevistado 1:** eu acho que:... depoi/ DAQUI vai ter of/ u::m... Deus promete a:... a terra prometida a justiça no reino dos céus... tendeu? quem PRÁTICA a justiça aqui na terra tem o reino dos céus acho que (não é que é isso?)... é nisso que a gente acre/ depois a gente: (divide) a experiência com Deus... porque depoi/ da morte o que que somos? que Deus? somos nada... a gente tem que acreditar em alguma coisa (algum) mundo... **e eu tenho uma outra coisa pa contar de eu ser recém lá... sobre vidas né?** ((est))... e eu comecei entrando na droga antes de conhecer assim ó ah 'a gente conhece Jesus todo mundo tem fé em Deus tal'... eu tinha muita fé em Deus assim né?

De que maneira a presença de uma articulação com um modo de textualização comentado se correlaciona com o efeito de atenção à fala narrativa? As hipóteses que temos para este parâmetro estilístico são

conflitantes. A primeira é de que, estando a fala narrativa articulada com uma fala comentada, o falante detém maior atenção à sua produção oral na narração, pois esta fala narrativa está “formalmente” inserida em um ambiente de maior comprometimento factual com o que se diz (e.g., uma opinião ou uma exposição). A segunda é de que o falante mantém menor atenção sobre o que fala, pois exerce a narração como um dispositivo que endossa a aprovação do conteúdo que está sendo veiculado pela fala comentada que a cerca. Neste último caso, a fala narrativa guarda um viés mais “funcional”, conferindo, por exemplo, uma opinião mais persuasiva ou uma exposição mais informativa.

Em virtude do conflito de hipóteses sobre o efeito de atenção à fala para o parâmetro “articulação entre textualizações dos mundos narrado e comentado”, não conseguimos postular uma correlação particular entre tal parâmetro com níveis distintos de atenção à fala, o que nos permitiria expressar, por exemplo, se a textualização narrativa articulada com uma textualização do mundo comentado levaria, por hipótese, o entrevistado a prestar menos (ou mais) atenção ao que fala enquanto narra. Por conseguinte, sem a referida correlação, não conseguimos estabelecer uma organização das possibilidades previstas para o parâmetro (isto é, textualização narrativa articulada com textualização do mundo comentado ou textualização narrativa não articulada com textualização do mundo comentado) em uma escala de atenção à fala, tal qual temos obtido até então com os outros parâmetros estilísticos do modelo.

4.1.2 Sumário da organização dos parâmetros estilísticos do modelo

Nas tabelas a seguir, resumizamos a organização dos parâmetros do modelo propostos ao longo da seção 4.1.1. A Tabela 2 exibe os parâmetros com as suas respectivas correlações de efeito (e escala) de atenção à fala postuladas (exibidos em ordem de menos atenção para mais atenção à fala).

Tabela 2 – Sumário da organização dos parâmetros estilísticos do modelo: parâmetros com correlações de efeito (e escala) de atenção à fala

Parâmetro estilístico	Efeitos de atenção à fala postulados (em ordem de menos para mais atenção à fala)
Singularidade da experiência narrada	episódico, habitual
Referente-protagonista-experienciador (relação entrevistado-protagonista)	pessoal, familiar, institucional
Relevância tópica	mais relevante, menos relevante
Alteração do tom	com alteração, sem alteração
Avaliação	pessoal, interacional, genérica, sem avaliação aparente
Relação pessoal imediata no discurso	relação pessoal (situação reportada), relação familiar (situação reportada), relação institucional (situação reportada), situação da entrevista

A Tabela 3 exhibe a organização do único parâmetro para o qual não fixamos uma hipótese de efeito (e escala) de atenção à fala, conforme pode ser visto na seção 4.1.1.7.

Tabela 3 – Sumário da organização dos parâmetros estilísticos do modelo: parâmetro sem correlação definida de efeito (e escala) de atenção à fala

Parâmetro estilístico	Valores possíveis
Articulação entre textualização dos mundos narrado e comentado	sem articulação com o mundo comentado, com articulação com o mundo comentado

4.2 FUNCIONAMENTO DO MODELO DE ANÁLISE

Conforme relatamos na seção anterior, o presente modelo de análise estilística permite classificar os trechos de fala narrativa na entrevista em estilos de narrar **haja vista um critério de análise de base contextual**, ou seja, de acordo com uma descrição do contexto em que esse trecho de fala narrativa surge na entrevista. Para tanto, duas premissas básicas são assumidas:

- **Correlação entre estilo de narrar e atenção à fala narrativa.** A premissa de que todo estilo de narrar na entrevista está correlacionado com um nível de atenção que o entrevistado confere à sua própria fala enquanto narra (fala narrativa). Esta premissa – especialização da noção de estilo como atenção à fala segundo Labov (1984), Labov (2008 [1972]) – estabelece a ligação entre uma designação de estilo de narrar e uma medida de atenção do entrevistado à fala narrativa que produz na entrevista;
- **Correlação entre contexto de fala narrativa na entrevista e atenção à fala narrativa.** A premissa de que os variados contextos de fala que ocorrem no interior da entrevista sociolinguística induzem o entrevistado a diversos níveis de atenção à fala. Logo, segundo a premissa anterior, a entrevista abriga contextos de fala que induzem o entrevistado a diversos estilos de fala. De forma similar, a entrevista compreende diferentes contextos de fala narrativa que induzem o entrevistado a diversos estilos de narrar. Esta premissa – especialização do princípio de construção da entrevista sociolinguística segundo Labov (2006 [1966]) – estabelece a ligação entre uma descrição de contexto de fala narrativa na entrevista e um efeito de atenção à fala, o que implica, pela premissa anterior, estabelecer a ligação entre uma descrição de contexto de fala narrativa e um estilo de narrar.

O nosso modelo de análise estilística entra em operação recebendo uma dada sequência de fala da entrevista (incluindo as falas do entrevistador), mais as devidas informações sobre a ocasião na entrevista em que tal sequência foi iniciada. À luz desses dados iniciais, os objetivos principais da análise são identificar os trechos de fala narrativa desenvolvidos pelo entrevistado e classificá-los em seus respectivos

estilos de narrar. Esses objetivos devem ser cumpridos através da realização das seguintes etapas:

1. **Delimitação do recorte de fala narrativa.** Na primeira etapa da operação do modelo de análise, separamos da sequência inicial de fala todos aqueles trechos de fala do entrevistado que correspondam à definição de fala narrativa (primeira referência da análise), isto é, reservamos para a etapa seguinte os trechos de fala que relatem uma experiência passada, pautada por uma sequência de eventos que se desdobram em um plano temporal anterior ao momento presente da fala na entrevista. Como resultado desta etapa, obtemos um conjunto dos trechos de fala narrativa do entrevistado, que não necessariamente perfazem um mesmo todo narrativo (ou seja, dizem respeito a um mesmo relato de experiência passada). Para a próxima etapa, porém, esses trechos devem ser considerados somente dentro do contexto do conteúdo do seu respectivo relato de experiência passada;

2. **Diferenciação dentro do recorte de fala narrativa conforme os parâmetros estilísticos do modelo.** Nesta etapa, caracterizamos os trechos de fala contidos em uma narrativa em particular (obtida da etapa anterior), à luz dos parâmetros estilísticos previstos pelo modelo (segunda referência de análise). Com esta medida, torna-se possível definir escopos de análise menores que o escopo da narrativa inteira, diferenciando analiticamente contextos de fala narrativa mais específicos que virtualmente condicionam efeitos de atenção à fala distintos.

Ilustramos a operação dessas duas etapas de análise do nosso modelo ao longo dos excertos (20) e (21), que retomam de forma mais ampliada o contexto na entrevista em que surge a sequência de fala do excerto (17), exibido na página 110.

A primeira etapa de análise (delimitação do recorte de fala narrativa) recebe a sequência de fala exibida no excerto (20) e, como resultado, identifica os trechos de fala narrativa desenvolvidos pelo entrevistado (em destaque). Juntos, esses trechos de fala narrativa compõem um relato de experiência pessoal (testemunhado pelo entrevistado) sobre um fato episódico (embora recente, é específico na biografia do entrevistado, rememorado pela circunstância da entrevista) e a respeito de assunto que lhe desperta grande interesse (a atividade da pesca, sobretudo o cerco à tainha, típico da comunidade onde vive e do qual é praticante).

(20) **Entrevistadora:** e:h eu queria saber um pouquinho como é que e:h é a tua vida hoje?... o que que tu faz:z? como é que é tua família? teu trabalho...

Entrevistado 2: eh em relação a trabalho:... que que eu poderia te falar+assim...

Entrevistadora: que que tu faz?

Entrevistado 2: eu trabalho de motoRISTA... né? até na na na... na empresa local trabalho no BAIrro... até: faço questão de trabalhar+assim porque:: eu trabalho:... com a:... com a MINHA COMUNIDADE... né?: na na minha casa né?... o que eu preciso eu tenho em casa e meu salário: trabalhando em casa praticamente ((est))... e assi:m em relação à família::... a a gente se dá bem e:... família normal igual a todo mundo né?

Entrevistadora: cê tem c/... a ((nome da filha do entrevistado))?

Entrevistado 2: a ((nome da filha do entrevistado))... eh e: pai+e mãe mais três+irmãos... e: a minha filha tal e:... e norMAL... levo uma vida norMAL ASSIM entendeu? ((est)) nada de especiAL nada de... de glaMOUR+essas coisa sabe? um... uma rotina de vida assi:m ((est)) simples ((est))... sou mai/ eu sou de família SIMPLES tal.. aí: trabalho casa trabalho trabalho casa e:... gosto de pesCA:r... essa época principalmente assim a pe/ ((pesca)) da tainha e:... é tanto que tu me pegou agora porque eu tava pescando ((risos de ambos)) senão...

Entrevistadora: tu tava pescando?

Entrevistado 2: tava hoje hoje na real ((é)) meu dia de folga ((est))... e aí eu tô DESDE ÀS SETE da manhã nessa função né?... de pegar PEIXE e:: a gente saiu pa cerCA:r... não EU mas os amigos saem pa cercar ((est)) fiquei lá na vigia tal ((est))... “traz a rede pra cá leva canoa pra lá” e: aquela movimentação né?... [1 e 1]

Entrevistadora: o que que é ficar [1 na vigia? 1]

Entrevistado 2: na vigia é: tu fica:r VENDO+O PEIXE... ((trecho longo de explanação sobre o que é a vigia))

[...]

Entrevistado 2: (...) aí eu... fico nessa movi/ ah o meu dia de folga hoje foi+isso ((exclama))... cheguei agora e não TENHO meus trampo pra fazer em casa mas

abri mão ((da folga)) (eu) vo:u... ((entrevistadora ri)) vou pra tarrafa e da tarrafa já encontrei um amigo meu que é vigia... ele já “ó vamo lá que: tem peixe vamo: a gente vai cercar”... e deu e aconteceu cerCARAM... E O PEIXE ATÉ ACABOU FUGINDO... foi mais rápido que a canoa né?

Entrevistadora: é mesmo? ((surpresa))

Entrevistado 2: foi foi mais rápido que a canoa é porque:... é do ma:r é a área dele né? então... aí pegaram acabaram pegando vinte tainhas+se eu não me engano... dum cardume de calculado dois mil ((exclama))

Entrevistadora: a:h... dois mil ((exclama espantada))

Entrevistado 2: eh foi... pelo que eles co/ (comentaram) “Ó:... TEM PEIXE AÍ:” que eles calcula+assim por cima né? que+es/ pela experiências de... de de de de... de de VOLUME assim que eles olha+e VÊ ((bate com a mão)) do que já têm pego... “ah que eh mais ou menos tem ((bate com a mão)) dois mil tem quinhentos peixe”... e hoje foi calculado assim u:ns dois mil peixe e pegaram vinte tainhas tu vê... então é: uma questão de loteria também né? sorte um pouco

Entrevistadora: ba:h mas que coisa impressionante duas mil né? ((surpresa))

Entrevistado 2: é | duas mil... e no mesmo instante que passava... que eles cercavam esse mesmo peixe pra duas mil que eu também vi o peixe... só que: não não ah... o tempo da canoa pra fazer o cerco não foi suficiente pra cercar ele ele acabou fugindo:... dentro de cinco minutos apareceu um outro cardume que eles calculara+assim os dois via que+estavu comigo assim “ó” e falando no ráido ((rádio)) “ó tem mais ou menos peixe pa cinco mil ((exclama))” ((entrevistadora se espanta))... “já prepara outra canoa:”... enfim e eu se:i que aí no MEIO DO CAMINHO o peixe como vai pa PRAIA a praia é uma praia grande... acabou se dispersando e nem o vigia da praia acabou vendo ficou assim...

Obtidos os trechos narrativos do entrevistado e organizados em um todo narrativo, a segunda etapa de análise (diferenciação dentro do recorte narrativo segundo os parâmetros estilísticos do modelo) observa

especificamente os trechos de fala que formam o conteúdo da narrativa em questão, reconstituída no excerto (21).

Apontamos que, de maneira geral, na fala narrativa do excerto (21): (*i*) o fato narrado é episódico; (*ii*) o experienciador é o próprio entrevistado (esfera pessoal); (*iii*) o tópico é de relevância para o entrevistado (tópico mais relevante); (*iv*) o conteúdo da textualização narrativa está articulada com uma textualização não narrativa de caráter expositivo.

A análise em relação aos demais parâmetros (“alteração do tom”, “avaliação” e “relação pessoal imediata no discurso”) ocorre de maneira mais refinada, em escopos menores dentro da narrativa, a depender do trecho de fala sendo observado. Avaliamos os seguintes valores para esses três parâmetros em relação aos trechos da fala narrativa do excerto (21):

- Alteração do tom: com alteração (em todos os casos, aumento aparente no volume da voz, marcação em *itálico* e sublinhado) e sem alteração (sem marcação especial);
- Avaliação: avaliação pessoal (**marcado em vermelho**) e sem avaliação aparente (não sublinhado);
- Relação pessoal imediata no discurso: relação familiar na situação reportada, ora entre o entrevistado e amigos, ora entre os amigos do entrevistado (com **negrito**) e relação entrevistado-entrevistadora (sem **negrito**).

(21) **Entrevistado 2:** (...) hoje hoje na real ((é)) meu dia de folga ((est))... e aí eu tô **DESDE ÀS SETE da manhã nessa função né?**... de pegar PEIXE e:: a gente saiu pa cerCA:r... não **EU mas os amigos saem pa cercar** ((est)) fiquei lá na vigia tal ((est))... **“traz a rede pra cá leva canoa pra lá”** e: aquela movimentação né?... [1 e e 1]

[...]

aí eu... fico nessa movi/ **ah o meu dia de folga hoje foi+isso ((exclama))**... cheguei agora e não **TENHO m(e)us trampo pra fazer em casa** mas abri mão ((da folga)) (eu) vo:u... ((entrevistadora ri)) vou pra tarrafa e da tarrafa já encontrei um amigo meu que é vigia... ele já **“ó vamo lá que: tem pe((i))xe vamo: a gente vai cer-**

car”... e deu e aconteceu cerCARAM... E O PEIXE ATÉ ACABOU FUGINDO... **foi mais rápido que a canoa né?**

[...]

então... aí pegaram acabaram pegando vinte tainhas+se eu não me engano... **dum cardume de calculado dois mil ((exclama))**

[...]

(...) pelo que eles co/ (comentaram) **“Ó:... TEM PEIXE AÍ:”**

[...]

(...) e no mesmo instante que passava... que eles cercavam esse mesmo peixe pra duas mil que eu também vi o peixe... só que: não não ah... o tempo da canoa pra fazer o cerco não foi suficiente pra cercar ele ele acabou fugindo:... dentro de cinco minutos apareceu um outro cardume que eles calculara+assim os dois via que+estavu comigo assim **“ó”** e falando no ráido ((rádio)) **“ó tem mais ou menos peixe pa cinco mil ((exclama))”** ((entrevistadora se espanta))... **“já prepara outra canoa:”**... enfim e eu sei que aí no MEIO DO CAMINHO o peixe como vai pa PRAIA a praia é uma praia grande... acabou se dispersando e nem o vigia da praia acabou vendo ficou assim...

Como consequência da análise do excerto (20), é possível identificar variados contextos estilísticos dentro de uma mesma narrativa, reconstituída em (21). Um desses possíveis contextos estilísticos se refere ao trecho de fala narrativa transcrito em (21) como “então... aí pegaram acabaram pegando vinte tainhas+se eu não me engano...”. A descrição de contexto estilístico desse trecho reúne os valores dos parâmetros estilísticos do modelo apresentados na Tabela 4, mostrada logo a seguir.

Tabela 4 – Descrição do contexto estilístico de fala narrativa para o trecho “então... aí pegaram acabaram pegando vinte tainhas+se eu não me engano...” no excerto (21)

Parâmetro estilístico	Valor do parâmetro
Singularidade da experiência narrada	narrativa episódica
Experienciador na narrativa	entrevistado (esfera pessoal)
Relevância tópica	mais relevante
Alteração do tom	sem alteração aparente
Avaliação	sem avaliação aparente
Articulação narrativa com não narrativa	com articulação
Relação pessoal imediata no discurso	relação entrevistador-entrevistado

Já o trecho narrativo transcrito como “ó tem mais ou menos peixe pa cinco mil” apresenta uma descrição de contexto estilístico similar ao caso mostrado na Tabela 4, exceto por duas distinções mais sutis, correspondentes aos parâmetros estilísticos “Avaliação” e “Relação pessoal imediata no discurso” (Tabela 5, [em azul](#)).

Tabela 5 – Descrição do contexto estilístico de fala narrativa para o trecho “ó tem mais ou menos peixe pa cinco mil” no excerto (21)

Parâmetro estilístico	Valor do parâmetro
Singularidade da experiência narrada	narrativa episódica
Experienciador na narrativa	entrevistado (esfera pessoal)

Parâmetro estilístico (cont.)	Valor do parâmetro (cont.)
Relevância tópica	mais relevante
Alteração do tom	sem alteração aparente
Avaliação	avaliação pessoal
Articulação narrativa com não narrativa	com articulação
Relação pessoal imediata no discurso	esfera de relação familiar (situação reportada)

Assim, em um caso de análise hipotético que quisesse diferenciar, por exemplo, um dado contido no trecho “ó tem mais ou menos peixe pa cinco mil”, o escopo de interesse a ser observado será caracterizado em termos dos valores dos parâmetros exibidos na Tabela 5. Por outro lado, um dado contido no trecho “então... aí pegaram acabaram pegando vinte tainhas+se eu não me engano...” será caracterizado em termos dos valores dos parâmetros exibidos na Tabela 4. No caso de uma análise estilística com o modelo da *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a), por exemplo, essas distinções seriam omitidas, visto que, para ambos os trechos citados, o escopo de análise se limita ao contexto da narrativa inteira.

4.2.1 Os contextos estilísticos de fala narrativa e o seu efeito de atenção à fala

A *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a), referência para a nossa proposta de modelo, prevê que os contextos estilísticos de fala na entrevista podem induzir o entrevistado a desenvolver 2 (dois) níveis de atenção à fala, classificados como estilo de fala monitorada (referente à fala esperada na entrevista sociolinguística mediante o seu ambiente de formalidade) e estilo de fala casual (resultante de um esforço metodológico para provocar ocasiões de informalidade a despeito da situação de entrevista). Dessa maneira, a *Árvore de Decisão* diferencia os trechos de fala do entrevistado de acordo com duas classes estilísticas, correlacionadas respectivamente com dois efeitos conhecidos de atenção à fala (fala casual ou monitorada).

A presente proposta de modelo de análise estilística prevê que os contextos estilísticos de fala narrativa na entrevista podem induzir o entrevistado a até N níveis de atenção à fala, número proporcional à diversidade de parâmetros estilísticos definidos no modelo: quanto mais parâmetros forem definidos, mais contextos de fala narrativa podem ser reconstituídos e identificados, logo mais níveis de atenção à fala narrativa (estilos de narrar) podem ser, supostamente, induzidos.

De início, ilustramos esse princípio supondo que seja definido um modelo de análise estilística da fala narrativa denominado M_1 , contendo somente dois parâmetros previamente definidos neste capítulo, a saber:

- Singularidade da experiência narrada (seção 4.1.1.1): se a experiência reportada na fala narrativa em entrevista trata de uma experiência episódica (fato singular na vida do entrevistado) ou habitual (fato não singular). Os seguintes efeitos relativos de atenção à fala são previstos para este parâmetro:
 - Narrativa episódica: efeito de menos automonitoramento do entrevistado ao que fala;
 - Narrativa habitual: efeito de mais automonitoramento do entrevistado ao que fala.
- Protagonista-experienciador na narrativa (seção 4.1.1.2): trata da relação entre o entrevistado e o experienciador, a figura central que vivenciou a experiência sendo narrada. É em relação ao experienciador que os eventos da experiência se referem principalmente e atuam diretamente. Os seguintes efeitos relativos de atenção à fala são previstos em relação a este parâmetro:
 - Relação pessoal (narrativa pessoal): a figura central é o próprio entrevistado. Efeito mínimo de atenção à fala;
 - Relação familiar (narrativa vicária familiar): a figura central é da esfera de relação familiar do entrevistado, com que este mantém proximidade afetiva (p. ex., um parente ou um amigo íntimo). Efeito intermédio de atenção à fala;
 - Relação institucional (narrativa vicária institucional): a figura central mantém uma relação supostamente distante com o entrevistado, para além de uma esfera de relação familiar. Efeito máximo de atenção à fala.

Esquemáticamente, M_1 pode ser representado segundo a codificação apresentada no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Modelo M_1 , com os parâmetros “singularidade da experiência narrada” e “protagonista-experienciador na narrativa”

Parâmetro	Efeitos de atenção à fala (fatores)
Singularidade da experiência narrada	Fator e : narrativa episódica Fator h : narrativa habitual
Protagonista-experienciador na narrativa	Fator p : narrativa pessoal Fator f : narrativa vicária familiar Fator i : narrativa vicária institucional

Tendo em vista o Quadro 3, observamos que M_1 permite caracterizar até seis níveis de atenção à fala narrativa (estilos de narrar) em uma entrevista, respectivamente induzidos por seis contextos estilísticos narrativos particulares (Tabela 7). Cada um desses contextos (níveis de atenção à fala) decorre de uma combinação possível entre os fatores (efeitos individuais de atenção à fala) previstos para os parâmetros “singularidade da experiência narrada” e “protagonista-experienciador na narrativa”.

Tabela 7 – Contextos de fala narrativa que podem ser representados a partir do modelo de análise estilística M_1

Contexto estilístico narrativo	Fatores/efeitos combinados
narrativa episódica pessoal	ep
narrativa episódica vicária familiar	ef
narrativa episódica vicária institucional	ei
narrativa habitual pessoal	hp
narrativa habitual vicária familiar	hf
narrativa habitual vicária institucional	hi

Dessa maneira, matematicamente, a quantidade máxima de níveis de atenção à fala (estilos de narrar) que podem ser diferenciados segundo o modelo de análise M_1 é equivalente ao produto do número de fatores (efeitos individuais de atenção à fala) previsto para cada parâmetro estilístico definido nesse modelo: parâmetro “singularidade da experiência narrada”, 2 fatores/efeitos (narrativa episódica ou habitual); parâmetro “protagonista-experienciador na narrativa”, 3 fatores/efeitos (narrativa pessoal, narrativa vicária familiar ou narrativa vicária institucional), logo seis ($N = 2 \times 3 = 6$) fatores/efeitos combinados de atenção à fala narrativa (estilos de narrar). Essas informações estão sumarizadas na Tabela 8.

Tabela 8 – Máximo de níveis de atenção à fala narrativa previsto pelo modelo de análise M_1 , com os parâmetros “singularidade da experiência narrada” e “protagonista-experienciador na narrativa”

Parâmetro estilístico	Qtde. de efeitos possíveis
Singularidade da experiência narrada	2
Protagonista-experienciador na narrativa	3
Máximo de níveis de atenção à fala (total de combinações entre os efeitos de ambos os parâmetros):	$2 \times 3 = 6$

Consideremos agora um segundo modelo de análise, mais complexo que M_1 , denominado M_2 (Tabela 9). O modelo M_2 conta com seis parâmetros estilísticos, os mesmos consolidados na seção 4.1.2⁴, quatro a mais do que no modelo M_1 . No modelo M_2 , a quantidade

⁴Vide Tabela 2. Relembramos que o modelo organizado segundo os parâmetros estilísticos citados na Tabela 2 exclui o parâmetro “articulação entre textualizações dos mundos narrado e comentado”, para o qual não postulamos uma hipótese de escala de efeito de atenção à fala (vide seção 4.1.1.7).

máxima possível de níveis de atenção à fala a serem representados é 384 ($N = 384$), valor equivalente ao total de combinações possíveis entre os fatores (efeitos individuais de atenção à fala) previstos para cada um dos seus seis parâmetros estilísticos (matematicamente, o produto da quantidade de fatores de cada parâmetro que compõe o modelo: $N = 2 \times 3 \times 2 \times 2 \times 4 \times 4 = 384$).

Tabela 9 – Total de níveis de atenção à fala para um modelo de análise M_2 , com os seis parâmetros estilísticos consolidados na seção 4.1.2

Parâmetro estilístico	Qtde. de efeitos possíveis
Singularidade da experiência narrada	2
Referente-protagonista-experienciador	3
Relevância tópica	2
Alteração do tom	2
Avaliação	4
Relação pessoal imediata no discurso	4
Máximo de níveis de atenção à fala (total de combinações possíveis):	$2 \times 3 \times 2 \times 2 \times 4 \times 4 = 384$

Portanto, em tese, a configuração de parâmetros estilísticos do modelo M_2 (Tabela 9) permite diferenciar até 384 contextos estilísticos narrativos (níveis de atenção à fala narrativa) na entrevista, viabilizando, a priori, uma análise mais refinada do que com o modelo M_1 (Tabela 8), que prevê a identificação de até 6 contextos estilísticos narrativos. Tal diferença entre ambos os modelos decorre do fato de que, comparativamente, o modelo M_2 conta com uma maior diversidade de parâmetros estilísticos, quatro a mais do que M_1 , o que implica a possi-

bilidade de descrição de mais contextos de fala narrativa na entrevista por parte daquele modelo de análise e, com efeito, a oferta de resultados potencialmente mais refinados.

Ainda que não haja restrição aparente à construção de modelos de análise com um número considerável de parâmetros estilísticos, vale ressaltar que, na prática, nem sempre é o caso de todas as distinções previstas por um dado modelo serem observadas na análise estilística de uma entrevista em particular. Por exemplo, ao aplicarmos o modelo M_2 na análise do excerto (21) da seção anterior, chegamos à conclusão de que nem todos os possíveis fatores/efeitos estilísticos previstos por M_2 são encontrados. Como resultado, operamos a análise do excerto (21) não com o modelo M_2 *per se*, mas com um modelo que é uma *projeção parcial de M_2* , que denominamos modelo M_3 (vide Quadro 4), contendo parte dos fatores/efeitos previstos pelos parâmetros estilísticos de M_2 .

Quadro 4 – Organização dos parâmetros do modelo M_3 , somente com os fatores/efeitos estilísticos do modelo M_2 encontráveis no excerto (21)

Parâmetro	Efeitos de atenção à fala (fatores)
Singularidade da experiência narrada	Fator <i>e</i> : narrativa episódica
Referente-protagonista-experenciador	Fator <i>p</i> : narrativa pessoal
Relevância tópica	Fator <i>+</i> : com tópico mais relevante
Alteração do tom	Fator <i>T</i> : trecho com alteração do tom Fator <i>t</i> : trecho sem alteração do tom
Avaliação	Fator <i>A</i> : trecho com avaliação pessoal Fator <i>a</i> : trecho sem avaliação pessoal aparente
Relação pessoal imediata no discurso	Fator <i>r</i> : em situação reportada de relação familiar Fator <i>R</i> : em situação da entrevista

De acordo com o Quadro 4, o modelo M_3 somente diferencia os contextos estilísticos de narrativa (e, por tabela, os níveis de atenção à fala narrativa) em função das combinações entre os parâmetros “alteração do tom”, “avaliação” e “relação pessoal imediata no discurso”, todos com 2 (duas) distinções de efeito possíveis. Os demais parâmetros (“singularidade da experiência narrada”, “referente-protagonista-experienciador” e “relevância tópica”) oferecem apenas 1 (uma) possibilidade de efeito cada, sendo irrelevantes, assim, para o cômputo da quantidade máxima de níveis de atenção à fala. Dessa maneira, tem-se que o modelo M_3 pode caracterizar, no máximo, oito níveis de atenção à fala narrativa ($N = 8$), conforme sumarizado na Tabela 10.

Tabela 10 – Níveis de atenção à fala previstos para um modelo M_3 , resultante da aplicação do modelo M_2 ao excerto (21)

Parâmetro estilístico	Fatores/efeitos possíveis	Nº efeitos
Singularidade da experiência narrada	episódico	1
Referente-protagonista-experienciador	pessoal	1
Relevância tópica	mais relevante	1
Alteração do tom	com alteração, sem alteração	2
Avaliação	pessoal, sem avaliação aparente	2
Relação pessoal imediata no discurso	relação familiar (situação reportada), situação de entrevista	2
Máximo de níveis de atenção à fala:	$1 \times 1 \times 1 \times 2 \times 2 \times 2 = 8$	

Conforme a Tabela 10, a configuração do modelo M_3 implica a possibilidade de descrever até oito contextos estilísticos de fala narrativa (por tabela, até oito níveis de atenção à fala), mas o que se verifica durante a análise do excerto (21) é que são diferenciados efetivamente **sete** níveis de atenção à fala narrativa (Tabela 11). Caracterizamos esses contextos em termos das combinações encontradas no excerto (21) envolvendo os fatores/efeitos estilísticos dos parâmetros do modelo M_3 (Quadro 4)

Tabela 11 – Contextos estilísticos de fala narrativa encontrados na análise estilística do excerto (21) de acordo com o modelo M_3

Contexto estilístico	Fala de exemplo
ep+taR	fiquei lá na vigia tal
ep+tAR	foi mais rápido que a canoa né?
ep+TAR	DESDE ÀS SETE
ep+TaR	E O PEIXE ATÉ ACABOU FUGINDO
ep+tar	“traz a rede pra cá leva canoa pra lá”
ep+Tar	“Ó:... TEM PEIXE AÍ:”
ep+tAr	“ó tem mais ou menos peixe pa cinco mil ((exclama))”

Notamos que o único nível de atenção à fala previsto pelo modelo M_3 porém não observado na análise do excerto (21) foi o induzido pelo contexto estilístico codificado como $ep+TAr$, ou seja, aquele formado pela combinação dos efeitos individuais de atenção à fala dos fatores:

- “episódico” (Singularidade da experiência narrada) ;
- “pessoal” (Referente-protagonista-experienciador na narrativa) ;

- “mais relevante” (Relevância tópica);
- “com alteração” (Alteração do tom) ;
- “com avaliação pessoal” (Avaliação);
- “relação familiar na situação reportada” (Relação pessoal imediata no discurso).

Portanto, mesmo que todos os fatores/efeitos estilísticos previstos pelos parâmetros de um modelo sejam observados em um trecho de narrativa na entrevista, é possível ainda que certas combinações de fatores/efeitos não sejam encontradas de fato, caso dos fatores/efeitos do modelo M_3 (Quadro 4) em relação ao excerto (21) que acabamos de relatar. Nesse sentido, o número efetivo de distinções de níveis de atenção à fala identificado por um modelo não será o seu total máximo inicialmente projetado mas, de fato, um número menor que tal quantidade máxima prevista.

Um último aspecto importante a se considerar aqui é que, dado um modelo de análise estilística, conseguimos afirmar, em tese, o número e as possibilidades de efeitos distintos de atenção à fala narrativa (ou seja, dos possíveis estilos de narrar na entrevista), mas não conseguimos especificar quantos (e quais) desses efeitos (estilos) são, efetivamente, distintos entre si, nem como eles podem ser ordenados em uma escala de atenção à fala. Dessa forma, uma questão em aberto neste trabalho é que não conseguimos saber se as hipóteses de efeito de atenção à fala associadas a cada parâmetro estilístico de um modelo de análise estilística sendo construído são válidas ou não.

De fato, o problema é que, somente dispondo da análise qualitativa, tal qual o fizemos ao longo deste trabalho, não conseguimos afirmar algo acerca desses pontos. Pelo menos, não sem antes verificarmos em que medida os estilos de fala narrativa caracterizados por um modelo se comportam como condicionantes de fenômenos de variação sensíveis estilisticamente, leitura que pode ser apoiada, por exemplo, através da aplicação de expedientes de análise quantitativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo conclui esta dissertação, oportunidade para revisitarmos o desenvolvimento do seu objeto principal, uma proposta de revisão da análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística laboviana, bem como para refletirmos sobre outras questões de entorno trazidas ao longo dos capítulos anteriores.

Dividimos este capítulo em quatro partes. Na primeira, passamos em revista o que foi desenvolvido nos capítulos anteriores da dissertação, evidenciando as suas contribuições para o cumprimento dos objetivos da dissertação. A segunda parte retoma as questões gerais da dissertação, examinando as respectivas respostas obtidas e a conexão dessas respostas com as hipóteses inicialmente traçadas. Na terceira parte, buscamos estabelecer algumas perspectivas das contribuições da dissertação em relação ao campo de pesquisa em que ela se insere; destacamos também nessa parte as limitações deste trabalho. Terminamos este capítulo apontando as questões que deixamos em aberto e que, por essa razão, motivam novos rumos de pesquisa que consideramos como ponto de partida os desenvolvimentos desta dissertação.

5.1 REVISÃO DOS OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO

Em seu objetivo geral, esta dissertação propõe um novo modelo de análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística, capaz de refinar o tratamento metodológico atualmente oferecido pela agenda estilística laboviana (LABOV, 1984; LABOV, 2001a; LABOV, 2006 [1966]; LABOV, 2008 [1972]) em relação à fala contida em narrativas orais. Para alcançar tal objetivo geral, enveredamos por algumas etapas preliminares de desenvolvimento ao longo dos capítulos intermediários da dissertação. A realização de cada uma dessas etapas preliminares corresponde a como procuramos cumprir com cada um dos três primeiros objetivos específicos definidos para a dissertação. Buscamos cumprir com o quarto (e último) objetivo específico da dissertação neste capítulo.

Tendo em vista o primeiro objetivo específico deste trabalho, apresentamos no capítulo 2, **Embasamento teórico-metodológico**, um panorama da agenda estilística laboviana, das contribuições da sociolinguística laboviana para o estudo do estilo e a variação estilística, principal referência teórico-metodológica para esta dissertação. Rela-

tamos na seção 2.1 os princípios teórico-metodológicos que apoiam o desenvolvimento da agenda estilística laboviana, cujo mote é a noção de estilo como atenção à fala, e apresentamos os diferentes modelos de análise estilística desenvolvidos na agenda estilística laboviana, entre os quais a sua contribuição mais recente, o modelo de análise da *Árvore de Decisão* (LABOV, 2001a), no qual baseamos a nossa proposta.

Na seção 2.2, problematizamos a *Árvore de Decisão* verificando os seus limites de análise, decorrentes da sua adoção como modelo para identificação de estilos de fala narrativa na entrevista. Desenvolvemos as discussões levando em conta algumas críticas ao modelo registradas na literatura (LABOV, 2001a; BAUGH, 2001), bem como explorando alguns casos de análise, nos quais aplicamos a *Árvore de Decisão* em exemplos de fala narrativa coletados em uma amostra de entrevistas sociolinguísticas. Como resultado dessas discussões, observamos os seguintes problemas de análise estilística de trechos de fala narrativa na entrevista com a *Árvore de Decisão*: *(i)* considerando uma concepção mais ampla de narrativa como relato de acontecimento passado¹, notamos que certas falas veiculadas em alguns formatos de narrativa são identificadas estritamente como representantes de estilo de fala monitorada, mesmo quando essas narrativas guardam traços de estilo de fala casual; *(ii)* considerando a concepção de narrativa de Labov (2001a), Labov (2008 [1972]), como um mecanismo que leva o entrevistado a uma produção discursiva em nível reduzido de atenção ao que fala (fala casual), notamos que toda fala narrativa desenvolvida em um mesmo formato narrativo (p. ex., narrativa de experiência pessoal) sempre é identificada como estilo casual, ainda que duas realizações distintas de um mesmo formato narrativo surjam na entrevista sob condições contextuais distintas (p. ex., uma narrativa seja resultante de uma iniciativa do entrevistado, e a outra narrativa resulte de uma pergunta do entrevistador), o que pode indicar nuances diferentes de estilo de fala casual.

Os problemas detectados na operação da *Árvore de Decisão* para a análise da fala narrativa nos apontam para a necessidade de formular um novo modelo de análise estilística. Esse novo modelo deve contar com *(i)* uma nova definição de fala narrativa na entrevista, mais ampla que a noção laboviana de narrativa, no intuito de acolher outros formatos narrativos que não são narrativas para Labov (e, por tabela, para a *Árvore de Decisão*); *(ii)* o pressuposto de que a fala narrativa na entrevista está correlacionada com diferentes níveis de atenção à fala (não somente à fala casual, tal qual a concepção original de narrativa

¹ A exemplo do conceito de sequência narrativa trazido por Back et al. (2004).

para Labov), o que implica propor uma nova descrição de contexto de fala narrativa na entrevista em que diferentes níveis de atenção à fala possam ser reconstituídos pela ação conjunta de elementos particulares do contexto da narrativa (p. ex., o tópico discursivo e o discurso reportado) (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011).

O segundo objetivo específico deste trabalho é contemplado pelo capítulo 3, **Modelo de (re)análise estilística da fala narrativa: desenho conceitual**. O produto principal desse capítulo é o denominado desenho conceitual da nossa proposta de modelo, centrado em uma nova concepção de “contexto de fala narrativa na entrevista”. Organizamos a ideia de contexto de fala narrativa do nosso modelo baseando-se no seguinte tripé: *(i)* as direções teórico-metodológicas tomadas pela agenda estilística laboviana quanto ao papel das narrativas orais na análise estilística da fala na entrevista, em especial o papel da narrativa de experiência pessoal (LABOV; WALETZKY, 2003 [1967]); *(ii)* os problemas de análise estilística da fala narrativa com a Árvore de Decisão encaminhados do capítulo 2; *(iii)* as contribuições teóricas de outras áreas de estudo linguístico nos níveis discursivo e pragmático com as quais o presente trabalho procura formar uma interface na seção 3.1.

Descrevemos preliminarmente a ideia de contexto de fala narrativa para o nosso modelo definindo como *fala narrativa* (seção 3.2) todo relato de experiência passada, que ocorreu antes do momento presente de fala da entrevista e que, em alguma medida, é relevante para o entrevistado. Em torno dessa noção de fala narrativa, esboçamos a nossa ideia de *contexto de fala narrativa* como um conjunto fixo de elementos contextuais de caráter discursivo-situacional presentes na situação comunicativa da entrevista que, por pressuposto, induzem efeitos de atenção à fala no entrevistado, possibilitando, assim, o surgimento de diferentes estilos de narrar. Com essa ideia de contexto de fala narrativa, buscamos conferir à noção de estilo de Labov, base para a nossa proposta, um caráter multidimensional (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011).

O capítulo 4, **Modelo de (re)análise estilística da fala narrativa: organização e operação**, contempla o terceiro objetivo específico deste trabalho. O produto principal desse capítulo é uma versão operacional da nossa proposta de modelo, que se beneficia diretamente das contribuições do seu desenho conceitual (capítulo 3). Na seção 4.1, apresentamos como o modelo está organizado partindo da descrição do seu componente central, o seu *critério de análise estilística*, que identifica os trechos de fala narrativa na entrevista e os classifica segundo diferentes estilos de narrar baseado em uma *descrição de contexto de*

fala narrativa, composta pelos seguintes aspectos: (i) de forma mais geral, a *noção de fala narrativa*, definida no capítulo 3, que, por hipótese, condiciona o entrevistado a um nível de atenção à fala de acordo com o grau de relevância da experiência sendo narrada, de modo que, quanto mais relevante for a experiência para o entrevistado, menos monitorada será a sua fala; (ii) mais especificamente, os *parâmetros estilísticos da fala narrativa (ou parâmetros estilísticos do modelo)*, que, por hipótese, representam as diferenças entre os estilos de narrar na entrevista em virtude da combinação dos efeitos particulares de atenção à fala dos diversos fatores presentes no contexto de realização da fala narrativa (p. ex., o discurso direto, a figura do interlocutor, entre outros), evidenciando a ideia contida em Eckert (2001) e Görski (2011) de que os estilos de fala na entrevista são moldados por uma ação multidimensional, de diferentes elementos contextuais quando da produção da fala na entrevista.

Para a presente proposta de modelo, consolidamos no total sete parâmetros estilísticos, em relação aos quais postulamos os seus respectivos efeitos individuais de atenção à fala. As explicações (em alguns casos, com exemplos de análise de trechos de fala em entrevista sociolinguística) e as hipóteses de atenção à fala sobre esses parâmetros podem ser vistos em detalhes ao longo da seção 4.1.1. Os parâmetros estão divididos em dois níveis descritivos. No *nível narrativo*, especificamos os parâmetros que mantêm correlação com a relevância da experiência sendo narrada; no *nível de entorno narrativo* definimos os parâmetros que remetem à correlação entre a fala narrativa e outras entidades (intra ou extratextuais).

Na seção 4.2, descrevemos o funcionamento do modelo de análise, que prevê duas etapas básicas: (i) a segmentação da fala narrativa, que recebe uma sequência inicial de fala na entrevista (inclusive com as passagens de fala referentes ao entrevistador e algumas informações sobre a circunstância na entrevista em que a sequência se origina) e extrai dela os trechos de fala narrativa proferidos pelo entrevistado; (ii) a diferenciação da fala narrativa, que recebe os trechos referentes a uma narrativa peculiar (colhidos na etapa anterior) e os caracteriza de acordo com as definições dos parâmetros estilísticos do modelo. Como resultado final, dada uma sequência de fala da entrevista, conseguimos delimitar tanto o conjunto das falas narrativas produzidas pelo entrevistado, quanto os escopos menores de análise, relativos a trechos de fala individuais dentro de uma narrativa peculiar, o que nos permite chegar a análises mais refinadas e, possivelmente, identificar nuances estilísticas específicas.

Ainda na seção 4.2, exemplificamos o modelo em operação efetuando a análise de uma sequência de fala em uma entrevista. Apresentamos um passo a passo do processo, descrevendo a realização de cada uma das suas etapas de análise previstas e destacando alguns dos seus resultados obtidos. Por fim, na seção 4.2.1, projetamos o potencial do nosso modelo para expressar a diversidade de contextos estilísticos de fala narrativa na entrevista, discutindo sobre o quão refinada pode ser a sua análise para diferenciar estilos de narrar (níveis de atenção à fala narrativa). Para apoiar as discussões, efetuamos uma comparação entre o que se espera obter usando o nosso modelo e usando o modelo de análise da Árvore de Decisão.

5.2 REVISÃO DAS QUESTÕES E HIPÓTESES GERAIS

Este trabalho busca responder a três questões gerais (seção 1.2.2). A primeira delas pergunta: *como revisar a abordagem estilística da sociolinguística laboviana em relação à fala encontrada em narrativas orais, de modo a refinar o procedimento de análise dessa abordagem?*

A hipótese que oferecemos para essa primeira questão diz ser possível revisar (para refinar) o tratamento oferecido pela sociolinguística laboviana para a análise estilística da fala encontrada em narrativas orais na entrevista (fala narrativa) desenvolvendo um novo modelo de análise estilística que contemple somente a fala narrativa.

O novo modelo de análise da fala narrativa (*i*) está baseado em um único critério contextual, desenvolvido a partir dos critérios de análise da Árvore de Decisão (LABOV, 2001a) que se baseiam em contextos de narrativa na entrevista (*Narrative*, *Kids* e, em certa medida, *Residual*); (*ii*) adota a ideia de que os critérios contextuais de base narrativa da Árvore de Decisão têm um caráter multidimensional (ECKERT, 2001; GÖRSKI, 2011), ou seja, têm efetivamente como referência elementos particulares do contexto em que a fala narrativa ocorre na entrevista; (*iii*) evidencia que o novo critério de análise identifica um estilo de narrar em função de certos elementos do contexto da fala narrativa na entrevista, tal que o efeito de atenção à fala de um estilo de narrar seja a combinação dos efeitos de atenção à fala individuais desses elementos contextuais; (*iv*) torna-se capaz de refinar a análise da Árvore de Decisão identificando mais nuances de estilos de narrar à medida que referenciar mais elementos do contexto da fala narrativa na entrevista.

Validamos essa primeira hipótese apresentando como resposta

o todo das contribuições desenvolvidas ao longo dos capítulos 2, 3 e 4, trazidas de forma panorâmica na seção anterior. Desenvolvemos um novo modelo de análise estilística baseando-se em uma nova definição de *fala narrativa* (como relato de acontecimento passado, vide seção 3.2) que é mais ampla do que a noção de narrativa adotada pela Árvore de Decisão (mecanismo para induzir o entrevistado a desenvolver uma fala casual na entrevista, com baixo audiomonиторamento, vide seção 2.1.2.2). Essa revisão foi necessária a fim de cumprir com a condição (i) da primeira hipótese desta dissertação: o novo modelo deve considerar os critérios de base narrativa da Árvore de Decisão (*Narrative*, *Kids* e, em certa medida, *Residual*), o que implica aceitar, além da narrativa de experiência pessoal (prevista em *Narrative*) e da narrativa pessoal com temática sobre a infância (prevista em *Kids*), outros formatos de narrativa que não estão previstos na definição laboviana de narrativa: as narrativas habituais não classificáveis em *Kids* (“pseudonarrativas” para Labov), as narrativas de experiência vicária, entre outros.

O critério de análise do novo modelo está baseado em uma *descrição de contexto de fala narrativa* que expressa as diferenças de estilos de narrar através de um conjunto de parâmetros estilísticos da fala narrativa. A definição de um *parâmetro estilístico da fala narrativa* obedece a duas condições fundamentais: primeiro, um parâmetro deve corresponder a um *elemento do contexto* em que a fala narrativa é realizada na entrevista (isto é, trata-se de um parâmetro contextual); ademais, um parâmetro deve postular um *efeito de atenção à fala* para o elemento do contexto com o qual tem correspondência.

A presença dos parâmetros estilísticos na descrição de contexto de fala narrativa do novo modelo nos permite cumprir com a condição (ii) da primeira hipótese desta dissertação, visto que, com eles, se torna possível evidenciar que o critério de análise do novo modelo se baseia em um conjunto de fatores do contexto em que a fala narrativa é realizada na entrevista, dotando o novo modelo de um caráter multidimensional. Ao mesmo tempo, tal presença dos parâmetros estilísticos nos permite cumprir com a condição (iii) da primeira hipótese desta dissertação, visto que, também com eles, conseguimos postular um efeito de atenção à fala narrativa (estilo de narrar na entrevista) como o resultado da combinação dos efeitos individuais de atenção à fala dos fatores que compõem a descrição de contexto do novo modelo. Nesse sentido, quanto mais parâmetros estilísticos forem definidos no modelo, mais nuances de efeito de atenção à fala narrativa podem ser identificadas, indo além da possibilidade oferecida pela Árvore de Decisão, que diferencia a fala narrativa somente como fala casual. Este último

item nos permite cumprir com a condição (iv) da primeira hipótese da dissertação.

A segunda questão (derivada da primeira) a que esta dissertação busca responder está formulada da seguinte maneira: *do ponto de vista conceitual, que propriedades devem ter os elementos que definem o critério contextual do novo modelo de análise estilística da fala narrativa?*

A nossa hipótese em relação a essa segunda questão diz que os elementos que formam o critério contextual do novo modelo devem ocorrer nos domínios de realização da fala narrativa na entrevista, bem como presumir efeitos de atenção à fala. Diz ainda que esses elementos podem aderir a categorias discursivo-situacionais, tais como o tópico discursivo e alguns aspectos da textualização narrativa.

Validamos a segunda hipótese apresentando como resposta o desenvolvimento da descrição de contexto de fala narrativa nos capítulos 3 e 4 (neste último, mais precisamente em sua seção 4.1, sobre a organização do novo modelo). O critério de análise do novo modelo é um critério contextual, ou seja, baseado em uma *descrição de contexto de fala narrativa*. Essa descrição de contexto é composta por dois aspectos: (a) a *noção de fala narrativa*, que traz uma definição revisada do que é narrativa na entrevista (ao menos em relação às entrevistas da amostra que nos servem de referência neste trabalho) e que presume um efeito geral de atenção à fala, correlacionado com o que denominamos relevância da experiência passada sendo narrada para o entrevistado; (b) os *parâmetros estilísticos da fala narrativa*, que diferenciam as falas narrativas em termos de alguns fatores encontrados no contexto da fala narrativa na entrevista (novamente, pelo menos nas entrevistas da amostra de referência para este trabalho) e que também presumem efeitos de atenção à fala, porém individuais, um para cada parâmetro estilístico. Uma diferença importante entre esses dois aspectos da descrição de contexto do novo modelo é que, enquanto a noção de fala narrativa é rígida, nuclear e não manipulável, os parâmetros estilísticos são flexíveis e reajustáveis.

De fato, ambos os aspectos da descrição de contexto de fala narrativa do novo modelo aderem a categorias discursivo-situacionais, buscando formar interface com outros estudos linguísticos. A noção de fala narrativa está organizada de início tendo em vista a noção pragmática de mundos narrado e comentado de Weinrich (WEINRICH, 1968 apud KOCH, 1987) e a propriedade de estabilidade relativa da sequência textual de Adam (ADAM, 1992 apud BONINI, 2005)².

²Vale dizer que iniciamos a nossa elaboração com uma noção de modos de tex-

A ideia de diferenciar a fala narrativa em termos dos parâmetros estilísticos surge de uma percepção da propriedade de estabilidade relativa da sequência textual: em suma, a ideia de que há algo na fala narrativa que é estável, recorrente pela sua incidência nas realizações da entrevista sociolinguística, e que é relativo, que distingue uma realização da fala narrativa (em uma situação comunicativa) de outras ocorrências de fala narrativa (em um histórico de outras situações comunicativas). Sendo assim, identificamos juntamente com outros autores que elementos como o discurso reportado (ZILLES; FARACO, 2002), bem como o tópico discursivo e alguns aspectos da textualização narrativa (p. ex., a existência de uma figura central na narrativa), haja vista as indicações existentes na formulação da narrativa de experiência pessoal (LABOV, 1997; LABOV; WALETZKY, 2003 [1967]), podem diferenciar a fala narrativa na entrevista e, além disso, funcionar como potenciais condicionantes para a variação estilística.

A terceira e última questão (conexa à segunda) a ser respondida por esta dissertação está descrita da seguinte forma: *como se articulam os elementos que definem o critério contextual do novo modelo de análise estilística da fala narrativa, permitindo que esse critério contextual identifique diferentes efeitos de atenção à fala narrativa (diferentes estilos de narrar na entrevista)?*

A hipótese que oferecemos para essa questão diz que os elementos que formam o critério contextual do novo modelo se articulam graças a um índice comum de atenção à fala a que estão associados, o que permite que eles sejam combinados (através dos seus efeitos individuais) para produzirem diferentes efeitos integrais de atenção à fala correlacionados com tal critério contextual.

Verificamos essa hipótese na medida em que estabelecemos que todos os elementos do critério contextual do novo modelo (a noção de fala narrativa e os parâmetros estilísticos da fala narrativa) devem estar associados a uma dimensão de atenção à fala (vide validação da hipótese anterior) e que projetamos que diferentes combinações desses elementos (no caso, os elementos manipuláveis do critério contextual, os parâmetros estilísticos da fala narrativa) levam a efeitos potencialmente distintos de atenção à fala na entrevista (vide discussão na seção 4.2.1). No entanto, esta dissertação não responde em que medida esses variados efeitos efetivamente se diferenciam, tampouco como eles

tualização (diferentes maneiras de desenvolver um texto discursivo na entrevista) inspirada na categoria de gênero (BAKHTIN, 1997), com o propósito bastante específico de aludir à ideia de estabilidade relativa, de que Adam (1992), segundo Bonini (2005), se vale para desenvolver o seu conceito de sequência textual.

estão organizados em uma escala unificada de atenção à fala narrativa, questões que deixamos por ora em aberto (conforme relatado no fim da seção 4.2.1).

5.3 CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DA DISSERTAÇÃO

Tendo em vista os seus objetivos, esta dissertação contribui para uma revisão da abordagem laboviana de análise estilística da fala narrativa, ou seja, da fala que aparece em narrativas orais dentro da entrevista sociolinguística. Ao revisarmos a abordagem laboviana de análise estilística da fala narrativa propondo um novo modelo, não somente questionamos a sua propriedade, como também buscamos o seu refinamento e a sua adequação como procedimento de pesquisa, haja vista a realidade das muitas amostras de entrevista sociolinguística existentes que foram constituídas nos moldes da investigação laboviana. No cenário da sociolinguística variacionista brasileira, conforme mencionamos no início do capítulo 1, é o caso de alguns grupos de pesquisa que mantêm consideráveis acervos de entrevista organizados à luz da metodologia de pesquisa da sociolinguística variacionista laboviana, tais como o Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) (VARSUL, 2013), o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) (PEUL, 2013) e o VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba) (HORA; PEDROSA, 2001), para citarmos apenas alguns.

Nesse sentido, esperamos ao menos duas contribuições associadas aos desenvolvimentos deste trabalho. No caso geral, este trabalho espera contribuir para ampliar o potencial de aplicação da abordagem estilística laboviana, ajudando a consolidá-la como referência para o desenvolvimento de procedimentos de análise quantitativa da variação estilística. Mais especificamente, este trabalho espera contribuir para fortalecer o estudo da variação estilística no âmbito da sociolinguística variacionista brasileira, cujo enfoque tradicional tem sido privilegiar o estudo da variação/mudança sob a ótica dos fatores estruturais da língua e sociogeográficos das comunidades de fala, conferindo menor atenção aos fatores estilísticos da variação.

Esta dissertação ainda contribui para o quadro de estudo da variação/mudança à medida que ajuda a elucidar questões gerais sobre a participação dos níveis discursivo e pragmático em fenômenos de variação e mudança (MOLLICA; RONCARATI, 2001, p. 46). Essa participação é importante, visto que, conforme destaca Coupland (2007, p. 3), não basta somente compreender os usos linguísticos em termos

dos dialetos sociais (“estilos sociais” segundo aquele autor), âmbito da variação organizada segundo as categorias de *status* social, privilegiadas pela pesquisa laboviana. É preciso também examinar os usos linguísticos no que diz respeito a como os estilos sociais são instanciados nas situações comunicativas, de acordo com propósitos simbólicos variados.

Para além do que já foi dito no fim da seção 4.2.1, finalmente queremos destacar (de forma não exaustiva) algumas limitações desta dissertação. Primeiro, porque o modelo de (re)análise estilística que propomos se apoia em um quadro teórico-metodológico que também esbarra em seus limites de atuação. Por exemplo, ao trabalharmos com a abordagem estilística laboviana (estilo correlacionado com a atenção à fala), fatalmente assumimos a premissa de que, na fala casual (com baixo audiomonиторamento), o entrevistado produz mais frequentemente a forma variante local (identificada com a sua comunidade de fala, avaliada como “não padrão”), enquanto, em oposição, na fala monitorada (com audiomonиторamento), o entrevistado produz mais frequentemente a forma variante não local (identificada com a imagem de um falante filiado a um grupo social de prestígio, avaliada como “padrão”).

Parafraseando Coupland (2007, p. 38), é como se, ao enveredar por uma fala cuidadosa (ou formal), o entrevistado tivesse a intenção de projetar a si mesmo como um indivíduo-falante pertencente a um grupo social de grande prestígio. Embora o autor não descarte a ocorrência desse fenômeno, o seu questionamento permanece em relação ao pressuposto laboviano para que o falante alterne entre variantes estilísticas, saindo de uma fala casual para uma fala mais monitorada: em suma, a possibilidade de se reposicionar socialmente empregando diferentes variantes que, reconhecidamente, estão associadas *a priori* a grupos humanos (hierarquicamente situados) com certo *status* social, o que implica reconhecer, ainda que em outros termos, a dominância de uma prescrição de uso da língua. Logo, a abordagem estilística laboviana não prevê uma situação em que, digamos, um falante monitora a sua fala para produzir mais frequentemente variantes locais, e não variantes padrões, apelando, conforme assinala Schilling-Estes (2007), para um aspecto performativo da língua mais amplo, através do qual os falantes se valem dos recursos linguísticos para reconstituir uma identidade (sem necessariamente aludirem a uma estrutura social hierarquicamente estratificada).

Portanto, vale ressaltar que a nossa proposta de modelo de análise assume como premissa a operação de variáveis estilísticas com reconhe-

cida estratificação social para os falantes que delas fazem uso, caso de variáveis que abrigam formas linguísticas alternativas que se diferenciam socialmente em oposições como “variante padrão” *versus* “variante não padrão”, “variante culta” *versus* “variante popular”, “variante de prestígio” *versus* “variante estigmatizada”, etc. Essa ressalva certamente restringe o escopo de aplicação do modelo de análise sendo proposto por esta dissertação.

O segundo ponto que desejamos destacar sobre as limitações deste trabalho diz respeito a alguns aspectos do seu desenvolvimento que merecem ser mais imediatamente retrabalhados ou que permanecem deixados em aberto. O parâmetro estilístico “Alteração do tom” é um dos aspectos que merece reconsideração. Reconhecemos a dificuldade da sua operação, que propõe diferenciar certos trechos de fala narrativa quanto a se a voz do entrevistado experimenta (ou não) alguma modificação mais sutil em termos de aceleração do ritmo da fala ou aumento do volume da voz. A operação desse parâmetro se torna complicada na medida em que dependemos de uma avaliação impressionística (por oitiva) para delimitar se determinado trecho de fala narrativa apresenta (ou não) algumas das alterações do tom previstas, ainda que nos embasemos em trechos da voz do entrevistado para referência. Uma maneira que vislumbramos por ora para aperfeiçoar o diagnóstico da alteração do tom é, ao lado da avaliação impressionística, dotar a análise de um instrumento mais sofisticado de análise acústica da fala, que nos permita examinar mais precisamente as flutuações de certos aspectos do tom considerados (p. ex., o *software Praat*³).

5.4 DESDOBRAMENTOS DE PESQUISA

Haja vista as limitações desta dissertação e outros pontos relacionados, prevemos (de forma não exaustiva) as seguintes tarefas de pesquisa como desdobramento do trabalho atual:

- **Testagem e validação quantitativa do novo modelo proposto:** como continuidade deste trabalho, é necessário aferir a eficácia do novo modelo proposto como referência para a construção de instrumentos mais específicos de análise quantitativa de fenômenos variáveis condicionados estilisticamente. Nesse sentido, dado um instrumento específico de análise quantitativa, torna-se possível averiguar em relação ao nosso modelo proposto:

³Disponível em <<http://www.praat.org/>>.

(a) em que medida as hipóteses de efeito de atenção à fala dos parâmetros estilísticos do modelo são confirmadas; (b) como os efeitos de atenção à fala narrativa previstos pelo modelo estão efetivamente diferenciados entre si, bem como ordenados em uma escala de atenção à fala;

- **Elaboração de novos parâmetros estilísticos da fala narrativa:** uma segunda tarefa de pesquisa, relacionada à tarefa citada anteriormente, é trabalhar na perspectiva de desenvolver outros parâmetros estilísticos para o modelo proposto nesta dissertação, cuja formação atualizada também deverá ser testada e validada quantitativamente;
- **Formação de futuros modelos de análise estilística para as textualizações do mundo comentado:** a exemplo do que realizamos nesta dissertação para a fala narrativa, vislumbramos a tarefa de desenvolver novos modelos de análise estilística que contemplem a fala veiculada nos modos de textualização do mundo comentado (não narrado), tais como a opinião e a explicação, ampliando o alcance de análise para outras passagens de fala na entrevista sociolinguística.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- _____. Análise textual de inserções da narrativa na entrevista e debate políticos. In: ADAM, J.-M. et al. (orgs.). *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 127–143. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Paseggi e João Gomes da Silva Neto.
- BACK, A. C. P. et al. Classificação das seqüências discursivas em entrevistas sociolinguísticas. In: *Anais do 6º Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL*. Florianópolis: [s.n.], 2004.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Tradução do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira.
- BAUGH, J. A Dissection of Style Shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2001. p. 109–118.
- BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, n. 13, p. 145–204, 1984.
- BONINI, A. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 208–236.
- COUPLAND, N. *Style: Language Variation and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ECKERT, P. Style and Social Meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2001. p. 119–126.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa – Instrumental de Análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GÖRSKI, E. M. A variação estilística na ótica da sociolinguística laboviana: (re)dimensionando o papel do contexto. In: *Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros textuais (SIGET)*. Natal: [s.n.], 2011.

HORA, D.; PEDROSA, J. L. R. *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Editora Idéia, 2001.

HYMES, D. The Ethnography of Speaking. In: GLADWIN, T.; STURTEVANT, W. (Ed.). *Anthropology and Human Behaviour*. Washington, D.C.: Anthropological Society of Washington, 1962.

KLEIBER, G. *La sémantique du prototype: catégorie et sens lexical*. Paris: PUE, 1990.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Language in the Inner City: Studies in Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation*. Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

_____. Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Ed.). *Language in Use*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984. p. 28–53.

_____. Some Further Steps in Narrative Analysis. In: *Journal of Narrative and Life History*. [S.l.: s.n.], 1997. v. 7, n. 1–4, p. 395–415.

_____. The Anatomy of Style Shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2001. p. 85–108.

_____. *Principles of Linguistic Change. Volume 2: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: The Essential Readings*. Oxford: Blackwell, 2003 [1969]. p. 234–250.

_____. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1966].

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003 [1967]. p. 74–104.

LAVANDERA, B. Where Does the Linguistic Variable Stop? *Language and Society*, v. 7, n. 2, p. 171–182, 1978.

MAHL, G. People Talking When They Can't Hear Their Voices. In: SIEGMAN, A.; POPE, B. (orgs.). *Studies in Dyadic Communication*. New York: Pergamon Press, 1972.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MOLLICA, M. C. de M.; RONCARATI, C. N. Questões Teórico-Descritivas em Sociolinguística Aplicada e uma Proposta de Agenda de Trabalho. In: *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Aplicada e Teórica (D.E.L.T.A.)*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2001. v. 17, n. esp., p. 45–55.

MONGUILHOTT, I. de Oliveira e S. *Estudo Sincrônico e Diacrônico da Concordância Verbal de Terceira Pessoa do Plural no PB e no PE*. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. d.; MACEDO, A. T. de. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11–49.

PAREDES SILVA, V. L. Os gêneros de discurso na sociolinguística laboviana. *Boletim da ABRALIN*, v. 23, p. 81–93, 1999.

_____. Narrativa projetada. In: *Anais do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Caxias do Sul: [s.n.], 2009. v. 1, p. 1–13.

PEUL. *Página Web do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*. 2013. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/peul/>>. Acesso em 08 mai. 2013.

PRETI, D. *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFCLH/USP, 1999. 224 p.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (orgs.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978.

SCHERRE, M. Speech Community. In: *Encyclopedia of Language & Linguistics*. [S.l.]: Elsevier, 2006. v. 11, p. 716–722.

SCHILLING-ESTES, N. Investigating Stylistic Variation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The Handbook of language variation and change*. [S.l.]: Blackwell Publishing, 2002. p. 375–401.

_____. Stylistic Variation and the Sociolinguistic Interview: a Reconsideration. In: *XXV Congreso Internacional de AESLA (Asociación Española de Lingüística Aplicada)*. Murcia, Espanha: [s.n.], 2007. p. 971–986.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. *Revista Voz das Letras*, v. 9, p. 01–17, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VALLE, C. R. *SABE? NÃO TEM? ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. 183 f. Tese (Mestrado em Lingüística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VANDRESEN, P.; COELHO, I. L. Formação e políticas de disponibilização do banco varsul. In: GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. de (Ed.). *Língua Portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*. [S.l.: s.n.], 2008. p. 75–86.

VARSUL. *Página Web do Projeto Variação Linguística da Região Sul*. 2013. Disponível em <<http://www.varsul.org.br>>\$. Acesso em 08 mai. 2013.

VOLOCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968]. Tradução: Marcos Bagno.

WEINRICH, H. *Tempus. Besprochene und Erzählte Welt*. Madrid: Ed. Gredos, 1968. Trad. esp.

WERLICH, E. *A Text Grammar of English*. Heidelberg: Quelle und Meyer, 1983 [1976].

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em *corpus* de língua oral. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 15–46.

ANEXO A – Sumário das normas de transcrição das entrevistas

Apresentamos neste anexo um sumário das normas de transcrição das entrevistas sociolinguísticas contempladas por esta dissertação. As transcrições das entrevistas em sua grande parte utilizam a notação adotada pelo Projeto Norma Urbana Culta (NURC) conforme relata Preti (1999).

Separamos a apresentação das normas de transcrição em duas partes. O Quadro 5 a seguir traz a primeira parte, que reproduz as notações do NURC que foram assumidas neste trabalho (algumas com pequenas alterações).

Quadro 5 – Normas de transcrição das entrevistas: notações do Projeto NURC (PRETI, 1999) (com pequenas alterações).

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do nives de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento ¹	/	aí eu fiz pelo SUS+e levou três meses... isso foi em janeiro fevereiro mar/ ABRIL...
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda

¹Em Preti (1999), a notação / sinaliza inclusive truncamento havendo homografia, em que se usa “acento indicativo da tônica e/ou timbre” (p. ex., E comé/ e reinicia). No nosso caso, a notação / indica simplesmente truncamento de segmentos. Para a transcrição de truncamento havendo homografia, reconstituímos as formas envolvidas e as combinamos com a notação + (p. ex., E como+é e reinicia). A respeito da notação +, vide Tabela ??).

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	: para prolongamento breve e :: para quaisquer prolongamentos mais extensos ²	Ao emprestarmos éh:: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
<p>1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc);</p> <p>2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?)³;</p>		

²Originalmente, a notação é :: para um prolongamento breve e vários :: para os seus respectivos prolongamentos mais extensos.

³Similarmente, alguns marcadores discursivos, tais como sabe?, né?, entendeu? (e variantes: tendeu? tendesse?).

3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados;
4. Números por extenso;
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa);
6. Não se anota o cadenciamento da frase;
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:... (alongamento e pausa);
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

O Quadro 6 apresenta as notações utilizadas especialmente nesta dissertação. Elas são complementares às exibidas no Quadro 5.

Quadro 6 – Normas de transcrição das entrevistas: notações complementares.

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas com colchetes números indexados	E: Tu tá brin[6 cando 6] F: [6 Ahn 6] E: Ela desmaiou? ((com tom de espanto)) F: Ela desmaiou... ãh não ((a)gumentou né? [7 de certo né? 7] E: [7 Na rua? 7]

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Citações literais de textos, durante a gravação	'para a fala reportada do próprio informante' "entre aspas duplo para o outro interlocutor"	Aí eu disse+assim 'por que do((u))tor?'... ele assim "pegasse/ pegasse a tua biópsia?" (Eu disse+assim) 'peguei'... Aí ele assim:: aí eli pego((u)) a biópsia... viu (e ele disse assim ó)... "infelizmente... você tá com tumor no estômago"
Para resolver possíveis ambiguidades geradas pela falta de pontuação		DIRETO... não olha só o que que+ele fez coMIGO...
Para somar segmentos sonoros que se combinam	+	eu disse 'meu Deus pra onde+é que+eu vo((u))?'
Para indicar supressão de longos trechos de fala (possivelmente de ambos entrevistado e entrevistador)	[...]	E: o que que é fica(r) [1 na vigia? 1] F: na vigia é: tu fica:(r) VENDO+O PE((I))XE... ((trecho longo de explanação sobre o que é a vigia)) [...]